

3
//
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

EXPOSIÇÃO
DA
PRONUNCIA NORMAL PORTUGUESA

PARA USO DE

NACIONAES E ESTRANGEIROS

MEMORIA DESTINADA À A SESSÃO

DO

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS ORIENTALISTAS

POR

A. R. GONÇALVES VIANNA

S. B. G. L.



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1892

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

EXPOSIÇÃO

DA

PRONUNCIA NORMAL PORTUGUESA

PARA USO DE

NACIONAES E ESTRANGEIROS

MEMORIA DESTINADA Á X SESSÃO

DO

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS ORIENTALISTAS

POR

A. R. GONÇALVES VIANNA

R. S. G. L.



B. 12.802

LISBOA

IMPRESSA NACIONAL

1892

Wm. L. Schuchert
19 Mar 1926

PARTE I

NOCÕES PRELIMINARES

Nomenclatura

I. Para melhor intelligencia do que vai ser exposto, julgamos não serem descabidas aqui algumas generalidades sobre a phonética ou theoria dos sons da falla humana, mormente porque não há, que nós conheçamos, em portuguez mais que um escrito que trate della com certo desenvolvimento, e esse, em razão do exiguo número de exemplares que foram dados á estampa, unica pôde chegar ás mãos do público, nem janais foi exposto á venda, sendo hoje impossivel adquiri-lo. Refiro-me á *Evolução da Linguagem*¹ do douto e competentissimo philólogo e romanista José Leite de Vasconcellos, á qual remetto o leitor para elucidação da constituição anatomica do apparelho da falla, transcrevendo aqui essa descrição, doutrina que também se pode ver em qualquer tratado de anatomia, e, entre outras, nas seguintes publicações espeziaes, muito recommendáveis :

Chavée : *Enseignement scientifique de la lecture.*

Alexander Melville Bell : *Popular Manual of Vocal Physiology.*

R. Lepsius : *Standard Alphabet*, 1863.

E. Brücke : *Grundzüge der Physiologie und Systematik der Sprachlaute*, 1876.

Eduard Sievers : *Grundzüge der Lautphysiologie*, 1876.

H. Sweet : *Handbook of Phonetics*, 1877.

¹ ... Ensaio anthropologico (apresentado á Eschola Medica do Porto) como dissertação inaugural. Porto, Typographia Occidental, 1886.

Johann Storm: *Engelsk Filologi*, 1879. *Omrids af Fonetik*, in *Norvegia I*.

J. A. Lyttkens och O. A. Wulff: *Svenska Språkets Ljudlära och Beteckningslära*, 1885.

Wilhelm Viëtor: *Elemente der Phonetik und Orthoepie des Deutschen, Englischen und Französischen*, 1887.

J. A. Lundell: *Det Svenska Landsmålalfabetet*.

Beyer: *Französische Phonetik für Lehrer und Studierende*, 1888.

P. Passy: *Étude sur les changements phonétiques et leurs caractères généraux*, 1890.

Beyer und Passy: *Das gesprochene Französische*, 1893. 2ter Teil.

•O aparelho phonador no homem compõe-se das seguintes partes: a *larynge*, continuação natural da tracheia, que por seu turno communica com os pulmões por meio dos bronquios; a *pharynge*, que se relaciona com a parte superior da larynge; as *fossas nasales* e a *boca*, que estão em correspondencia directa com a pharynge. Não posso aqui fazer uma descripção minuciosa de todas estas partes; por isso deter-me hei apenas um momento com a larynge, reservando-me para fallar dos outros órgãos mais tarde, quando isso me for necessario.

Nota-se na larynge um esqueleto, um revestimento e uma cavidade. O esqueleto é constituído fundamentalmente pelas seguintes cartilagens: *tyroideia*, — ou simplesmente *tyroide* ou *cartilagem scutiforme*, como lhe chamavão os antigos médicos portuguezes —, impar, que representa a parede anterior do órgão; *arytenoideia*, porque, com as cartilagens accessorias (de Santorini e de Wrisberg), concorre para formar a parede posterior; *cricoideia*, — ou simplesmente *cricoide* ou *cartilagem annular*, impar, que não passa de um simples anel modificado da tracheia, e serve de base á larynge; accresce ainda a *fibro-cartilagem sesamoideia* (pouco constante) e a *epiglottis* ou *opérculo*. — O revestimento é composto de ligamentos, músculos, mucosa, vasos e nervos. Interessa-me agora só fallar de músculos: elles servem para fazer mover a larynge na sua totalidade (músculos extrínsecos) e para actuar directa ou indirectamente na parte vibrante do órgão (músculos intrínsecos). — Costuma-se dividir a cavidade laryngea em duas secundarias, tomando como ponto de partida a *glotte*: cavidade *supra-glottica* e cavidade *infra-glottica*. A *glotte*, a parte mais importante de todo o aparelho phonador, é uma estreita abertura, limitada adiante pelas *cordas vocales inferiores* (*glotte vocal* ou *ligamentosa*), e atrás pela face interna das cartilagens arytenoidicas (*glotte respiratoria* ou *cartilaginea*); representa um triângulo de vértice anterior, mas pode tomar muitas formas, pois se alonga na occasião do repouso e durante a producção dos sons graves, e se estreita durante a producção dos sons agudos,

e em geral na phonação. O diametro antero-posterior no homem regula por 20 — 24 millim.; na mulher por 16 — 18. Este facto tem importancia para a apreciação da physiologia da voz nos dois sexos. As cordas vocaes inferiores, em numero de duas, uma de cada lado, não são, como á primeira vista parece, verdadeiras cordas, mas simples relevos da superficie interna da larynge, constituídos pelo musculo thyro-arytenoideu interno, pelo ligamento thyro-arytenoideu inferior, e pela mucosa. — Na cavidade supra-glóttica, em que podemos incluir o orificio de communicação da larynge com a pharynge, distingue-se ainda: o *vestibulo da larynge*, que vae desde aquelle orificio até ás cordas vocaes superiores; e a *porção inter-ventricular*, que vae desde aquellas cordas até ás inferiores. As cordas vocaes superiores, também em numero de duas, uma para cada lado, são formadas por uma prega da mucosa e pelo ligamento thyro-arytenoideu, e inserem-se anteriormente no angulo da cartilagem thyroideia, três millímetros acima das *cordas vocaes inferiores*, e posteriormente na face anterior da arytenoideia. Ao lado da glotte, entre as duas cordas superior e inferior, do mesmo lado, há um fundo de sacco chamado *ventriculo da larynge* ou de *Morgagni*, que como que faz destacar as cordas vocaes inferiores, e permite assim que ellas vibrem. — A cavidade infra-glóttica continúa-se insensivelmente com a tracheia.

2. Os sons da falla humana são produzidos por um de dois modos: 1.º **Expiração**, 2.º **Inspiração**, do ar.

Estes elementos ou sons denominam-se **phonemas**, quando proferidos, e **letras** quando representados pela escrita. Assim **letra** é o símbolo gráfico que expressa para a vista um elemento da falla humana, um soído della, um **phonema**.

3. Todos os sons se subordinam a um de dois systemas: 1.º **Vogaes**, 2.º **Consoantes**.

No primeiro systema de sons, os elementos, **Vogaes**, são produzidos por expiração e mediante disposição dos órgãos da falla, sem contacto delles, ou fricção do ar na sua passagem: *a, i, u*. No segundo systema, **Consoantes**, o phonema é produzido, ou pela fricção do ar, constrangido a passar pelo canal formado por dois órgãos factores do som, e esses phonemas são então chamados **Consoantes continuas**: *f, v, s, z, x, j*; ou pela expulsão do ar após a separação súbita de dois órgãos factores, entre os quaes se havia estabelecido proclusão, ou contacto previo, e neste caso os phonemas denominam-se **Consoantes dividuas** ou **momentaneas**: *p, b, t, d, k, g*.

Os phonemas que podem ser considerados como **vogaes** ou como **consoantes** appellidam-se **semivogaes**: *i, d*.

4. O contacto dos dois órgãos factores pode ser perfeito, como nas *divíduas*, ou imperfeito. Neste último caso, o de contacto imperfeito, podem ainda os órgãos factores interceptar completamente a passagem do ar em um ponto, e deixarem-na livre em outro; ou pode o ar ser interceptado por dois órgãos factores em um ponto, e ter passagem livre em outro diverso do contacto desses órgãos. No primeiro caso temos as *consoantes ancípites*: *l*, *l*[*h*], *r*, *r̄*; no segundo as *resonantes* ou *nasaes*: *m*, *n*, *n*[*h*], *ŋ*. Ambas estas classes pertencem á categoria das *Continuas*, ou porque a passagem do ar não é de todo vedada pelos órgãos factores, e a consoante é emittida durante o contacto parcial, como nas *ancípites*; ou porque, no momento da separação súbita dos dois órgãos factores, já o ar adquiriu resonancia nas fossas nasaes, e começou a ser expellido antes da separação desses órgãos, como nas *consoantes nasaes*.

5. As *Continuas*, nas quaes a passagem do ar é ininterrupta, e portanto o sibilo por elle produzido é homogéneo e sensível ao ouvido, podendo prolongar-se indefinidamente, chamam-se *Fricativas* e *Sibilantes*: *v*, *f*, *x*, *j*; *s*, *z*.

6. As *ancípites* e até as *explosivas sonoras*, quando são *assibiladas*, isto é, quando na sua emissão há uma fricção, ainda que tenue, do ar nas paredes formadas pelos órgãos factores, são por isso uma casta de fricativas: *b*, *d*, de *cabo*, *medo*; o *r̄* inicial em contacto com fricativa, *r̄* de *Israel*.

7. O limite entre *vogal* e *consoante*, conquanto estabelecido pelas *semivogaes*, não é completamente definido. Assim, a *vogal extrema de serie*, *i*, *u*, é o primeiro termo de progressão de apêrto dos órgãos factores, cujo termo derradeiro são as *momentaneas* da sua serie: *u*, *ú*, *e*, *ê*, *l*, *p*.

8. Estas progressões chamam-se *series primarias*. Dellas há três: 1.^o *Faucal*, que tem origem na *glotte* e termina no ponto de contacto entre o ápice da lingua e os gumes dos dentes incisivos superiores; 2.^o *Palatal*, comprehendida entre o extremo posterior do *palato duro* (céu-da-boca) e a depressão que o separa das *genivas* dos incisivos superiores; 3.^o *Labial*, que vem da *glotte* aos *labios*.

9. O limite entre *vogal* e *consoante* não é perfeitamente definido: as quatro *Categorias primarias*, 1.^o *Vogaes*, 2.^o *Semivogaes*, 3.^o *Continuas*, 4.^o *Momentaneas*, ou *Divíduas*, vão-se succedendo gradualmente em cada serie.

10. Com fundamento ainda no maior ou menor apartamento dos órgãos factores, estabelecem-se divisões nestas quatro categorias. Assim, as **Continuas** repartem-se em **nasacs**, **ancípites** e **fricativas**; as **Dividuas**, ou **Momentaneas**, em **assibiladas**, **explosivas**, **implosivas** e **inspiradas**.

Estas últimas são produzidas por sucção, exercida sobre o órgão passivo pelo órgão activo, que é sempre o mais móbil dos dois, e o ar, expirado até o momento da detonação, isto é, até aquelle em que o contacto cessa, reverte por inspiração. Estas consoantes são como elementos de falla articulada, peculiares das linguas dos hottentotes, boximanes e cafres zulos, não existindo actualmente, nem tendo existido, que deixassem memoria, em outras, nomeadamente as europeias, senão interjectivamente, ou como imitação de sons estranhos a ella. Um desses phonemas muito nosso conhecido é o que emittimos como interjeição de impaciencia, tirando dos alvéolos dos incisivos superiores, com o ápice da lingua, o soido.

Indicamos as consoantes inspiradas por um traço anteposto ao symbolo da explosiva surda, e parallelo á haste d'elle: /p, /t, /k, ou pelo signal (,) subscripto. Esta divisão das categorias diz-se por classes.

11. As ancípites dividem-se em duas sub-classes. Ou a passagem do ar se opera nas margens da lingua, formando esta contacto no centro, e neste caso a ancípite é lateral: l; ou essa passagem é effectuada pelo centro, e então a ancípite é central: r, r̄. Pode haver, por assimilação parcial, t e d lateraes, como no inglês fiddle = fidl. Um traço horizontal rematando a haste da letra (d) pode indicar essa particularidade.

12. Há duas variedades da ancípite central. Na primeira, o ar é expellido de uma vez sem interrupção, e a consoante chama-se ancípite lene: o r de carro; na 2.ª variedade a expiração do ar é intermittente, por contactos successivos, mais ou menos repetidos, resultantes da vibração communicada ao órgão activo, e assim, a ancípite central tem o nome de vibrante ou vibrada: o r de carro, que representamos pelo symbolo tradicional (r).

13. Há um r lene que começa pela emissão de l, e é proferido com a ponta da lingua na parede anterior da depressão que separa das gengivas dos incisivos superiores o palato duro. Devia ser esse o valor do symbolo védico Ṛ, pelo qual este phonema é também representado no conceani escrito em devanágrico: figuramo-lo por Ṛ.

14. Na emissão dos sons pode, ou não, haver concurso da aproximação das cordas vocaes, vibradas pela passagem do ar. Na

condição da vibração das cordas vocaes produz-se a voz (*v*); na de ausencia della há sómente fôlgo, sôpro (*h*)¹.

Temos, portanto, dois gêneros de elementos: 1.º phonemas sonoros ou vozeados, que são aquelles na formação dos quaes concorre a vibração das cordas vocaes: *a, e, i, o, u, v, b, d, z, j, g[a], m, n, l, r*, etc.; 2.º phonemas surdos ou aphonicos, formados sem esse concurso: *f, p, t, s, x, k*, etc.

15. A divisão natural dos gêneros é em especies.

O 1.º género, phonemas sonoros, comprehende as seguintes especies: Vogaes oraes, vogaes nasaes, semivogaes, consoantes nasaes, sibilantes brandas, fricativas brandas, assibiladas brandas, explosivas brandas, e ancípites brandas, com suas assibiladas sonoras.

O 2.º género, phonemas surdos contém as seguintes especies: Semivogaes, nasaes, ancípites, ciciadas; sibilantes, fricativas, explosivas, medias; sibilantes, fricativas, explosivas, fortes, e inspiradas.

16. Medias são as brandas ciciadas, isto é, proferidas em segrêdo, e são peculiares de alguns dialectos allemães e do dinamarquês, em que substituem as brandas sonoras; pode fazer-se idéa cabal do seu valor, proferindo sem voz as brandas; para exemplo, attenda-se á differença que há entre os dois vocábulos *faço* e *vaso*, pronunciados em segrêdo. Diferencamos as medias e as ciciadas das brandas e sonoras pelo signal (*˘*) anteposto: *˘b, ˘v, ˘m, ˘d, ˘z, ˘j, ˘l, ˘r, ˘n, ˘m*. Este mesmo signal pode indicar o cicio nas vogaes e semivogaes proferidas em segrêdo: *˘a, ˘e, ˘i, ˘o, ˘u, ˘i, ˘ô*.

Sibilantes são uma variedade das fricativas, e comprehendem o chamado *h* aspirado, surdo *h*, sonoro *h̄*, ou ciciado *h̄*, e as varias articulações de *s, z, e ʒ* ciciado. Costumam ser associadas estas consoantes com as demais fricativas em uma só classe. É todavia indubitável que a pronuncia do *s* diverge muito da do *β* ou *th* inglês de *bath*, assim como também o *z* se differença consideravelmente do *ð* ou *th* também inglês de *bathe*.

A differença de formação entre *s, x* e *β*, por exemplo, não está por emquanto perfeitamente averiguada.

¹ No excellente Manual de *Francês fallado*, de Beyer e Passy, recentemente publicado, a pag. 96, lemos esta observação, relativa á differença entre voz e fôlgo: «Se taparmos ambos os ouvidos com as palmas das mãos e proferirmos uma vogal por muito tempo, percebemos um zumbido audível, que immediatamente cessa quando passamos a proferir uma consoante surda, *ssz*, por exemplo. Esse zumbido percebe-se igualmente por todo o tempo que pronunciamos uma consoante sonora, *sss*, por exemplo, ou *zzz* francês».

17. Conforme os pontos de contacto, fricção ou aproximação dos órgãos factores, dividem-se as consoantes em **series secundarias** ou ordens, subordinadas ás **series primarias**. Estas são, como dissemos, três: Faucaal, Palatal e Labial.

As ordens podem ser as seguintes :

1.º **Pharyngeas**: proferidas além do palato molle, ou velum palati.

2.º **Gutturaes**: com o dorso ou a raiz da lingua no palato molle e no extremo posterior do palato duro.

3.º **Palatinas**: com a superficie superior da lingua, (convexa, estando o ápice della dirigido para os incisivos inferiores), em toda a abóbada palatina.

4.º **Linguaes**: com a parte anterior da lingua, desde o ponto culminante da abóbada palatina até os gumes dos dentes incisivos superiores.

5.º **Labiaes**: nos lábios.

18. Os órgãos factores são pelo menos dois: um **activo**, que é o mais móbil, como dissemos, e o outro **passivo**, do qual o primeiro se aproxima, ou em que toca.

Pode qualquer movimento de outros órgãos entrar como auxiliar na producção do phonema, modificando o seu effeito acústico, a impressão que elle produz no ouvido, e nesse caso tomam os phonemas o nome de **mixtos**. Desta natureza são, por exemplo, o *ç* labializado (*š*) do francês *ch*, ou do allemão *sch*, as consoantes nasalizadas das linguas cafricas, *d̃*, *b̃*, *z̃*, etc., as palatalizadas das linguas eslavónicas, *š*, *ẓ* polacos, por exemplo, etc.

19. As divisões dos elementos phónicos, fundamentada nos órgãos activos chamaremos **secções**.

Estas secções são caracterizadas, pois, por movimentos dos órgãos activos na direcção do ponto em que o som há de ser emitido.

Contamos as seguintes **secções**:

1.º **Glottaes**: com a glotte.

2.º **Uvulares**: com a úvula (campainha).

3.º **Dorsaes**: com o dorso da lingua.

4.º **Palatinaes**: com a página superior da lingua, na sua parte anterior.

5.º **Apicaes**: com a ponta da lingua.

6.º **Sub-superficiaes** ou **reversas**: com a superficie anterior ou inferior da lingua.

7.º **Marginaes**: com uma ou as duas margens da lingua.

8.º **Labiaes**: com o labio inferior.

20. A divisão dos phonemas fundada sómente nos órgãos passivos, nos pontos, em que elles são produzidos pelos órgãos activos, nas posições, está subordinada ás Series, e como tal podemos denominá-la Divisão por Sub-series ou Series secundarias.

Contamos as seguintes:

- 1.ª Pharyngeas: além do palato molle.
- 2.ª Velares: no palato molle.
- 3.ª Póstero-palataes: na parte posterior do palato duro.
- 4.ª Medio-palataes: no meio do palato duro.
- 5.ª Ántero-palataes: na parte anterior do palato duro.
- 6.ª Cacuminaes: na depressão que separa das gengivas dos incisivos superiores o palato duro.
- 7.ª Gíngivaes: na parte convexa das gengivas.
- 8.ª Alveolares: nos alvéolos dos dentes incisivos superiores.
- 9.ª Lateraes: nos alvéolos dos molares.
- 10.ª Dentaes: da superficie interna dos incisivos superiores.
- 11.ª Interdentaes: entre os incisivos superiores e os inferiores.
- 12.ª Labiaes: no labio superior.

21. Nas Ordens estabelecem-se sub-divisões, nas quaes mais determinadamente estão fixados os pontos dos órgãos passivos em que os activos, pelas suas aproximações mais ou menos íntimas, produzem os soidos.

Chamamos-lhes articulações, e tomaremos os nomes dellas, ora nas Secções ora nas Sub-series, ora em ambas estas divisões.

Mencionamos as seguintes articulações:

- 1.ª Pharyngeas: além do palato molle: o \aleph e o γ hebraicos, o h aspirado e o \aleph arábico.
- 2.ª Póstero-gutturaes: com a raiz da lingua no palato molle: o η hebraico, o j castelhano (y).
- 3.ª Medio-gutturaes: o c e o g portuguezes antes de a, o, u .
- 4.ª Ántero-gutturaes: o qu e o gu portuguezes antes de e, i . Ambas estas já no palato duro.
- 5.ª Póstero-palataes: no palato duro, com disposição convexa da lingua: o ch allemão antes de e, i , o nh portuguez.
- 6.ª Medio-palataes: na parte anterior do palato duro, com o dorso da lingua: o x e j portuguezes antes de e, i .
- 7.ª Ántero-palataes: na metade anterior do palato duro, com a superficie superior do ápice da lingua, convexa na metade anterior: o x, j , portuguezes antes de a, o, u , o c, g , italianos antes de e, i , estes últimos dúplices e labializados.
- 8.ª Línguaes: com a ponta da lingua desde as gengivas até os dentes incisivos.

9.º **Gutturo-dentales**: linguas proferidas com um movimento do dorso da lingua para o ponto guttural: o *l* português de *sal*, as empháticas semíticas.

10.º **Marginaes**: com as margens da lingua nos alvéolos dos dentes molares: o *l* é marginal.

11.º **Gingivales**: com o ápice da lingua nas gengivas: *s*, *z*, portugueses.

12.º **Alveolares**: nos alvéolos dos incisivos superiores, com a lingua côncava: *t*, *d*, *n*.

13.º **Dentales**: com a ponta da lingua nos dentes: o *th* inglês.

14.º **Interdentales**: entre os incisivos superiores e inferiores.

15.º **Cacuminales ou Cerebraes**: com a ponta da lingua na depressão que separa do palato duro as gengivas: o *r* português, e varias consoantes dos idiomas áricos e anárlicos da India.

16.º **Reversas ou sub-cacuminales**: com a superficie anterior ou inferior da lingua nas gengivas: *s* português do norte.

17.º **Linguo-labiales**: com o ápice da lingua no labio superior: talvez o π (μ) do grego antigo, como no $\pi\tau\lambda\iota\alpha$ (*ptólia*) homérico, por $\pi\delta\iota\alpha$ (*pólia*).

18.º **Labio-dentales**: com o labio inferior nos incisivos superiores: *f*, *v*.

19.º **Bilabiales**: com o labio inferior no superior: *p*, *b*, *m*.

20.º **Extra-labiales**: com os lábios, mas na aresta externa delles: o *b* em alguns fallares do Minho.

22. As divisões das series por ordens, articulações e secções dizem-se orgánicas; assim, dois ou mais phonemas são orgánicamente idénticos ou diversos.

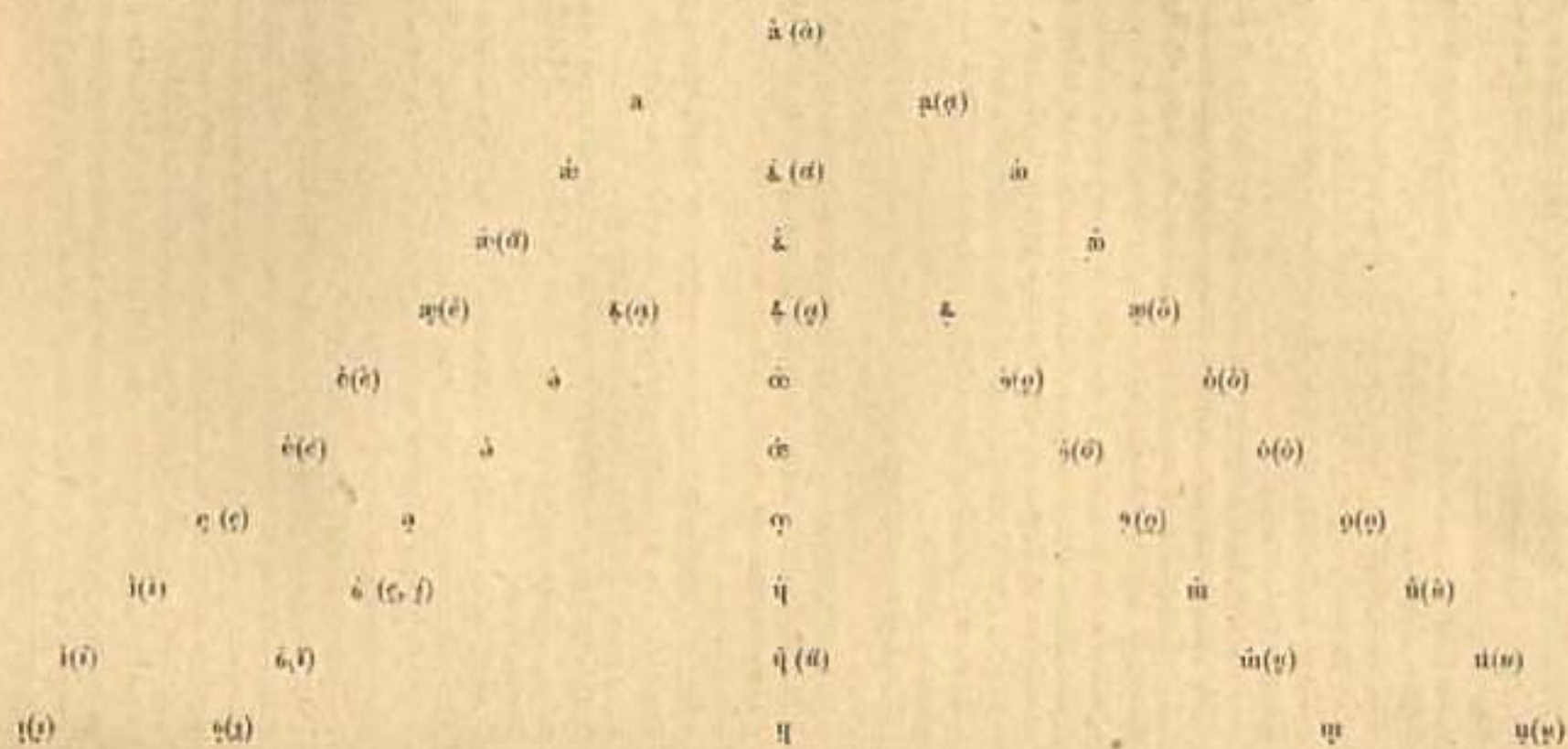
As divisões por sub-series ou posições dizem-se locais; assim, dois ou mais phonemas são localmente idénticos ou diversos.

As divisões por classes dizem-se formativas: dois ou mais sons podem ser formativamente diversos ou idénticos.

As divisões por géneros e por especies, enfim, denominam-se genéricas ou específicas.

Daremos exemplos: *t* com relação a *p*: são dois phonemas formativa e genericamente idénticos, porque ambos são consoantes explosivas surdas, mas orgánica e localmente diversos, visto que o primeiro é proferido com o ápice da lingua nas gengivas, e o segundo com o labio inferior no superior; *s* e *f* são formativamente idénticos porque ambos são fricativos; mas são local, orgánica e genericamente diversos, porque o primeiro é proferido com o ápice da lingua nas gengivas e é sonoro, o segundo é pronunciado com o labio inferior nos gumes dos dentes incisivos superiores, e é surdo.

Pyramide das vogaes



Das vogaes em especial

23. Como é sabido, são dois os principaes systemas de classificação das vogaes. Consiste o primeiro delles em dispô-las em triângulo, cujo vértice é occupado pela vogal *â*, sendo a base formada pelas duas vogaes mais distintas entre si, e mais differentes de *â*, isto é, *i*, *u*. Este systema tem por fundamento principal o effeito acústico de cada uma dellas, a impressão produzida no ouvido. Na página anterior verá o leitor a construcção respectiva, na qual adoptamos uma transcrição mais geral e comprehensiva do que a que usamos na Parte II d'este trabalho, indicando porém entre parêntese os symboles que ali lhe correspondem, e que foram determinados pela conveniencia de não alterarmos a escrita usual dos vocábulos. Em seguimento verá o leitor a exemplificação de todas as vogaes comprehendidas na dita pyrâmide, comparailas com as portuguezas.

Portuguezas	Peregrinas
â (â) : <i>â</i> portuguez de cá.	
ã :	<i>a</i> inglês de <i>far</i> .
ä : <i>a</i> portuguez de <i>cal</i> .	
ä :	<i>a</i> francês de <i>malle</i> .
æ (ä) : <i>æ</i> algarvio de <i>pês</i> ;	<i>a</i> inglês de <i>bad</i> .
æ : (ë) <i>æ</i> portuguez de <i>fel</i> ;	<i>e</i> italiano de <i>gelo</i> .
ê (ê) : <i>ê</i> minhoto de cá ;	<i>a</i> castelhano de <i>capa</i> .
ê :	<i>u</i> inglês de <i>bud</i> .
ê (g) : <i>ê</i> portuguez de <i>cada</i> ;	<i>a</i> inglês de <i>abide</i> .
ê (g) : <i>ê</i> portuense de <i>mas</i> .	
ê :	(ö, ò) concani de पति, <i>pâti</i> .
ê :	<i>â</i> francês de <i>malle</i> .
ê :	<i>o</i> inglês de <i>body</i> .
ê (ô) : <i>o</i> alto-beirão de <i>pó</i> ;	<i>o</i> inglês de <i>lord</i> , <i>au</i> de <i>law</i> .
ê (ê) : <i>ê</i> portuguez de <i>sê</i> ;	<i>e</i> americano de <i>care</i> .
ê (ê) : <i>ê</i> algarvio de <i>pê</i> ;	<i>e</i> castelhano de <i>jefe</i> .
ê (ê) : <i>ê</i> portuguez de <i>sê</i> ;	<i>ee</i> allemão de <i>see</i> .
ê :	<i>ir</i> inglês de <i>bird</i> , <i>er</i> de <i>her</i> .
ê :	<i>e</i> francês de <i>le</i> .
ê :	<i>e</i> norte-allemão de <i>gabe</i> .
ê :	<i>eu</i> francês de <i>jeune</i> .
ê :	<i>ö</i> suéco de <i>för</i> .
ê :	<i>eu</i> francês de <i>fea</i> .

ô (o) :	o francês de <i>homme</i> .
õ (õ) ou baixo-beirão de <i>touro</i> ;	õ allemão de <i>hölle</i> .
ö (ö) ou açoreano de <i>touro</i> ;	ö allemão de <i>hölle</i> .
ò (ò) :	o italiano de <i>povero</i> .
ó (ó) :	o castelhano de <i>polco</i> .
ô (ô) :	oo allemão de <i>loos</i> .
ĩ (i) :	i inglês de <i>bid</i> .
î (i) :	ie allemão de <i>bieten</i> .
ï (y) :	i francês de <i>lit</i> .
ê (e, j) :	e português de <i>se</i> .
ë (i) :	y polaco de <i>syn</i> .
ê (i) :	i açoreano de <i>navio</i> .
û :	ü allemão de <i>füllen</i> .
ũ (u) :	ü allemão de <i>fühlen</i> .
u :	u francês de <i>tu</i> .
û :	u sueco de <i>upp</i> .
ũ (y) :	u noruêgo de <i>hus</i> .
u :	u sueco de <i>aju</i> .
û (u) :	u inglês de <i>full</i> .
ũ (u) :	u allemão de <i>du</i> .
u (y) :	ou francês de <i>fou</i> .

O segundo systema, no qual se descrevem e designam as vogaes, não já pelo effeito acústico, mas pelas posições dos órgãos da falla que empregamos para as produzir, consiste em dispô-las num diagramma quadrangular contendo 36 casas, em que se localizam as 36 vogaes consideradas normaes, divididas da seguinte forma: 3 vogaes posteriores, 3 mixtas e 3 anteriores, sendo a 1.ª dellas superior, a 2.ª media e a 3.ª inferior. Qualquer destas pode ser ou tensa ou frouxa, conforme a maior ou menor tensão do órgão activo que concorre para a sua emissão, do que resultam 18 vogaes diferentes. Como qualquer pode ainda ser labializada, proveem dessa condição outras 18 vogaes. Tudo isto se verá no eschema de pág. 13, no qual precedemos do signal [?] aquellas em cujo valor acústico temos dâvida, e o pospusemos nas que nos pareceu terem ahí cabimento, comquanto sejamos nós os únicos que assim as localizamos: os phoneticistas divergem na sua distribuição, não estando nella de accôrdo com Bell, o inventor desta classificação, nem mesmo H. Sweet, o seu mais abalizado propugnador.

Systema orgânico das vogaes

	TENNAS			FRUJAS		
	Posteriora	Mixtas	Anteriora	Posteriora	Mixtas	Anteriora
Superiores	[ʔ] ɨ	ɨ (i)	i (i)	ɨ [ʔ]	ɨ (e)	i (i)
Medias	ɨ	ɨ	e (e)	ɨ (e)	ɨ (e)	e (e)
Inferiores	ɨ [ʔ] (e)	ɨ	e (e)	ɨ (e)	ɨ [ʔ] (e)	e (e)
Labializadas						
Superiores	ɨ (u)	ɨ (y)	ɨ (u)	ɨ (u)	ɨ	ɨ
Medias	ɨ (o)	ɨ [ʔ]	ɨ	ɨ (o)	ɨ [ʔ]	ɨ [ʔ] (o)
Inferiores	ɨ (o)	ɨ [ʔ] (o)	ɨ	ɨ	ɨ	ɨ [ʔ] (o)

Vê-se que não cabem no quadro as seguintes vogaes, que na pyrâmide incluímos : ɨ ɨ i ɨ ɨ ɨ ɨ ɨ.

24. Tomando por base da nossa classificação o systema triangular, vemos que se comprehendem nelle cinco series :

1. ^a a.....i	} Das quaes a 1. ^a e 5. ^a se denominam primarias , e as outras secundarias ou sub-series , e mixtas as vogaes que as compõem.
2. ^a æ.....æ	
3. ^a e.....e	
4. ^a i.....i	
5. ^a u.....u	

As classes são constituídas pelas linhas horizontaes, e são pois :

1. ^a à.....à	} Cada classe abrange três sub-classes, com excepção da 1. ^a a, que só tem duas. Assim, podemos dizer que a pyramide contém onze classes de vogaes.
2. ^a æ.....æ	
3. ^a e.....e	
4. ^a i.....i	

25. O ponto de intersecção da classe com a serie fixa á vogal a sua posição, gráphica e orgánicamente, e com referencia ao seu effeito acústico determina a sua qualidade, o seu timbre.

O que constitúe as **classes** nas vogaes *è*, como nas consoantes, o maior ou menor apêrto dos órgãos factores.

O que constitúe as **series** são os órgãos empregados para produzir essas vogaes.

As vogaes são ainda **gutturaes** ou **palataes**, conforme na sua emissão o ápice da lingua está fluctuante, ou dirigido para os incisivos inferiores, conservando-se a página superior da lingua distintamente convexa, e encurtando-se consequentemente o canal buccal.

Gutturaes, ou **duras**, são *à, æ, i* e todas as da 2.^a e 5.^a series : *æ.....æ, æ.....æ; palataes*, ou **lenes**, são todas as outras, isto é, *à.....i, e.....e, e.....e.*

Vogaes nasaes

26. As vogaes são ordinariamente produzidas no tubo buccal sómente. Podem, porém, ser acompanhadas de resonancia nasal. As da 1.^a especie chamam-se **oraes**, as da 2.^a **nasaes**.

A nasalidade pode acompanhar a emissão da vogal sem continuar além della : assim são as vogaes nasaes portuguezas do sul, *ã, ê, õ*, etc., e o diacrítico para as designar é o chamado til (*˜*) ; denominam-se também **vogaes nasaes de 1.^o grau**. Pode, todavia, essa nasalidade acompanhá-las, prolongando-se por gutturalização além dellas : são estas as **vogaes nasaes de 2.^o grau**, que se ouvem no norte do reino *ã, ê, õ* por exemplo, e cujo diacrítico pode ser o

til dirigido em sentido contrario; o seu effeito acústico lembra os ditongos, e d'este modo o *ā* é quasi *āū*, *ē* quasi *ēū*. Assim são as nasaes francezas, principalmente as do norte.

Accidentes intrinsecos das vogaes

27. A. QUANTIDADE. É o tempo durante o qual os órgãos permanecem immóveis na emissão de um som.

Com referencia a quantidade as vogaes podem ser:

a) Brevíssimas	1 unidade de tempo	<i>ā</i>
b) Breves	2 " "	<i>ä</i>
c) Ambiguas	3 " "	<i>ã</i>
d) Longas	4 " "	<i>ā</i>
e) Prolatas	5, ou mais unidades de tempo	<i>a''</i> , <i>a'''</i>

Chamam-se duvidosas as que podem durar quaesquer unidades de tempo: *ā*. As vogaes portuguezas são em geral ambiguas quando tónicas, breves se pretónicas e brevíssimas se postónicas.

28. B. ACCENTUAÇÃO MUSICAL E DE INTENSIDADE. A accentuação é de duas especies: 1.^a musical, 2.^a expiratoria.

Diz-se *accento musical*, *accento prosódico*, ou simplesmente *accento*, a maior elevação de voz em uma syllaba, com relação ás outras de que se compõe o vocábulo ou a phrase; por exemplo, *tu venis?* O signal de elevação da voz pode ser (´), e de abaixamento (˘): *a'*, *a˘*.

Diz-se *accento expiratório*, ou *accento tónico*, ou também simplesmente *accento*, porém melhor *icto*, a maior energia de expiração de uma syllaba, com relação ás demais do vocábulo ou da phrase; por exemplo: *cámara*; *se tu venis*. O signal do icto ou *accento tónico* é o agudo (´).

Com relação ao icto, ou intensidade, as vogaes, pois é nellas que este accidente é mais perceptível, dividem-se em tónicas e átonas. Subdividem-se do seguinte modo:

a) Plenamente accentuadas, com *accento pleno*, vogaes plenas: quando uma só sobressae desta maneira entre as outras; ex.: *rápido*, *péla*, *faré*.

b) *Primaria e secundariamente accentuadas*, com *accento primario e secundario*, principal e subordinado; ex.: *rápidamente*, *pórtamachado*.

Chama-se também *predominante* o *accento* mais forte, e *dominantes* os outros, com relação ás syllabas átonas que acompanham as d'este modo accentuadas.

Assim, os dois primeiros versos dos *Lusiadas* medem-se, com respeito á accentuação, da seguinte maneira, designando (○) as syllabas átonas:

As armas e os barões assinalados,
 ○ " ○ ○ ○ " ○ " ○
Que da occidental praia lusitana
 ○ ○ " ○ ○ " " ○ ○ " ○

As vogaes accentuadas chamam-se **tónicas**, quer o accento seja primario, quer secundario; **átonas** são as que não tem accento algum, as que não são dêsse modo differenciadas.

A accentuação, quer vocabular, quer phrásica, só relativamente pode ser apreciada.

A distancia entre a tónica e as átonas, isto é, a differença de intensidade entre ellas, pode ser maior ou menor. Dêste modo, a differença entre as tónicas e as átonas das linguas germánicas é máxima; menor a que se dá em portugúes; menor ainda a do castelhano; e mínima a franceza.

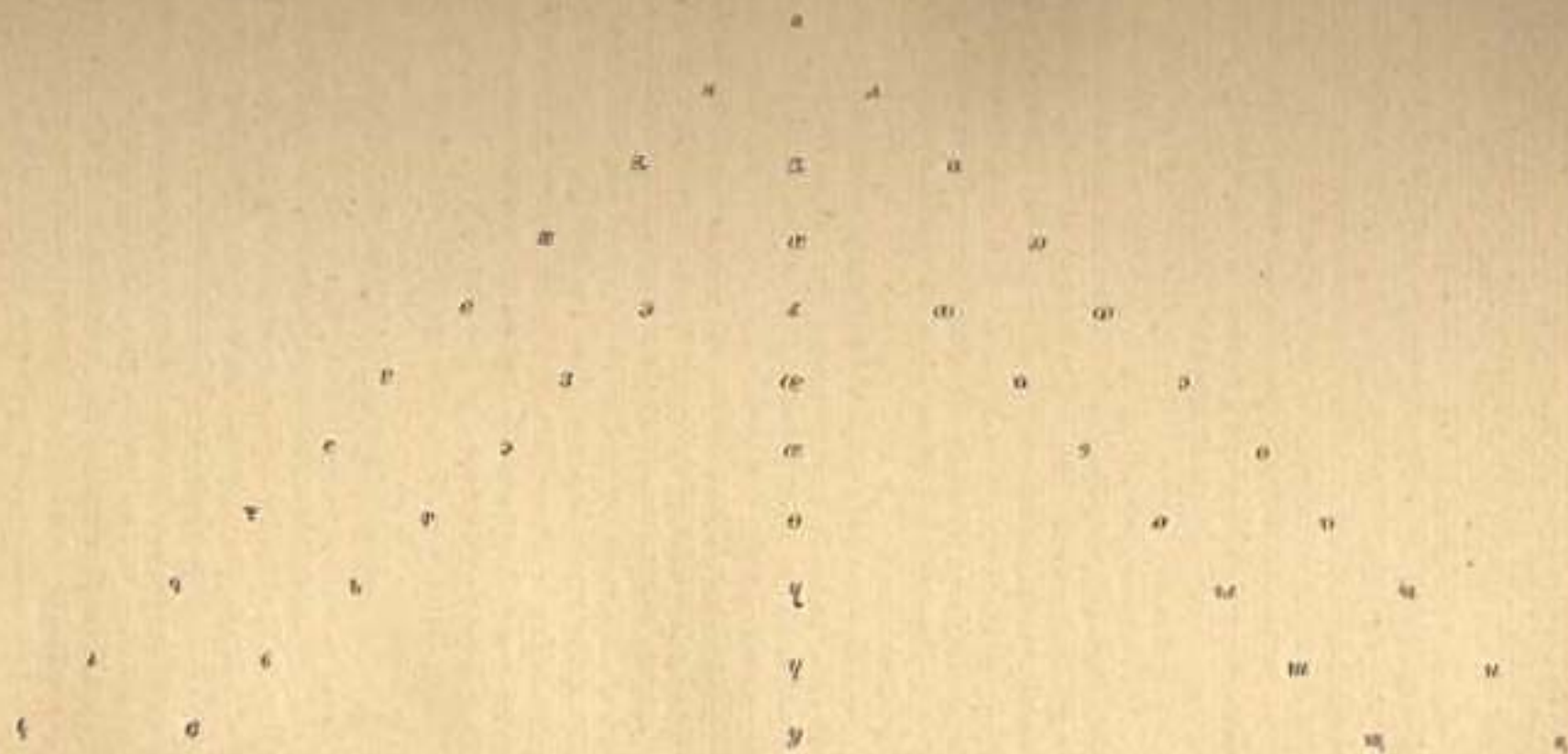
Quando as átonas são brevissimas denominam-se **reduzidas**, e o seu diacrítico é (◌); ex.: *lygeiro*. Se as átonas mudam de timbre, passando de qualquer das series primarias ás secundarias, 2.^a e 4.^a, ou a 4, dizem-se **obscuras**, e indicam-se com o signal (◌) subscripto; ex.: *leçadq*.

29. As vogaes dizem-se **abertas** quando mais se approximam do vértice da pyrámide, à; **fechadas** quando estão mais perto da base; **medias** quando o seu timbre é entre o das abertas e o das fechadas; assim, è chama-se e aberto; é, e medio; ç, e fechado, sendo (◌), (◌), e (◌) os seus diacríticos respectivos.

Todavía, qualquer dêstes símbolos representa uma vogal differente, que num systema de transcrição rigorosamente monogrammatico deverá ser figurada por letra diversa.

Em seguimento damos uma pyrámide das vogaes, restrictamente monogrammatica, na qual conservamos os símbolos que na pyrámide diacrítica designam as vogaes medias, diversificando-os gradualmente para as abertas e para as fechadas de cada grupo de três (V. p. 11 e 12).

Pyramide monogrammática das vogaes



Vogaes combinadas

30. Duas vogaes contiguas, uma das quaes reduzida e a outra tónica, formam **ditongo** se pertencem a series ou classes diversas.

Quando a dominante é a primeira vogal o ditongo denomina-se **decrecente**; quando a dominante é a segunda, chama-se **crecente**, em intensidade, entende-se.

Grupo de três vogaes combinadas, uma tónica e as duas reduzidas, chama-se **tritongo**; e se na combinação entram mais de três vogaes, sempre com uma só tónica, toma a combinação o nome de **polytongo**.

As vogaes átonas dos ditongos, tritongos e polytongos dizem-se **subjuntivas**, e o diacritico com que as designamos é um círculo sobrescrito, *ai*, *ai̇*, por exemplo. Se o ditongo é decrecente a tónica chama-se **prepositiva**, e taes ditongos intitulam-se **de prepositiva**. Os ditongos, assim como as vogaes, podem ser oraes ou nasaes. Nestes a nasalidade affecta ambos os elementos da combinação, mormente nos decrecentes que se consideram os verdadeiros ditongos.

Exemplos de ditongos decrecentes são os seguintes: *pai*, *pai̇*, *viô*, *faï*, oraes; *mãe*, *pão* (= *mãï*, *pãï*), nasaes.

Exemplos de ditongos crecentes são os vocábulos *meúdo* (= *meiúdo*), *voar* (= *viar*).

Exemplos de tritongos são: *poeira*, *miau* (= *poi̇ira*, *mi̇ai̇*). Se as subjuntivas não são reduzidas, quasi semivogaes, não há ditongos, há vogaes consecutivas; assim se differenciam os vocábulos *lei* (= *lei̇*) português de *ley* (= *lei̇*) castelhano, o inglês *my* (= *mai̇*) do italiano *mai* (= *mai̇*), comquanto em todos elles a vogal tónica seja a primeira do grupo. Não obstante isto, é costume dos grammaticos hispanhoes e italianos denominarem esses grupos também ditongos.

Accidentes extrinsecos das vogaes

31. 1.^o **Iotização**: próthese (anteposição) de *i* reduzido: *idd(i)a*.
- 2.^o **Labialização**: próthese de *u* reduzido: *beirão bô(ü)a*.
- 3.^o **Gradação ou guna**: próthese de vogal tónica mais aberta que a vogal gunizada: sânscrito *laud̄*, de \sqrt{bud} .
- 4.^o **Oclusão**: conversão da vogal extrema de serie em semi-vogal: *i*: *i̇*, *u*: *ü*; por exemplo *vaídade* em vez de *vaidade*.
- 5.^o **Hiato**: é o encontro de duas vogaes, que não formem ditongo nem crase: *a era*. O hiato corta-se por intercalação de semivogal ou de consoante, e absorve-se na crase.

6.º **Assimilação**: é a aproximação de uma vogal a outra, e pode ser de diversas naturezas:

a) **immediata**: entre duas vogaes contiguas: *feíssimo* (= *fiáximo*).

b) **mediata**: entre duas vogaes separadas por consoante ou semivogal: *ella*, comparado a *elle*.

c) **parcial**: a que aproxima os timbres de duas vogaes, mantendo-as distintas: *dêvo*, comparado a *dêve*.

d) **total**: a que as reduz a ambas ao mesmo timbre, isto é, a conversão da vogal assimilável ao timbre da assimilante: *crêdor*, antes *creedor* < *creditorum*.

e) **progressiva**, quando uma vogal inflúe na seguinte: *dê-g*, pronunciado *dê*.

f) **regressiva**: quando inflúe na antecedente: *popular*, *viria* por *veria*.

g) **Metaphonia**: influencia da vogal átona sôbre o timbre de outra antecedente tónica: *subo*, *sobe*.

A assimilação total diz-se **homophonia**, e a parcial **parallelismo** de vogaes se é progressiva; o **nivelamento** comprehende ambos estes accidentes.

h) **Crase**: assimilação mutua de duas ou mais vogaes contiguas em uma só longa ou prolata. Dê-se em geral na mesma serie ou na mesma classe, em vogaes de timbre aproximado: *mata-o*, pronunciado *mátô*.

i) **Contração**: crase entre vogaes e consoante, por supressão de qualquer dellas: *pra* de *para* (*para*).

j) **Elisão**: desaparecimento de vogal: *dallí* por *de allí*.

k) **Absorção**: desaparecimento de vogal sem deixar vestigio da assimilação anterior, real ou hypothética, que o precedeu: *fruto*, dantes *fruito*.

7.º **Incompatibilidade**: chamam-se sons incompatíveis os que, pela phonologia de um idioma, não podem permanecer contiguos, e tem de assimilar-se parcial ou totalmente, ou ceder uns aos outros por crase, contração, assimilação ou supressão.

Supressão: é a elisão por incompatibilidade.

8.º **Accommodação**: é a assimilação por incompatibilidade, e é portanto susceptível de todas as modificações citadas na **assimilação**.

Uma especie de assimilação é a **condensação** das duas vogaes de um ditongo em uma só, ordinariamente a dominante, a qual fica sendo primeiro longa, passando depois a ambigua, ou breve; o *ou* antigo e ainda dialectal = *ou*, do português, é no sul do reino *o*; *ei* é no Alentejo *e*.

9.º **Dissimilação**: alteração de sons semelhantes ou idénticos, por serem incompatíveis, ou por outras causas.

A dissimilação pode ser também :

Mediata ou immediata.

Progressiva ou regressiva.

Total ou parcial.

Recíproca.

Uma especie de dissimilação é a **dissolução** de uma vogal longa em dois elementos, que ficam constituindo um ditongo; assim, as vogaes longas inglesas do século passado, \bar{a} , \bar{e} , \bar{o} = \bar{r} , \bar{i} , \bar{u} , isto é, ee , ii , oo , são actualmente, no dialecto normal, ei , ii , oi , por dissimilação do segundo elemento dessas longas, e consequente atenuação delle. No Algarve o \bar{e} descoberto passa em geral a ei .

10.^o **Enfraquecimento**: alteração phonética das átonas por influencia das tónicas: *tenir* por *tinir*.

11.^o **Differenciação**: alteração phonética com fundamento ideológico, e portanto funcional: *fabrica* a par de *fábrica*.

12.^o **Intercalação**, ou **suarabácti**: vogal interposta para desunir consoantes incompatíveis: como em *carapinteiro* por *carpin-teiro*, *alcáçova* por *alcaçva*.

Os accidentes das vogaes são, na sua maioria, applicáveis ás consoantes; não os definiremos, portanto, ao tratar destas.

Accidentes intrinsecos das consoantes

32. 1.^o **Geminação**: a consoante é repetida; neste caso, se é continua prolonga-se, como em *dizs* por *dixse-se*; se é dividua repete-se, sendo a primeira parte della implosiva e atenuada e a segunda explosiva, o que se indica subcrevendo (,) ao símbolo da primeira; exemplos: *baste-te*, pronunciado abreviadamente *baštts*, differente de *baste*; fique ca = *fjčká*. O signal da geminação, quer se effectue pelo prolongamento, quer pela repetição é (ˉ): *cham* = *cham[e]m[e]*. Temos pois consoantes geminadas, longas e repetidas.

2.^o **Enfraquecimento**, ou **redução**: a consoante é reduzida, proferida com menos energia, ou abreviada; ex.: o *l* de *mal*, o *s* do castelhano *pan*, o *s* ou *z* (= *š*) do português *diz* = *diz̄*, differente de *dixe* = *dizs*. As consoantes podem pois ser breves ou reduzidas. O signal de redução é (˘).

As consoantes geminadas, quer roboradas, quer longas, dá-se o nome de **dobradas**; e ás consoantes simples o de **singellas**, quando nos referimos á sua graphia. Em italiano todas as consoantes, incluindo a dúplice *z* (= *tz* e *dz*), e as **africatas** *č*, *ǰ* (= *tš*, *dš*, isto é *tš*, *dj*) podem ser geminadas, sendo neste caso implosivos os phonemas prepositivos *t*, *d*; assim, *cei*, *zz*, *ggi* são propriamente iguais a *tšš*, *tzs*, *dšš*; ex.: *faccia* = *fáččjá*, *razza* = *ráččjá*, *maggio* = *máččǰǰo*.

3.º **Roboração**: as consoantes podem ser tensas ou frouxas. Nas consoantes tensas o órgão activo é applicado com maior firmeza para produzir o contacto. Assim, as explosivas francezas são tensas, as portuguezas frouxas; compare-se tu portuguezá com tout (= 'tu) francês. O diacrítico pode ser o agudo (´) anteposto ou sobreposto á consoante.

4.º **Affricção**: as affricatas são ditongos consonánticos, constituídos por uma explosiva seguida da fricativa do mesmo órgão; ex.: o *k* dos dialectos allemães da Suíça = *kx*; o *ch* trasmontano beirão, e minhoto = *tʃ*; o *pf* de vários dialectos allemães = *pʃ*; o *g* do crioulo de Macau, igual ao *j* inglês (= *dj*). Na affricção o primeiro elemento é enfraquecido, reduzido. O signal da affricção é (´); é, por exemplo.

5.º **Aspiração**: chamam-se consoantes aspiradas os ditongos de subjuntiva *h* quando a prepositiva é surda, *h* quando é sonora. Assim se proferem tradicionalmente as aspiradas na India (\overline{a} , \overline{k} = \overline{ah} , \overline{u} , \overline{g} = \overline{gh} , etc.), e assim também o *k*, *t*, *p* portuguezes antes de *e* átono final, como *bote* (= *boi*), as de vários dialectos allemães, ingleses, e até francezes, e as do dinamarquês, em que substituem as *tonnes fortes*. Chama-se *tenue* a consoante que não é aspirada. Parece averiguado que as consoantes gregas χ , θ , φ foram successivamente χ' , θ' , φ' , *kx*, *tʃ*, *pf*, para chegarem á sua pronunção actual, que parece ter sido já a do dialecto commun ático, χ , β , *f*. Assim, as aspiradas podem definir-se: consoantes em que o sópro, surdo, ou sonoro, isto é, vozeado, continúa além da separação dos órgãos que produzem a *tenue*. O signal da aspiração é (´).

6.º **Glottização**: consoantes glottizadas são as explosivas surdas que são acompanhadas da explosiva pharyngea γ , pela qual começam os vocábulos allemães aparentemente iniciados por vogaes, o que explica alliterarem estes entre si na poética medieval germânica. (Veja-se a definição do symbolo γ). O signal da glottização é (ˀ); *bˀ*, *kˀ*. Estas consoantes são peculiares das linguas do Cáucaso.

7.º **Palatalização**: consoantes palatalizadas são aquellas em que a lingua toma a disposição dorsal, parallelá á abóbada palatina, como nas palataes; assim se proferem o *t* e o *qu* açoreanos precedidos de *i* ou *l*. A palatalização indica-se por (ˆ); assim o açoreano *pinçor* (= pequeno) *pinçor* (= pintor).

8.º **Gutturalização**: consoantes gutturalizadas são aquellas em que a parte posterior da lingua se arqueia para o palato molle sem o tocar, e a pharynge se expande, como acontece com o *l* portuguez final de syllaba, com as vogaes nasaes francezas e portuguezas do norte, com as consoantes empháticas semíticas, hebraicas \aleph , \beth , arábicas \aleph , \aleph , \aleph , isto é *t*, *g*, *d*, *z*. O nosso signal diacrítico da gutturalização é (ˆ), ou um traço cortando o corpo da letra; assim, *mal* em portuguez = *mal*; *dal* em polaco.

9.º **Cacuminalização**: consoantes cacuminalizadas são aquellas em que a lingua toma a posição reversa, para formar approximação com o cacúmen ou ponto culminante da abóbada palatina. O signal é um ou dois pontos subscriptos; assim: $ṭ$, $ḍ$, etc., são consoantes cacuminaes, ṭ , ḍ concanais; $ṭ$, $ḍ$ o t , d ingleses, sub-cacuminaes; ṣ o ṣ sanscritico; um ṣ , como o trasmontano e o castelhano, sendo este último melhor figurado por ṣ , isto é, ṣ aspirado; e mais ou menos o r português.

10.º **Lateralização**: consoantes lateralizadas, são os ll e dd parcialmente assimilados a l , como no allênão *mittel*, em que o t é homorgânico com o l , consoante lateral; o signal diacrítico é um traço paralelo à haste da letra e posposto a ella ou horizontal e sobreposto, rematando-a, (d).

11.º **Labialização**: consoantes labializadas são aquellas em que há protração dos labios, como em u , acompanhando-as. Também podem chamar-se *protractas*, por isso que essa labialização tem por effeito o alongamento do tubo buccal. Assim se proferem ch e j francezes, e o *sch* allemão, differentes de ç , j portuguezes; o signal é, como o das affricatas, ($'$), ou então ($^$).

12.º **Vibração**: consoantes vibradas são os ditongos em que as propositivas são z , y , isto é, as fricativas gutturaes, surda e sonora, e a subjuntiva um r guttural assibilado, surdo ou sonoro; assim se proferem em muitos dialectos árabes o z e z , os quaes são respectivamente iguaes a z , y . Segundo as descrições, são vibrados também $ṭ$ e $ḍ$ dravídicos, o ṭ concani (= $ṭ$), etc.

Assibilação: consoantes assibiladas são as ancípites l , r , affricatas, o z e z brasileiros, o r polaco, o ř (= z) cheque, o ll gallês (= z). O signal da assibilação é ($'$). Também se chama assibilação à separação lenta, ou incompleto contacto, dos órgãos factores que deviam formar preclusão para produzir uma explosiva media ou sonora, e cujo resultado é quasi o manifestar-se a fricativa homorgânica; assim, o b de *cab* o é uma assibilação.

Accidentes extrinsecos das consoantes

33. 1.º **Epénthese de i** , como por exemplo no mirandês *lilla*, «velha». Denomina-se também *iotização*.

2.º **Epénthese de u** , como no português do Porto, *pórtu*, em que o u porém é proferido só com o lábio inferior.

3.º **Nasalização**: próthese da nasal homorgânica; designa-se pelo til ($'$) sobreposto; assim, nas linguas cafricanas p' , b' , f' , v' ; l' , d' , z' ; c' , g' , etc., são iguaes a 'mp, mb, 'mf, mc; 'nt, nd, nz; 'ac, ag, sendo as nasaes attenuadas, enfraquecidas. Chama-se também a essa próthese *infecção*, e em alguns idiomas é agravada

com affricção; assim, em japonês a syllaba *di* é pronunciada *ndzi* (*dzi*) conquanto escrita *di*.

1.º **Liquidação**: é a propriedade que tem algumas consoantes, as líquidas e as nasaes, de formarem as subjuntivas de ditongos consonánticos; assim em português antigo *br*, *dr*, *gr*, posterior *pr*, *tr*, *kr*, *pl*, *bl*, *kl*, *gl*; em grego estas duas e mais as subjuntivas *si* e *u*. As que não são assim líquidas dizem-se **mutas**; taes são nos grupos citados *p*, *b*, *t*, *d*, etc.

4.º **Vocalização**: consoantes vocalizadas são as que se convertem em vogaes, em geral reduzidas; assim, no português antigo *auto*, do latim *actum*, diz-se que o *c* se vocalizou em *u*.

5.º **Elisão**: português moderno, *recto* = *reto*, lat. *rectum*. O signal da elisão é o apostropho ('). Assim o *k* é nullo no vocabulo *Judáh'*.

6.º **Occlusão**: consoantes oclusas são as fricativas pronunciadas como explosivas; allemão austriaco *rek* por *rez* (*weg*). A occlusão indica-se pelo signal (').

7.º **Abrandamento**: é toda a modificação tendente á aproximação da vogal pura em cada serie: assim esta progressão é de abrandamento: *p*, *p'*, *b*, *b'*, *β*, *v*, *u*, *u*; *populum*: *poboo*: *poco*.

8.º **Endurecimento**: é a modificação opposta a esta; *u*, *u*, *w*, *β*, *β*, *b*, *b*, *p*, *p*.

9.º **Assimilação**:

a) total: latim *actum*: italiano *atto* (*atto*).

b) parcial: desde (*d̄j̄ds*): o *s* = *̄* fez-se sonoro, *j̄*, como o *d*, sem contudo se fazer explosivo.

c) progressiva: desde (= *d̄j̄ds*): o *j̄* mudou o *d* em *d*.

d) regressiva: desde (*d̄j̄ds*): o *d* mudou o *s* = *̄* em *j̄*.

e) immediata: desde: qualquer das assimilações deu-se em consoantes em contacto uma com a outra.

f) mediata: lamparina, em que o *d* de lampada passou a *r*, por influencia progressiva do *l*: o *d* fez-se ancipite (*r*) para se aproximar do *l*, sem que estivesse em contacto com elle.

10.º **Dissimilação**: é a modificação contrária á assimilação; as consoantes distanciam-se, differenciam-se mais uma da outra, como em padiola; cast. *parihuela*, lat. **paleola*, em que as dissimilações são ambas mediatas e regressivas. Todas as subdivisões da assimilação podem dar-se na dissimilação.

11.º **Acommodação**: confronte-se *entabuar* (= *intabáar*) *enhalouçar* (= *tabalouár*) e *enfiar* (= *ifár*), em que a nasal do prefixo *es*, se vai modificando para se accommodar á consoante seguinte, quando com ella é incompatível.

12.º **Supressão, absorpção**, o português antigo fez de *actum* *auto*, por vocalização de *c* em *u*; o moderno fez *ato* de *actum* e *apto*, por supressão, ou antes absorpção do *c* e do *p* no *t*.

Permutações

34. Denomina-se **permutação** a mudança ou conversão de um som em outro. São as permutações determinadas em geral pela lei denominada do **mínimo esforço**, a qual faz que se facilite quanto possível a pronúncia, tendo essa facilitação por único impedimento e limite a comprehensibilidade, pois que todos fallam para serem entendidos.

As diversas permutações ficam já indicadas nos accidentes intrínsecos e extrínsecos das vogaes e consoantes, e entram numa de três categorias:

1.ª São **orgánicas**: o *s* dos pluraes accomoda-se á consoante ou vogal seguinte, adquirindo portanto, além do seu valor de *s* na pausa, os de *j* e *z*; ex.: os gados, as árvores.

2.ª São **imitativas**: as fricativas gutturaes arábicas *ħ*, *h*, *ç* passaram todas como *f* para o português, por não haver neste outra fricativa surda, que mais se lhes aproximasse no effeito acústico.

3.ª São **inorgánicas**, devidas a analogia falsa: nos verbos em *-iar* o radical accentuado passou a *-ei*, por confusão com os verbos em *-ear*, em que se deu lotização do *e* por ser incompatível com *g*, *q*; assim de *ansiar*, *ansêia*, permutação de *i* em *ei* inorgánica, por analogia falsa com os verbos como *cear*, *ceia*, nos quaes a mudança de *e* em *ei* foi orgánica; assim também no participio popular *ouvisto*, por ouvido, há uma permutação de *do* em *sto* inorgánica, por analogia falsa com o participio visto do verbo *ver*.

Syllaba, vocábulo e pausa

35. Uma só vogal, ou diferentes associações de phonemas em que entre pelo menos uma vogal, proferidos numa só emissão de voz, numa só expiração, são denominados **syllaba**: *a*, *ba*, *as*, *tra*, *di*, *fril*, etc.

Se uma syllaba constitúe vocábulo, este diz-se **monosyllabo**; os vocábulos de duas syllabas denominam-se **dissyllabos**, os de três, **trisyllabos**, os de maior número de syllabas, **polysyllabos**; ex.: *paz*, *capa*, *parede*, *aparecer*, *desacompanhado*.

A syllaba diz-se **aberta** quando termina na vogal, por ex.: *dá*; **fechada**, quando acaba em consoante: *dás*, *par*, *cal*.

A syllaba de um vocábulo qualquer é **coberta** quando se lhe segue outra syllaba, ou quando é fechada; **descoberta**, no caso contrario: nas phrases *o cabo*, *os cabos*, o artigo *o*, *os* é um monosyllabo coberto.

Há consoantes que podem constituir syllaba, funcionando como vogaes: são ellas as sibilantes *s*, *z*, as ancípites *l*, *r*, e as nasaes

ss, s, etc. (V. 5 e 6). Em português há interjeições que não contêm vogal propriamente dita, funcionando uma dessas consoantes como tal; ex.: *h-m*, de dúvida, *hã* de afirmação, *pxt* para chamar *xt* para afugentar, etc.; em perfeito, profeito, = *prfêito*, o 'r' vale por vogal. Pode todavia considerar-se que a verdadeira vogal de taes syllabas é um *h*, proferido em segredo com 'r, s, e sonoro com *ss*.

Vocábulo é uma syllaba, ou um agrupamento de syllabas, que expressa uma idéa, ou uma relação entre idéas.

Pausa é a duração de silencio entre vocábulo e vocábulo, o intervalo de silencio entre elles.

Os intervallos podem ser maiores ou menores, estão porém sempre em relação de duração, conforme a interdependencia dos vocábulos. A falta de observancia dessa conformidade, produzindo maior intervallo do que a relação pede, chama-se *reticencia*, ou *suspensão de sentido*.

A pausa menor que separa os vocábulos, delimitando-os todas as vezes que elles têm accento proprio, não costuma ser indicada graphicamente. Pode ser representada por um ponto superior ('); assim como nos primeiros versos dos *Lusiadas*:

As armas e os barões assinalados,
que da occidental praia lusitana,
por mares nunca de antes navegados
passaram inda além da Taprobana;

Pode esta pausa, a que chamarei *ponto*, julgar-se equivalente a uma fracção de tempo igual a metade da duração da pausa representada pela vírgula, e deve durar o tempo que se gasta em proferir uma syllaba aberta, o numeral um, por exemplo (= *ũ*).

Temos, pois, que os valores das pontuações graphicas devem corresponder, em leitura cadenciada, ás seguintes unidades e fracções de unidade de tempo, cuja base seja a duração da pausa vírgula:

(;) ponto: $\frac{1}{2}$ unidade, a menor pausa, correspondente a um silencio igual á duração do nome de uma letra, formado com o valor dells e uma vogal, *d*, por exemplo (= *dê*).

(,) vírgula: 1 unidade: *d d*.

(;) ponto e vírgula: $1 \frac{1}{2}$ unidade: *d d d*.

(:) dois pontos: 2 unidades: *d d d d*.

(.) ponto final: $2 \frac{1}{2}$ unidades: *d d d d d*.

(^) tres pontos: 3 unidades: *d d d d d d*, nova alinea.

(::) quatro pontos: 4 unidades: *d d d d d d d d*, novo título ou secção.

(- -) (...) (...) pontos suspensivos: 5 ou mais unidades: 5, 6, 7, e assim seguidamente.

Transcrição e notações

36. Os símbolos fundamentaes que empregamos para a transcrição pertencem ao alphabeto histórico, o tradicional latino.

Consta elle, depois dos acrescentamentos que lhe fizeram posteriormente ao seu emprêgo na imprensa, de 26 letras, 6 vogaes e 20 consoantes; mas o abecedario romano era apenas de 20 letras:

A B C D E F G H I L M N O P Q R S T V X

É este alphabeto manifestamente insufficiente para a transcrição, mais sóbria mesmo que se possa imaginar.

Por três modos pode elle ser ampliado: primeiro, differenciando-se uns símbolos de outros por meio de signaes diacriticos, isto é, de pontos ou quaesquer outras marcas additionaes, como aconteceu com *é, ê, ô*, etc.; segundo, introduzindo nesse alphabeto novos símbolos, o que já se tem feito, por exemplo com *q u*, com *o w*, etc.; terceiro, aproveitando as differentes formas conhecidas de uma mesma letra, para fins diversos, como vemos que se fez com *u e v*, *i e j*.

Seguindo qualquer destes processos, não faremos mais do que continuar a tradição recebida, proseguir na evolução do abecedario latino, dando-lhe direcção scientifica, porém.

Nenhum destes métodos pode nem deve ser seguido com exclusão dos outros. O primeiro sobrecarregaria demasiadamente a escrita, dificultando a leitura; o segundo traria consigo tal multiplicidade de caracteres differentes, que seria impraticável o seu uso, logo que se houvesse de notar grande número de sons diversos e de accidentes possíveis do mesmo som; o terceiro processo dará em resultado a falta de homogeneidade na escrita, todas as vezes que a differença entre símbolo e símbolo consista, não em desenho differente da letra, porém na sua inclinação, altura ou largura, com relação aos demais caracteres que com elles se combinarem.

Para fugirmos aos inconvenientes que resultariam da adopção exclusiva de um dos três modos, é de necessidade que a todos três recorramos, completando-os uns pelos outros, mas subordinando a escolha a principios certos.

A transcrição é monogrammática quando as principaes divisões dos sons são expressas por caracteres distintos; taes são: o formosissimo alphabeto itálico inventado por Sundevall, aperfeiçoado por Lundell, e usado no excellenté archivo dialectológico suéco *Dialectos suécos e Vida do povo suéco*¹; o redondo empregado

¹ *Nyara Bibliog III kända som de svenska landemåten och svenska folkets.*

no *Maître Phonétique*, dirigido por P. Passy¹; o inglês de Pittman, redondo ou itálico; os de Bell² e de Brücke³, inteiramente novos, mas de difficil leitura e complicada composição typográfica.

Pode a transcrição ser diacritica, e nesta só as principaes distincções dos sons se representam por caracteres distintos, sendo as outras differenciações marcadas com diversos signaes acrescentados ás letras; d'estes o mais afamado é o de Lepsius⁴.

Finalmente, pode ella ser polygrammática, quando se agrupam varias letras para que cada grupo indique um som diverso; assim, por exemplo o usado por H. Sweet na primeira edição da *Historia dos sons ingleses*⁵. Os dois primeiros modos de transcrição combinam-se frequentemente; é isso o que fizemos, porque o exclusivamente monogrammatico traria difficuldades typográficas que retardariam esta publicação, não obstante a diligencia e intelligente direcção e execução empregadas na Imprensa Nacional de Lisboa em todos os trabalhos que lhe são confiados, nomeadamente estes.

Para obter monogrammas para as principaes distincções dos phenomenas há varios processos, sendo o mais conhecido o de empregar os caracteres itálicos e romanos para tal expressão, ou ainda os maiúsculos e os minúsculos, direitos ou invertidos; sendo este último expediente uma continuação ainda da tradição romana, o que se nos torna evidente ao compararmos *u* e *u*, *p* e *d*, *b* e *q*, no abecedario minúsculo, ou letra-de-mão latina.

Os caracteres de differente desenho e valor igual, são, nos três typos, itálico, redondo e versaete, os seguintes:

a	b	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m	n	p	q	r	t	u	v	w	x	y
a				f	g													v	w	x	y
A	B	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	P	Q	R	T	U				Y

Todos estes expedientes utilizámos, e assim differencamos *g* de *g*, *r* de *r*, *l* de *h*, *a* de *a*, *o* de *o*, *r* de *s*; *j* de *f*, *g* de *h*, etc.

Pela inspecção do quadro synoptico das consoantes verá o leitor que distinguimos constantemente por símbolos diversos: fricativas de sibilantes e de explosivas; assibi-

¹ *Le Maître Phonétique*.

² *Visible Speech*.

³ *Über eine neue Methode der Transcription*.

⁴ *Standard Alphabet*.

⁵ *A History of English Sounds*, 1874.

ladas de lenes; brandas de fortes; continuas de dividuas; nasaes de oraes; e sempre umas series de outras series.

Na transcrição monogrammatica das consoantes que temos organizada, mas que por difficuldades typographicas invenciveis nesta urgencia de tempo não pode ser, como dissemos, dada á estampa por agora, como o é a das vogaes a páginas 17, as differenciações vão muito mais longe, porque, não só todas as ordens teem símbolos diversos para as principaes divisões horizontaes, isto é, para cada uma das 8 primeiras e 4 últimas articulações, distinguindo-se também por símbolos especiaes os três grupos de linguas; mas igualmente as nasaes, as semivogaes e as ancipites surdas são differenciadas das correspondentes sonoras, como o são no alphabeto de Lundell. Assim o número de diacriticos é consideravelmente menor, sendo substituídos por modificações nos caracteres básicos, ou por novos caracteres, de modo que a cada classe, a cada ordem, a cada género, a cada especie, a cada variedade compete o seu símbolo peculiar.

No método diacritico aqui empregado introduzimos sómente os caracteres novos absolutamente indispensáveis; e no estudo sobre a pronuncia portuguesa, que se lhe segue, adoptámos uma transcrição convencional, que, não estando em desaccôrdo com esta, nos permitiu conservarmos as letras de cada vocábulo escrito, conforme a orthographia usual, indicando os differentes sons ou accidentes por signaes diacriticos, em harmonia com uma transcrição systemática. Podem esses diacriticos servir não só para a figuração dos sons do dialecto culto, mas do mesmo modo para os dialectos vernáculos, e para qualquer trabalho grammatical ou lexicographico que tenha por objecto as linguas da Península Hispanica ¹.

Para se evitar o emprêgo das letras gregas ζ, γ, que propriamente deveriam aqui ser figuradas por χ, ς, que melhor se combinam com os caracteres itálicos, podem usar-se os elzevires x, y, sufficientemente distintos de x, y.

¹ Tal seria, por exemplo, um vocabulario comparado das dicções que a todos elles são communs, e no qual a pronuncia fosse rigorosamente representada, á semelhança dos Ingleses, allemães e escandinavos, trabalho que conto poder um dia publicar, se outros me não anteceder, o que muito desejaria, por o julgar urgente, e para o qual tenho colligidos subsídios que me parecem importantes.

Exemplificação das consoantes

Faucaes

37. 1.ª Articulação. Pharyngeas posteriores \bar{h} λ h f γ .

\bar{h} : é a aspiração vocalizada, sonora, que se ouve, por exemplo, em inglês, na união syntáctica de vocábulo terminado em consoante sonora com outro que comece por h ou entre vogaes: *the hand*, *our horse*, *mohair*, etc. A. Schleicher foi, que nós sabemos, o primeiro que modernamente notou¹ a existência da aspiração vocalizada, averiguada hoje. No sâmscrito é sabido que o \bar{h} é pelos grammáticos da India contado como sonoro. Paulo Passy encontra um h sonoro nos patoás dos Vosges (Granges, Vâ d'Ajo e Cleuri), que compara ao sâmscritico, ao arábico e ao andaluz. Parece-me, no entanto, haver diferença entre estes três, e é de presumir que o dito phonema, que o exímio phoneticista representa por \bar{h} , seja o j medial andaluz, a que eu já me referira em 1882 no *Positivismo*, representando-o por \bar{h} , para o differençar da surda h , e que figuro na tabella das consoantes por \bar{h} .

O som \bar{h} pertence também ao systema de consoantes do quimbundo, do luandês e talvez da maioria das linguas cafríaes. Como se vê, o symbolo pelo qual o represento é uma modificação de h , que para fim análogo tenho usado em varias publicações.

λ . Ésto mesmo, proferido em segredo, ciciado: é talvez o valor normal do h inglês, e do antigo h aspirado francês, ainda dialectal, e que me parece differir do h allemão, manifestamente aphónico.

h , o h inicial allemão e escandinavo. Assim seria o h latino, attenta a sua permutação com f , e do mesmo modo o (\grave{h}) espirito áspero dos gregos, que os romanos transcreveram por h . Em português só o ouvimos procedendo a vogal que emittimos ao rir: *ha ha ha*.

f : consoante explosiva sonora quasi imperceptível, que precede os vocábulos iniciados por vogal: devia ser este o espirito brando dos gregos (\grave{h}), differente do γ , ou explosiva forte pharyngea.

γ : é o ($\grave{\gamma}$) arábico, \aleph hebraico, a consoante explosiva pharyngea forte que precede os vocábulos iniciados por vogal tónica nas lin-

¹ *Compendium der vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen*, Weimar, 1876, p. 17: „ \bar{h} ist stüts böhhar, und gilt als röhrender laut, ist also wie unser h , jedoch mit stümmen zu sprechen.... \bar{h} lässt sich mit und ohne schwingung der stimmbänder, stümmel und stümmen, hervor bringen: „O \bar{h} ouve-se sempre (em sâmscrito) e vale por phonema sonoro; deve pronunciar-se portanto como o nosso h (allemão), mas com voz.... e \bar{h} pode proferir-se acompanhado, ou não, de vibração das cordas vocaes, sonora ou surda.“

guas germánicas, exceptuando-se o inglês, e que em dinamarquês pode terminar syllaba, como por ex.: em hund = *hugn*. Uma variedade desta consoante (γ') é o phonema que proferimos quando tossimos. É esporádica em Portugal a substituição de k por γ , constituindo um defeito de pronúncia mais commum do que se poderia suppor.

2.^a Articulação. Pharyngeas anteriores: \bar{h} h' \bar{h} γ .

\bar{h} : é o h sonoro das linguas semíticas, \bar{h} hebraico, γ arábico, cuja fricção é muito perceptível ao ouvido, e exige muito maior esforço de expiração que o h , do que sensivelmente se distingue, bem como do h e do \bar{h} (\approx).

h' : é este mesmo cicidado, por exemplo, quando é final; talvez o \bar{h} hebraico, o γ de \aleph , que me parece não ser o γ inicial, sendo também certo que se differença do \approx .

\bar{h} : é o \bar{h} hebraico, o \approx arábico, sibilante peculiar das linguas semíticas, de difficil imitação para quem de muito novo não contrahiu o hábito de a proferir, comquanto seja distinctissima para o ouvido. João de Sousa compara-a ao som que emitimos quando procuramos aquecer com o fôlgo as mãos, e a comparação é exacta.

Todas estas sibilantes, bem como \approx , converteram-se em f nos vocábulos portuguezes e hispanhoes que passaram em tradição para as linguas hispanicas, derivados auricularmente do arabe.

γ : é o γ hebraico, o γ arábico, de difficilissima emissão. Uma boa descripção desta consoante encontra-se na *Grammatica Árabe*, de Silvestre de Sacy, e em Brücke¹; Gesenius compara-o a uma especie de r , muito lene, o que explica a nossa figuração por metade de n .

E ordinariamente transcrito por ($'$), e Lepsius representa-o por ($\dot{\gamma}$). Poderia também representar-se o γ por \bar{r} ou \bar{g} voltado, ou reservar este último símbolo para uma variante sonora; parecendo-me todavia que o γ é já por si sonoro, sendo effectivamente assim considerado por varios phoneticistas.

Gutturaes

3.^a Articulação. Velares posteriores: \bar{n} n' \bar{n} \bar{a} \bar{a} \bar{u} \bar{u} \bar{g} \bar{g}
 \bar{h} \bar{h} \bar{g} \bar{g} \bar{g} \bar{k}

\bar{n} , n' : o ng germânico, sonoro e surdo, porém muito fundo; parece existir em groenlandês: Lepsius representa-o neste por \bar{n} .

\bar{a} , \bar{a} : o r uvular, guttural, lene, sonoro ou surdo.

¹ *Grundzüge und Systematik der Sprachkunde*, p. 14: considera-o uma especie de r , proferido com as cordas vocaes.

ʀ, ʁ: o *r* guttural, parisiense e allemão do norte, esporádico em português; é o que nós chamamos *carregar* no *r*; pode ser sonoro como no francês *rare*, ou surdo, isto é, proferido em segredo, como em *theâtre*.

ʀ: é um *r* assibilado sonoro, o é arábico, que esporadicamente se ouve também na pronúncia parisiense, em substituição do *r*.

ʁ: análogo, porém surdo, o é arábico, quasi *ʁ'a*, o *ch* suíço.

ʁ: o *j* medial andaluz, som entre *h* e *ʁ*, isto é, com maior apartamento dos órgãos factores que o *ʁ*.

ʁ: este mesmo, ciciado.

h: é o *j* inicial andaluz, o *h* polaco, o *g* gallego do sul; talvez o (*h*) visarga sanscritico; assim é proferido também o *s* final e antes de consoante surda nos dialectos andaluzes e da Extremadura hispanhola, em parte, e o *e* florentino entre vogaes, das quaes a que o preceda seja átona, como *la casa* = *la hása*.

gh: o *ʁ* do grego moderno γήγγη, que se costuma figurar por *gh*.

gh: este mesmo, porém ciciado.

kh: o *j* castelhano, *kh* hebraico, final de syllaba, que é uso representar por *kh* nas transcrições polygrammáticas.

g: um *g* proferido no palato molle.

g: este mesmo, ciciado.

k: um *k* proferido no palato molle; é o *q* hebraico, *k* arábico, os quaes, porém, são precedidos de glottização.

4.ª Articulação. Velares medias: *h* *ʀ* *ʁ* *ʁ* *h* *ʁ* *ʁ* *ʁ* *ʁ* *ʁ* *ʁ*

h, *ʀ*: o *ng* germânico, sonoro e surdo, norte-allemão *lang*, *angst*; o *ṅ* devanágrico: um *h* proferido no ponto em que se pronuncia o *k*, e que em português só se ouve em conjunção com *e* ou *g*: por ex.: *frango*, *franco*.

ʁ: o *g* medial do allemão do norte, como em *tage*.

ʁ: este mesmo, porém ciciado.

h: o *ch* allemão, em conjunção com *a*, *o*, *u* ou consoante, por exemplo, em *bach*.

g: o *g* medial português e castelhano em conjunção com *a*, *o*, *u*; ex.: *lago*, pronunciado por uns *lago*, por outros *lago*.

g: o *g* inicial português antes de *a*, *o*, *u* ou consoante, como em *gallo*, *gola*, *gume*, *grudo*.

g: este mesmo implosivo.

ʁ: um *g* proferido em segredo, *g* dialectal allemão e dinamarquês de *gunst*.

g: *g* aspirado, isto é, *gh*; o *ṅ* devanágrico.

g: vale *gh*.

k': é o *k* aspirado, como em *fico*, o *k* de muitos dialectos allemães, do dinamarquês, o $\overline{\text{K}}$ devanágrico.

k̂: o *k* dos dialectos suiços, como em *kommen* = *kχòmpa*.

k̃: o *c* portuguez antes de *a*, *o*, *u* ou consoante, ex.: *cã*, *cré*.

k̄: *k* implosivo.

k̅: som peculiar dos dialectos boximanes, que F. Müller representa por *ɾ*. É o estalido guttural, com que incitamos animaes de carga.

5.ª Articulação. Velares anteriores: ŋ ɲ ɳ ɽ ʎ ʝ ʒ ʤ ʥ

ŋ , ɲ : as nasaes do allemão *singen*, *sinken*, muito semelhantes no *nh* portuguez, o qual é já palatino.

ɳ : som muito fraco, parecido com o *g* allemão de *tage*.

ɽ : este mesmo, ciciado.

ʎ : o *ch* allemão, mas proferido mais adiante, quasi no ponto em que proferimos *nh*.

ʝ : o *gu* de guerra, guita, *gh* italiano de *ghirlanda*.

ʚ : este mesmo, dito em segredo.

ʤ : o *qu* de deliquio, um *k* aspirado.

ʥ : o *qu* de queda, quite, *ch* italiano de *chiesa*, cheto.

Línguas

6.ª Articulação. Palatinas posteriores: ɰ ɱ ɲ ɽ ʎ ʝ ʒ ʤ ʥ

ɰ : o *i* francês de *bien*.

ɱ : este mesmo, ciciado: o *i* francês de *pieux*.

ɲ : o *nh* portuguez, ñ castelhano, *ny* catalão, o *gn* francês de *signer*; o *gn* italiano é geminado, duplo, assim *ogni* pronuncia-se *ónni*.

ɽ : o *nh* portuguez ciciado, dito em segredo.

ʎ : um *lh* portuguez proferido mais atrás que o usual.

ʝ : este mesmo, ciciado.

ʚ : o ɳ do grego moderno ɳraz , j dialectal allemão.

ʤ : este mesmo, ciciado.

ʥ : o *ch* allemão de *ich*, *recht*, som bastante difficil para nós portuguezes; talvez o som do $\overline{\text{C}}$ védico, actualmente proferido c na India, e c ou ɳ na Europa.

ʧ : a sonora explosiva correspondente, talvez existente a par do c em dialectos açoreanos; o $\overline{\text{C}}$ védico?

ʤ : esta mesma, proferida em segredo.

ê: o *t* e *qu* açoreano, em conjunção com *i*, ou *in*, como em pequeno, pintor = *picêno*, *pinçôr*; talvez o च védico, porque, segundo a pronúncia moderna na Índia, parece esta letra variar entre *é*, *ê* e *tê*, sendo este último valor o que se lhe dá na Europa. Parece averiguado que o *kj* suéco é igual *ê* = *êê*, ou pelo menos *tê*; o *kj* norueguês normal é sem dúvida *ê*, ao passo que o dinamarquês é = *kj*.

7.ª Articulação. Palatinas medias: *j* 'j *â* 'â *î* 'î *ß* 'ß *j* 'j
z 'z *g* 'g *g* 'g *ê* 'ê *ç* 'ç

j: o *y* hispanhol de *mayo*, *y* inglês de *yoke*, *j* allemão de *ja*; o *j* italiano toscano é antes um *i*, como é também o *i* português de *maio*.

'j: *j* ciciado.

â: o ञ devanágriico, transcrito á por Vasconcellos Abreu, á por Lepsius.

'â: este mesmo, ciciado.

î: o *l* palatal das linguas esclavónicas, *l* polaco em conjunção com *i*, *sa* russo; o *gli* italiano é duplo, sendo analizado por uns, entre elles L. L. Bonaparte, como *îî*, por outros como *lî*, o que me parece mais exacto.

'î: um *î* ciciado, o *sa* russo final, na pausa.

ß: um *î* assibilado, que pertence á phonética dos zulos, e que Lepsius representa por 'T, e Torrend¹ por dl, comparando o som com o do hollandês *glorie*, isto é *çlori* ou *ßlori* ou *glori*, o que é inexacto.

'ß: este som, mas surdo, ciciado: pertence também á phonética dos zulos, e Torrend¹ representa-o por hl; parece existir também em dialectos románicos da Suíça².

j: o *j* português em conjunção com *a*, *o*, *u*, é polaco, æ russo.

'j: este mesmo, ciciado.

z: o *x*, ou *ç* português em conjunção com *a*, *o*, *u*, o *x* gallego, asturiano, catalão e vasconço, o *sz* polaco, *sz* russo; o *sci* italiano é duplo = *sz*.

g, z em conjunção com vogues palataes (*e*, *i*), em português, é mais palatal, o que expresso por *z̃*, *j̃*; ficam, pois, estas duas consoantes, respectivamente, entre *z̃* e *z*, *j̃* e *j*.

'g: um *g* assibilado.

'j: um *j* affricato = *gj*.

¹ A Comparative Grammar of the South African Bantu Languages. Londres, 1891, p. 5.

² Conforme informação verbal do dr. Julio Cornu, para quem o som era familiar em 1881, e que o comparava a *çç*.

g̃: um *g̃* aspirado, o ङ védico; nas linguas modernas da India proferre-se como *dj̃*.

ḡ: o ङ védico, que nas linguas modernas da India é *dj* ou *ḡ*.

ḡ̃: êste mesmo, proferido em segrêdo.

ḡ̃: um *ḡ̃* implosivo.

ḡ̃: um *ḡ̃* affricato, isto é *ḡ̃*: parece ser êste o valor da chamada aspirada palatal surda das linguas da India, ङ, e não *ḡ̃*, como é ordinariamente descrita. O *ch* inglês, castelhano, beirão e transmontano é = *tḡ̃*, ou *lḡ̃*.

ḡ̃: च védico? Actualmente esta letra é *tḡ̃*, ou *ḡ̃*. Na Europa pronunciam-na *tḡ̃*.

ḡ̃: é implosivo, como na prepositiva do grupo devanágrico च.

ḡ̃: consoante inspirada surda, peculiar dos dialectos boximanes, hottentotes e zulos, que Fr. Müller representa por *ʔ*, Lepsius por *ʔ*, e Torrend por *q*, dando-lhe uma sonora correspondente, que figura com *qq*, e nós podemos transcrever *ʔg*. Nas outras linguas só é empregado o *ḡ̃* como interjeição, e corresponde ao estalido que damos com o dorso da lingua no céu-da-bôca, como signal de que um líquido a refrigerou.

Deve advertir-se que é mais que duvidosa a existencia de inspiradas sonoras, que melhor são talvez ditongos consonânticos, ou simplesmente grupos de consoantes.

8.^a Articulação. Palatinas anteriores: *ɟ* *ɟ̃* *ɟ̃̃* *ɟ̃̃̃* *ɟ̃̃̃̃* *ɟ̃̃̃̃̃* *ɟ̃̃̃̃̃̃*
ɟ̃̃̃̃̃̃̃ *ɟ̃̃̃̃̃̃̃̃*

ɟ: é um *ɟ* semivogal palatal, proferido muito adeante, perto das gengivas.

ɟ̃: êste mesmo, ciciado.

ɟ̃̃: a nasal palatal das linguas esclavónicas, ñ polaco, ñ russo, que são proferidas em um ponto mais anterior que o *nh* português.

ɟ̃̃̃: êste mesmo, proferido em segrêdo, o *ñ* russo final, na pausa.

ɟ̃̃̃̃: o *lh* português, *ll* castelhano e catalão, *ly* húngaro.

ɟ̃̃̃̃̃: êste mesmo, ciciado.

ɟ̃̃̃̃̃̃: o *j* francês, proferido mais adeante que o *j* português e com protração dos labios.

ɟ̃̃̃̃̃̃̃: êste mesmo, ciciado.

ɟ̃̃̃̃̃̃̃̃: o *ch* francês, proferido mais adeante que o *ch* português e com protração labial, a qual é ainda mais assignalada no *sch* allemão, que pode ser representado por *g*.

ɟ̃̃̃̃̃̃̃̃̃: é uma explosiva sonora palatina, proferida junto ás gengivas.

ɟ̃̃̃̃̃̃̃̃̃̃: esta mesma, pronunciada sem voz.

ɟ̃̃̃̃̃̃̃̃̃̃̃: a explosiva surda correspondente; o *ci* italiano é uma affricata = *çç*, ou melhor *tç*, sensivelmente diversa do *ch* inglês, hispanhol e português do norte = *lç* ou *lç̃*.

9.ª Articulação. Dorsaes posteriores: \bar{n} \bar{u} \bar{z} \bar{z}' \bar{i} \bar{d} \bar{d}' \bar{t} .

\bar{n} : o *n* inglês de *angel*.

\bar{u} : o *u* inglês de *wrench*.

\bar{z} : o *z* polaco, *sz* russo.

\bar{z}' : este mesmo, ciciado.

\bar{i} : o *i* polaco, *sz* russo.

\bar{d} : o *dy* russo, *gy* húngaro.

\bar{d}' : este mesmo, ciciado.

\bar{t} : o *t* do Cadaval, quando está em conjunção com *i*, *sz* russo, *ty* húngaro.

10.ª Articulação. Dorsaes médias: \bar{h} \bar{h}' \bar{l} \bar{l}' \bar{z} \bar{z}' \bar{s} \bar{s}' \bar{i} \bar{d} \bar{d}' \bar{t} .

São dorsaes proferidas mais adiante que as antecedentes, das quaes são variedade; \bar{h} parece ser uma pronunção dialectal do *gn* francês; \bar{h}' é freqüente imitação de \bar{h} entre as nações germânicas; \bar{l} ouve-se a meúdo como imitação imperfeita do *l* na boca dos francezes do norte, e na dos allemães, para os quaes o *lh* português é de difficilissima emissão; \bar{z} é o *ll* gallês, como o ouvi proferir no hebraista do País de Galles, Davies; \bar{z}' , a sonora correspondente.

11.ª Articulação. Dorsaes anteriores: \bar{r} \bar{r}' \bar{s} \bar{s}' \bar{d} \bar{d}' \bar{t} .

Forma esta articulação as chamadas gútturo-dentaes, gútturo-alveolares, empháticas, de que em português há apenas \bar{t} . São também linguaes, e Lepsius representa-as por (\bar{t}).

\bar{r} o \bar{r}' arábico, quando se acha em contacto com uma emphática.

\bar{s} , \bar{s}' : *r* medial e inicial esporádicos, que ouço em português, como pronuncia imperfeita do *r* apical, e em francês e allemão a muitos individuos que, sem proferirem o *r* uvular, fazem nelle sentir ainda assim uma certa gutturalização.

\bar{l} : o *l* português final de syllaba, na pausa ou antes de sonora, (quasi o *l* polaco, *sz* russo); ex.: *mal*, *acelga*, que na Parte II representamos por \bar{l} , sendo o esclavónico mais dental (\bar{l}).

\bar{l}' : este mesmo, ciciado, quando está antes de consoante surda, como no português alto, *palco*.

\bar{z} : o \bar{z} arábico, \bar{z} de Lepsius.

\bar{z}' : o \bar{z} arábico, \bar{z} hebraico, \bar{z} de Lepsius, que os arabistas costumam figurar com \bar{z} .

\bar{d} : o \bar{d} arábico, representado por Lepsius com \bar{d} .

\bar{d}' : o \bar{d} arábico, \bar{d} hebraico, que Lepsius figura por \bar{d} , \bar{t} .

12.^a Articulação. Paginaes posteriores: η η' ζ ζ' ξ ξ' ψ
 ψ' δ δ' τ τ' .

- η : o η português, hispanhol e italiano, iniciais.
 η' : êste mesmo, ciciado, η do italiano *santo*.
 ζ : ζ inicial português, hispanhol e italiano.
 ζ' : êste mesmo, ciciado.
 ξ : ξ português inicial.
 ξ' : êste mesmo, ciciado.
 ψ : ψ , português, inicial, *ss*, ζ portuguezes.
 ψ' : ψ português e hispanhol inicial.
 δ : δ português e hispanhol inicial.
 δ' : êste mesmo, ciciado.
 τ : τ português e hispanhol inicial.
 τ' : τ português final ou seguido de o , io ; ex.: *tape*, *tapo*, *tape-o*.

13.^a Articulação. Paginaes medias: \hat{n} \hat{n}' \hat{l} \hat{l}' \hat{z} \hat{z}' \hat{s} \hat{s}'
 \hat{d} \hat{d}' \hat{d}'' \hat{d}''' \hat{q} \hat{q}' \hat{t} \hat{t}' \hat{t}'' \hat{t}''' \hat{t}'''' .

- \hat{n} : n francês inicial.
 \hat{n}' : êste mesmo, ciciado.
 \hat{l} : l francês inicial.
 \hat{l}' : êste mesmo, ciciado, como em *peuple*.
 \hat{z} : z francês inicial, z e s mediaes franceses.
 \hat{z}' : êste mesmo, ciciado.
 \hat{s} : s , ζ franceses, *ss* medial francês.
 \hat{s}' : s casual castelhano antes de consoante sonora.
 \hat{s}'' : êste mesmo, ciciado, s castelhano antes de consoante sonora.
 \hat{s}''' : s castelhano, c castelhano antes de e , i .
 \hat{d} : d medial português, d castelhano medial ou final, d medial dinamarquês.
 \hat{d}' : z italiano em *mezzo* = *dz*.
 \hat{d}'' : d aspirado.
 \hat{d}''' : d francês.
 \hat{q} : d implosivo, como na prepositiva do grupo *dd* italiano de *Gaddo*, do português *ped[e] dois*.
 \hat{q}' : d ciciado, d inicial dinamarquês, e dialectal alemão.
 \hat{q}'' : d lateral, como no alemão *Adel*.
 \hat{t} : t affricato, z italiano de *zio*, z alemão de *zehn*.
 \hat{t}' : t aspirado, como no francês dialectal *tard*.
 \hat{t}'' : t francês.
 \hat{t}''' : t implosivo, como o primeiro t do português *met[e]te*, diferente de *mete*, italiano *fatto*, diferente de *fato*.
 \hat{t}'''' : t lateral, como no alemão *mittel*.
 $/t$: inspirada cafral e hottentote, representada por Lepsins com $/$.

14.ª Articulação. Paginaes anteriores: ञ ण ल ळ र र् र
 ष ढ ढ़ ढ़ ढ़ ढ़ ढ़

ञ: o ञ devanágrico.

ण: a ciciada correspondente.

ल: l correspondente, ल devanágrico.

ळ: este mesmo, ciciado.

र: r trasmontano, r portuense inicial.

र्: este mesmo, ciciado.

र: r trasmontano, r portuense inicial.

ढ: th inglês de that, que pode ser interdental, (ð).

ढ़: este mesmo, ciciado, que pode ser interdental, (ðʰ).

ढ़: th inglês de thank, que pode ser interdental (θ).

ढ़: ढ़

ढ़: ढ़

ढ़: ढ़

ढ़: ढ़

devanágricos } São ढ़ ढ़, ल ळ proferidos com o ápice
 da língua na superfície interna dos inci-
 sivos superiores.

15.ª Articulação. Reversas posteriores: ण ण र र ण ण ल ळ
 ष ष ढ़ ढ़ ढ़ ढ़ ढ़

ण: ण devanágrico.

ण: este mesmo ciciado.

र: um r lene muito cacuminal, como o r quimbundo de ríala; provavelmente é este o r dravídico, que Caldwell representa por um r, diferenciando-o de r.

र्: este mesmo, ciciado.

र: o r português, hispanhol e biscaíno, inicial.

ळ: este mesmo, ciciado.

ल: l cacuminal; um l proferido na depressão que do palato duro separa as gengivas; existe em dialectos noruegos e suecos, e parece que também em linguas cafríes.

ळ: o ळ concani e provavelmente o védico; parece ao ouvido igual a ळ, e é proferido com a superfície inferior do ápice da língua, que fere súbitamente a parede anterior de depressão que do palato separa as gengivas.

र: um r cacuminal, proferido na depressão indicada.

र्: este mesmo, ciciado.

र: r cacuminal, provavelmente o ळ devanágrico, o qual na Europa e em muitos dos dialectos áricos da India é confundido em um som único, o de र ou र, com o ळ (= र ou र).

ढ़: ढ़ cacuminal aspirado, o ढ़ devanágrico,

ढ़: ढ़ cacuminal tenue, o ढ़ devanágrico, que em alguns dialectos da India é proferido como र.

ढ़: este mesmo, ciciado.

f: *t* cacuminal aspirado, o \bar{t} devanágrico.

f: *t* cacuminal, o \bar{t} devanágrico.

16.ª Articulação. Reversas medias: η η' ζ ζ' η η' z z'
 ξ ξ' ξ ξ' ζ ζ' f d d' ξ ξ' .

η : o *n* inglês de *land*.

η' : o *n* inglês de *grant*.

ζ : o *r* português de *mar*, *caro*.

ζ' : o *r* português de *fôrça*.

η : o *r* italiano de *brano*, mais deanteiro que o *n* hispânico.

η' : o *r* italiano de *prato*.

z : o *r* esporádico que resulta da assimilação parcial de z a *n*, como por exemplo os reis = *ozliã*, em vez de *ozliã*; o *rz* polaco, sendo porém este mais cacuminal, isto é z , assimilação parcial de *n* a *j*, e não de *j* a *n*. Pode ser também figurado com ξ .

z' : este mesmo, ciciado, como o *r* final de muitos dialectos brasileiros, entre elles o do Rio-de-Janeiro, por ex.: em *moz*, *sez*. Ambos os *rr* assibilados se ouvem dialectalmente em inglês depois de *d*, *t*, por ex.: em *dry*, *try* = *dzai*, *tzai*, quasi pronunciados como se estivessem escritos *zy*, *chy*, isto é, *djai*, *tzai*.

ξ : o *l* inglês inicial.

ξ' : o inglês do *title*, o qual também pode ser ξ' .

ζ : z esporádico inglês.

ζ' : este mesmo, ciciado.

ηz = esporádico inglês.

ζ : o *s* medial trasmontano em *cozer*, diferente de *cozer*. Existe igualmente em varios dialectos catalães, e mesmo castelhanos. Este som foi geral no reino até há dois séculos, competindo ao *s* medial.

ζ' : este mesmo, ciciado.

f : o *s* inicial, e *ss* medias trasmontanos, como em *só*, *posso*.

d : o *d* inglês.

d' : este mesmo, ciciado.

ξ : ξ aspirado, dialectal inglês.

ξ' : o *t* inglês.

17.ª Articulação. Reversas anteriores: n n' r r' z z' ξ ξ' ξ
 ξ ξ' d d' t .

São todas proferidas perto dos dentes, com a parte anterior do ápice da língua; são variedade das que constituem a 16.ª articulação. O *n* italiano é muitas vezes assim proferido. Há no Minho um ξ inicial ou final, que é = ξ ; falta porém determinar os pontos em que é vulgar, pois o não é em toda aquella provincia.

Labiaes

18.ª Articulação: Línguo-labiaes: *m, m̃, b, p*, etc.

São paginaes proferidas com a lingua no labio superior.

19.ª Articulação. Labio-dentaes: *w̃ w̃̃ m̃ m̃̃ p̃ p̃̃ ṽ ṽ̃ f̃ f̃̃*
b̃ b̃̃ p̃ p̃̃.

w̃: semivogal proferida entre os dentes incisivos superiores e o labio inferior; ouve-se, com maior caracter de vogal, na bôca da gente do Porto, para quem a segunda cidade do reino é *pôrto*.

w̃̃: este mesmo ciciado.

m̃: um *m* labio-dental; nasal freqüente nas linguas cafricas, inficionando um *e* seguinte, como no lundês *muaticãna*, em que está representada pelo (̃).

m̃̃: esta mesma ciciada, como no italiano *ninfa*.

p̃, p̃̃: *p* labio dental, sonoro e surdo.

ṽ: o *v* portuguez de *ver*, ou antes o francês de *va*, e inglês de *veil*.

ṽ̃: este mesmo ciciado, valor que se attribue ao *v* hollandês, de *vader*, por exemplo.

f̃: o *f* portuguez de *fê*.

b̃: um *b* proferido com o labio inferior nos dentes incisivos superiores: o valor de *v* portuguez, inicial sobretudo, é mais *b̃*, que *ṽ*.

b̃̃: este mesmo ciciado.

p̃̃: affricata igual a *pf̃*; o *pf̃* allemão de *pfund*, pronunciado rapidamente, com assimilação parcial do *p* ao *f*.

p̃̃̃: um *p* proferido com o labio inferior nos incisivos superiores.

20.ª Articulação. Bilabiaes: *w̃ w̃̃ m̃ m̃̃ p̃ p̃̃ ṽ ṽ̃ f̃ f̃̃*
b̃ b̃̃ p̃ p̃̃ p̃ p̃̃ /p̃.

w̃: o *w* inglês em *witch*.

w̃̃: o *w* inglês em *which*.

m̃: o *m* inicial portuguez de *mó*.

m̃̃: este mesmo ciciado: *m* italiano de *campo*.

p̃: *p* bilabial sonoro; sómente interjectivo.

p̃̃: *p* bilabial surdo; sómente interjectivo.

ṽ: o *w* dialectal allemão de *wind*; *v* proferido com os dois beiços.

ṽ̃: o *w* dialectal allemão de *qual*, *w* de *zwei*.

f̃: um *f* proferido com os dois beiços; affirma-se que há este som em japonês, e Leão de Rosny representa-o nesta lingua por *ç*; toda-

vía, Hoffmann¹ attribue á fricativa labial japonesa o valor de uma sibilante labio-dental, um *h* que vem terminar nesta articulação, e que pode ser representado por *f*, e a sonora correspondente por *ɸ*, sendo o sôpro coado pelos interstícios dos incisivos inferiores.

ɸ: o *b* medial, português e hispanhol, como em *cabo*, *lobo*.

ɸ: a affricata de *b* = *bɸ*.

ɸ: um *b* aspirado, o 𑖀 devanágico.

ɸ: *b* ciciado, como o *b* dinamarquês e dialectal allemão.

ɸ: *b* português de *bello*.

ɸ: *b* implosivo como no italiano *babbo*, e na phrase portuguesa *cab[e] bem*.

ɸ: a affricata de *p*, isto é *pɸ*; talvez assim se preferisse o grupo do alto allemão medio *ph*, e o φ grego, que depois passaria a *pɸ*, para chegar a *f*, seu valor medieval e actual.

ɸ: *p* aspirado, como no dinamarquês *pakke*, e no português, quando final e antes de *ɣ*, *lɣ*; ex.: *tape*, *tapo*, *tape-o*.

ɸ: o *p* português de *pó*.

ɸ: o *p* implosivo do italiano *tropo*, do português *tape* pois.

ɸ: a inspirada bilabial dos dialectos boximanes, que Frederico Müller representa por \square ; proferimo-la ao dar um beijo.

21.ª Articulação. Extra-labiales: φ φ γ φ f ϕ *ɸ* *b* *p*.

São proferidas na parte externa dos lábios.

Podemos aqui citar as seguintes, que são conhecidas, φ : a subjuntiva de ditongo que se ouve no *u* suéco longo final, como em *sju* = *ájup*; o φ inicial e ϕ medial de Guimarães, e não sei se de outras partes do Minho, que é manifestamente extra-labial.

Creio ter sido Wulff o primeiro a notar a existencia desta articulação, a extrema que se pode produzir².

¹ *Japansche Sprachlehre*.

² Veja-se *Un chapitre de phonétique, avec transcription d'un texte suédois*. Lund, 1889, p. 15. Éste escrito, e os do mesmo autor, em collaboração com Lytken, *Svensk Uttales ordbok* e *Svenska språket ljudlära och beteckningslära* são os exemplares mais completos que conhecemos de transcrição geral monogrammatica, mediante o emprêgo promiscuo de caracteres minúsculos itálicos, que são a base, e redondos, versaletes, gregos, todos elles direitos ou invertidos, engenhosamente augmentada ainda esta grande copia de caracteres com todos os símbolos e monogrammas usados nas impressas para fins esportivas, como por exemplo, H , ∞ , etc.

PARTE II

PRONUNCIA NORMAL PORTUGUESA

Sons e sua escrita

39. A pronuncia da lingua portuguesa não é uniforme, nem mesmo no continente; há todavia no centro do reino, entre Coímbra e Lisboa, um padrão medio, do qual procuram aproximar-se os que sabem ler e escrever, e que tende a absorver as particularidades dialectaes, não só nesse centro, mas ainda nas cidades das demais provincias. A este dialecto commum nos referiremos em especial ao expormos o valor de cada letra, e os sons, quer vogaes, quer consoantes, e suas modificações, que são elementos dos vocábulos portugueses.

Concluiremos esta exposição por algumas considerações brevíssimas sôbre a presumível pronunciação no tempo de Camões, que pertencia por nascimento a êsse centro, ao qual o consenso geral attribuiu sempre melhor elocução.

40. Os sons que constituem a lingua portuguesa são vogaes, semivogaes e consoantes. As letras são: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z.*

41. O abecedario lê-se do modo seguinte: *â, bô, cê, dô, ê, êfe, gô, agá, i, ji, kâ, éle, éme, êne, ô, pé, quô, erre, êsse, tê, u, vê, xis, ypsilon, zê*; que se pronunciam pouco mais ou menos como se em francês se escrevessem: *â, bô, cê, dê, ê, êfe, jê, eugâ, i, ji, câ, êle, ême, êne, o* (como em *or*), *pê, kê, erre, êce, tê, ou, vê, chiche, ipilone, zê.*

É importante o nome que tem cada letra, porque a inicial dêsse nome representa em geral o seu valor normal e o mais freqüente.

Este alphabeto não expressa todos os sons da lingua; é augmentado com signaes diacríticos e com grupos de letras, representando cada grupo um som. Dêste modo, há mais os símbolos seguintes, indicativos de outros tantos sons distintos: *â* (quasi *ä* allemão); *ç*, equivalendo hoje a *s*, bem como o *c* antes de *e*, *i*, *y*; *ch* valendo hoje por *x* (*ch* francês); *ê* (*é* francês); *gu* (*gu* francês, *gh* italiano), servindo o *g* para antes de *a*, *o*, *u*, ou consoante; *lh*, *nh*, que valem por *ll*, ã castelhanos; *ô* (*ò* francês), *qu* (*qu* francês, *ch* italiano) servindo o *c* para antes de *a*, *o*, *u* ou consoante; *rr* para *r* dobrado; o signal (˘) chamado *til*, que denota nasalidade nas vogaes, *ã*, *õ*, *ê* (˘) ou accento agudo, que marca a vogal da syllaba tónica de cada vocábulo que se quer accentuar grâphicamente, exceptuando *ç* e *ç*, fechados, que se indicam por meio do circumflexo (ˆ).

Apesar destes expedientes grâphicos o alphabeto é ainda muito insufficiente para a designação de todos os sons portuguezes, mesmo os do actual dialecto commum, a que, como dissemos, principalmente nos referiremos aqui; e por isso o ampliaremos de modo que possamos ser claros e concisos nesta exposição. Para tal effeito augmentamos os símbolos indicados com mais os seguintes: *æ*, *g*, *b*, *â*, *ch*, *d*, *ê*, *ç*, *z*, *ç*, *g*, *i*, *î*, *l*, *ï*, *l*, *l*, *u*, *û*, *ô*, *ç*, *ç*, *ç*, *ç*, *ç* (= *z*), *ç*, *ç* (= *ç*), *ç*, *ç* (= *ç*), *ç*, *ç* (= *ç*), *ç*, *ç* (= *ç*), *ç*. Todos estes diacríticos são convencionaes, todavia, e adoptados por nós para a conveniencia dêste pequeno tratado.

42. O alphabeto assim ampliado ficará sendo o seguinte:

a, *â*, *ó*, *g*, *ç*, *g*, *ç*, *â*, *ã*; *b*, *b*; *c*, *ç*, *ç*; *ch*, *ch*; *d*, *d*; *e*, *è*, *é*, *ê*, *ç*, *ç*, *ç*, *ç*; *f*; *g*, *g*, *gu*; *h*; *i*, *î*, *l*, *ï*, *l*, *l*, *l*; *j*, *ç*; *k*; *l*, *ç*, *l*, *lh*; *m*; *n*, *n*, *û*, *nh*; *ò*, *ó*, *ô*, *ó*, *ç*, *ç*, *ç*; *p*, *ç*; *qu*, *qu*; *r*, *ç*, *rr*; *s*, *ç*, *ç*, *ç*, *ç*, *ç*; *t*, *ç*; *u*, *ç*, *û*, *û*, *û*, *û*; *v*; *ç*, *ç*; *y*, *ç*; *z*, *ç*, *ç*, *ç*, *ç*, *ç*. Alguns destes caracteres designam sons que já se não usam no dialecto normal.

Os valores destes símbolos são os seguintes, comparados com sons de outras linguas, francês, italiano, allemão, etc.

â, *á*, escrito usualmente *a* ou *á*: *a* intermédio entre os franceses de *pâte* e *patte*.

g, *ç*, escrito com *a* ou *á*: muito próximamente o *ä* francês de *mâle*.

â, *ç*, escrito usualmente *a* ou *á*: o *a* inglês de *about*, sendo porém tónico; assemelha-se a *ä* allemão de *hülle*, e também a *e* francês de *le*; (*ç*).

g, escrito usualmente *a*: este mesmo, mas átono.

ã, escrito usualmente *ã*, *an*, *an*: este mesmo, porém nasal; lembra o *un* francês.

b, escrito usualmente *b*: o *b* francês ou italiano.

ß, escrito usualmente *b* ou *bb*: o *b* castelhano de *deber*, quasi *w* dialectal allemão; é um *v* proferido com os dois beijos.

c (antes de *a*, *o*, *u*, ou consoante), *c*, *cc*, *ch*: *c* francês, *k* allemão, em situação semelhante; (*k*).

ç (final ou antes de *o* final átono), *c*, *cc*, *ch*: *c*, *k* aspirado; (*k'*).
çh, escrito *ch*: originaria e dialectalmente *ch* castelhano e inglês; no centro do reino actualmente tem o mesmo valor que *ç*.
ç(h), ou simplesmente *ç*, escrito *ch*: *ch* castelhano e inglês; (*ç*).

ç, escrito *ç(a)*, *ç(o)*, *ç(u)*, *ç(e)*, *ç(i)*: diferenciado antigamente de *s* na pronuncia, mas hoje confundido com elle, excepto em parte de Trás-os-Montes, Miúdo e Beiras; (*s*).

d, escrito na orthographia usual *d*: *d* proferido mais perto dos dentes que o *d* francês.

d, escrito na orthographia usual *d*, *dd*: *d* medial castelhano, quasi *ð*, o *th* inglês de *that*, e não o de *thank* (*þ*).

ê, *é*; *ê*, escrito na orthographia usual *e*, *è*, *é*: *e* mais aberto que o *è* francês; *ê* é mais aberto ainda e só se ouve antes de *t*.

z, (= *ç*; *ê*), escrito na orthographia usual *e*: som originario e dialectal, *z* português; no centro do reino tem o mesmo valor que *d*, e só apparece antes das consoantes *ch*, *z*, *j*, *lh*, *nh*, e no ditongo *ei*; em alguns pontos tem um valor medio, *é*, entre *è* e *ê* (igual ao do *e* castelhano).

ç, *ê*, na orthographia commun *e* ou *ê*: o *é* francês de *fée* e allemão de *see*, e *chiuso* italiano de *sapeva*.

z, na orthographia commun *em*, *en*: este mesmo, porém nasal, differente de *in* francês, que é muito mais aberto.

ç, *i*, na orthographia commun *e* ou *i*: um *e* mais fechado e menos perceptível que o *e* francês do artigo *le*, ou o allemão de *himmel*; quasi o (') de *ch'cal*, pronuncia corrente do vocábulo francês *cheval*; (*s*).

f, na orthographia commun *f*, *ff*, *ph*: *f* francês e allemão.

g, (antes de *a*, *o*, *u*, consoante, ou final) *g*, *gg*: o *g* francês na mesma situação, *g* inglês de *gold*, italiano de *largo*; (*g*).

gu, (antes de *è*, *é*, *i*, *y*), *gu*: o *gu* francês na mesma situação, *gh* italiano; (*g*).

g, (antes de *e*, *i*, *y*), *g*: análogo ao *g* francês na mesma situação, igual a *j*, *j*. (Vejam-se estes).

h, escrito na orthographia commun *h*: sempre nullo; equivale ás vezes ao signal (˘) em francês, para desunir vogaes: *ahí*, (= *ai*).

ï, (*ï*), *ï*, escrito na orthographia commun *i*, *ï*, *y*, *y*: *i* allemão ou italiano, menos agudo que o *i* francês.

i, (*ï*), escrito na orthographia commun *i*: *i* do inglês *bill*, muito próximamente; está para *i* como *è* para *ê*.

i, escrito na orthographia commun *im*, *in*: *i* nasal, differente de *ing* allemão ou inglês.

i, escrito na orthographia commum *i*, *e*: *i* átono antes de palatal, muito breve e attenuado.

i, escrito na orthographia commum *i*, *e*: *y* francês e inglês, *j* italiano, ou allemão, porém menos consonántico, com maior carácter de vogal.

j, (antes de *a*, *o*, *u*, *e*), escrito na orthographia commum *j*, *g*: mais palatal que o *j* francês, e sem protractão labial.

j, (antes de *è*, *ê*, *i*, *y*), escrito na orthographia commum *g*, *j*: ainda mais palatal.

k, (substituído por *c* ou *qu*), escrito na orthographia commum *c*, *ch*, *qu*, *k*: é de raro emprêgo: vale o *k* allemão.

l, na orthographia usual *l*, *ll*: o *l* hispanhol ou italiano, articulado mais próximo dos dentes que o francês.

l, *l* depois de vogal na mesma syllaba, ou quando final: quasi o *l* polaco, isto é, gutturalizado: a lingua, deprime-se a meio, e faz-se convexa em direcção ao palato molle; a ponta, com a sua face inferior, toca a face interna dos incisivos superiores e forma o contacto com as gengivas; o effeito acústico é quasi o de um *u* muito sumido, ou do *w* inglês; (*l*).

lh (melhor *lh*, ou simplesmente *l*), escrito na orthographia commum *lh*: é um *l* palatal, o *ll* castelhano, e não *ill* parisiense, nem o *lj* allemão. Para o reproduzir deve ter-se em attenção que a ponta da lingua há de encostar-se á face interna dos incisivos inferiores, e que o contacto é com a página superior da lingua, convexa, na parte interna das gengivas dos incisivos superiores, quasi junto ao palato duro, próximamente a posição do *ch* allemão de *ich*; o sopro passa, como para todos os *ll*, por um ou pelos dois lados da lingua; (*l*).

m, escrito na orthographia commum *m*, *mm*: o *m* francês inicial, ou *m* italiano ou allemão; (*m*).

n, escrito na orthographia commum *n*, *nn*: mais perto dos dentes que o *n* francês ou allemão; (*n*).

n, escrito na orthographia commum *n*: o *ng* allemão de *sang*, ou o de *singen*, conforme é precedido de *a*, *o*, *u* ou de *e*, *i*; só se ouve antes de *k*, *qu*, *g*, *gu*; (*n*, *ŋ*).

nh, (melhor *nh*, ou simplesmente *n*), escrito na orthographia commum *nh*: o *gn* francês, *ñ* castelhano, e não *nj* allemão, parecendo-se mais com o *ng* de *singen*, do que com esse compendio de dois sons; (*n*).

ò, *ó*, escrito na orthographia commum *o*, *ó*: é o *o* aperto italiano, quasi o *o* allemão de *sonne*, ou então o *o* francês de *or*, de que também differe; antes de *i* é mais aberto ainda; (*ò*).

o, *ô*; *o*, escrito na orthographia commum *o*, *ô*, *ou*: é o *o* chiuso italiano, *oo* allemão de *loos*, *ô* francês; *o* é ainda mais fechado, e só apparece antes de *i*.

o, escrito na orthographia commun o, u: é um u átono muito breve, e quasi imperceptível se é final.

õ, escrito na orthographia commun on, om: é o nasal, differente do ou francês.

p, escrito na orthographia commun p, pp: p francês e italiano.

p̄, escrito na orthographia commun p̄, pp̄: p aspirado.

qu, (antes de ê, ê, i), escrito na orthographia commun qu: qu francês, k allemão na mesma situação; (k).

qū, (antes de i₂), escrito na orthographia commun qu: qu (k) aspirado.

r, (final, medial, e antes de p, f, t, s, x, c, qu; b, v, d, z, j, g, gu, ou depois de consoante), escrito na orthographia commun r: é um r proferido de um só golpe com a parte anterior da ponta da lingua na parte mais convexa das gengivas dos dentes incisivos superiores.

r̄, rr; (r), (r inicial, dobrado, e antes de m, n, nh, l, lh), escrito na orthographia commun r, rh, rr: é um r vibrado com a ponta da lingua, junto ao palato duro, na parte interna das gengivas, á esquerda, portanto é uni-lateral; inicial e dobrado (rr) é mais vibrado. Estas duas especies de r correspondem inteiramente ao r e rr de toda a península hispânica, quando normaes.

s, na orthographia commun s, ss, sc, ç, x: é quasi o s inicial francês, ss allemão; deve porém ter-se em attenção que é proferido com a lingua convexa de encontro ás gengivas dos incisivos superiores, encostando-se a ponta á parte interna dos incisivos inferiores; (s). O som originario e provincial (do norte) é o de ç, que é o inverso deste. (Veja-se ç).

z, na orthographia commun z: z medial, valendo ç. (Veja-se ç).

z̄, na orthographia commun z̄: z̄ antes de consoante valendo ç ou ç. (Veja-se ç).

z̄, z̄, na orthographia commun z, z: z final ou antes de p, f, t, ç, c, qu, valendo ç attenuado, quasi o z allemão de spiel, stehen; z̄ é mais palatal.

z̄, na orthographia commun z, z̄ (confundido há muito tempo com o ç = s no dialecto culto, e assim também em todo o sul, do Mondego para baixo): som originario e dialectal do norte, differente do ç: é um z reverso, iste é, proferido com a parte anterior, um tanto cóncava, da ponta da lingua no convexo das gengivas dos incisivos superiores, como o z vasconço e castelhano: lembra no effeito acústico z̄ reunidos; (f).

t, na orthographia usual t, tt, th: é um t proferido mais perto dos dentes que o t francês e allemão, e sem aspiração; (t).

t̄, (antes de ç, ç, i₂ finais), t, tt, th: o mesmo, porém aspirado.

u, ú, na orthographia usual u, ú: o u italiano e allemão, menos fechado que o ou francês; (ú).

u, û, na orthographia usual u: como ou francês de foule; só antes de f.

û, na orthographia usual u, o: u semivogal como o u italiano de uomo, differente do u inglês.

ũ, na orthographia usual um, un: é u, nasal, differente de ung allemão.

v, na orthographia usual v: v francês e italiano, não confundido nunca com o b no sul e centro do reino; raro no norte; (v).

x, símbolo etymológico, valendo por *lx*, *ss*, *iſ*, *iz*, *iſ*, *ſ*, *z*, *ſ*, *z*, conforme a sua posição com respeito aos sons contiguos.

ô, na orthographia usual x, (ou *ch*): mais palatal que o *ch* francês, sem a protração labial deste ou do *sch* allemão; análogo ao *sh* inglês; é o *x* tradicional da Península Hispânica, que desapareceu já do castelhano e seus dialectos, mas que permanece no gallego, no asturiano, no valenciano e no catalão com o mesmo valor. Figura principalmente depois de consoante, dos ditongos *ai*, *ei*, *oi*, e quando é inicial. (Emprego o ponto sobrescrito para o differenciar do *x* medial etymológico. O dialecto culto não distingue *ô* de *ch*).

ô, na orthographia usual x (ou *ch*): mais palatal que *ô*, por se lhe seguirem ou o procederem *i*, *z*, *ê*, *ê*.

y, ý, na orthographia usual y: símbolo puramente etymológico e que vale por *i*; na orthographia antiga valia por *i*, se era seguido de vogal, e também por *i*, depois de consoante.

z, na orthographia usual z (*s*): é um *z* semelhante ao francês, proferido porém, bem como o *s* português (veja-se), mantendo-se a ponta da lingua encostada aos incisivos inferiores; (z).

z (*ſ*); Z, na orthographia usual s, z, x: é um *ſ* atenuado; tem este valor o *s* antes de *b*, *m*, *v*, *z*, *d*, *n*, *l*, *j*, *nh*, *lh*, *g*, *r*; Z é mais palatal.

z (*ſ*), (*s* entre vogaes), na orthographia usual s (confundido há muito tempo com o z no dialecto culto): é um *z* proferido com as mesmas posições dos órgãos que o *s* reverso. É este o valor original, e ainda o dialectal no norte, do *s* antes de *b*, *m*, *v*, *z*, *d*, *n*, *l*, *j*, *nh*, *lh*, *g*, *r*, e entre vogaes, differente do *z*. O seu effeito acústico lembra o de *sz* reunidos em um som único, e é também freqüente em dialectos italianos e catalães; em castelhano ouve-se antes de *b*, *d*, *g*, e ás vezes entre vogaes em pronunciação rápida e emphática; (l).

z, na orthographia usual z: é o *z* final ou antes de *p*, *f*, *s*, *t*, *x*, *c*, *qu*, valendo por *ſ*, *z*, no dialecto do centro.

z (*ç*) na orthographia usual z: vale por ç final no português antigo e ainda hoje em Trás-os-Montes, por se não escrever ç em fim de vocábulo, ou de syllaba; assim lux (= *luç*), nixcaro (= *niçcaro*), faz calor (= *fâç calor*).

Se houvésemos de ter em attenção todo o systema de vogaes e consoantes já observado em dialectos portuguezes, deveríamos augmentar as distincções gráphicas. Assim, temos no continente mais as vogaes: *ã* (a do inglês *bad*); *d* castelhano e gallego entre *à* e *g*; *a* portuense de *mas*, entre *q* e *ã* ou *è* muito aberto *ô*, *ò* muito aberto da Beira-Alta; *ó* castelhano, entre *ò* e *ô*; *o* do mirandês (*ò*, *u* inglês de *full*); *u* da Beira Baixa (*u*, *u* norueguês de *hus*); as vogaes nasaes gutturalizadas do Minho *á*, *ê*, *ó*, etc., análogas ás francezas *an*, *in*, *on*. Do mesmo modo, houvéramos de differenciar o *ä* allemão de *föhles* (*q*), e o *ı* (*a*, quasi o *y* polaco), que são frequêntes em fallares açoreanos. Com referencia ás consoantes deveríamos incluir o *ç* e o *z* peculiares do Porto e Trás-os-Montes, que se assemelham a *ts*, *dz* em um som único, respectivamente; o *ł* reverso minhoto; o *ǰ* (*j* inglês) do dialecto de Macau; o *j* mirandês, igual ao *y* andaluz; *g*, um *g* fricativo, ou aberto, correspondente a *ç*, *d*, etc., etc.

Em nenhum fallar portuguez até agora estudado se observou ainda o *z*, ou *j* castelhano moderno, conquanto se ouça na raia em certos vocábulos hispanhoes, não accomodados á pronuncia portuguesa, usados allí por individuos que são em grande parte bilingues. Também não existe o *ş* ou *z* castelhano moderno.

Explicados assim os signaes de que nos serviremos, e comprehendidos os sons que elles representam e que constituem o cabedal phonético do portuguez do centro do reino, antigo ou hodierno, passamos a expor as leis que regulam a sua manifestação, e as alterações que soffrem por influencia dos sons contiguos ou próximos.

Consoantes

43. Fazem-se três divisões principaes nas consoantes:

1.^a Conforme são, ou não, acompanhadas de voz na sua emissão, sendo **sonoras**, isto é, com voz: *b*, *ô*, *v*, *m*; *d*, *đ*, *z*, *z*, *n*, *l*, *l*, *r*, *r*; *j*, *j*, *ç*, *z*, *ah*, *lh*; *g*, *gv*, *n*; **surdas** ou sem voz: *p*, *p*, *f*; *t*, *t*, *s*, *s*; *ch*, *ch*, *ç*, *ç*, *ç*; *c*, *c*, *qu*, *qu*.

2.^a Conforme a maior ou menor aproximação dos órgãos que as produzem, o são: **explosivas**, se há contacto d'ellas, *p*, *j*, *b*; *t*, *t*, *d*; *ch*; *qu*, *qu*, *gv*, *c*, *c*, *g*; **fricativas** se há apenas aproximação, *f*, *ô*, *v*; *ç*, *s*, *z*, *ç*, *z*; *ç*, *ç* (*ç*, *ç*); *ç*, *ç*; **ancipites**, se há aproximação num ponto e contacto em outro, *lh*, *l*, *t*, *r*, *r*; *m*, *n*, *ah*, *n*: as cinco primeiras destas chamam-se **liquidas**, e as quatro últimas **nasaes**.

3.^a Conforme os órgãos que as produzem, o que se vê do quadro seguinte, no qual estão inscriptas em parêntese quadrado as que não pertencem ao dialecto culto actual do centro, e de que nos não occuparemos mais quando delle tratarmos exclusivamente.

Quadro das consoantes portuguezas

	Explos.	Fricat.	Líquidas	Nasales			
Bilabiaes, com o labio inferior no superior.....	$\left\{ \begin{array}{l} p \\ P \\ b \end{array} \right.$	b		m			
Labio-dentaes, com o labio inferior nos gumes dos dentes incisivos superiores.....	$\left\{ \begin{array}{l} f \\ e \end{array} \right.$						
Apicaes, com o ápice da lin- gua nas gengivas dos incisi- vos superiores.....	$\left\{ \begin{array}{l} t \\ d \end{array} \right.$	d	l	n			
					s	z	
			z	l			
Reversas, ou sub-cacumi- naes, com o bórdo anterior da ponta da lingua na parte interna das gengivas dos in- cisivos superiores.....	$\left\{ \begin{array}{l} [ʃ] \\ [ʒ] \end{array} \right.$		ʃ	r			
Palatinas, com o dorso da lin- gua na abóbada palatina :							
a).....	$\left\{ \begin{array}{l} [ç(h)] \end{array} \right.$		ç(h)	ʃ(h)			
			j(ʒ)	l(h)	u(h)		
b).....	$\left\{ \begin{array}{l} ʃ(ç) \\ j(ʒ) \end{array} \right.$						
Gutturaes, com a raiz da lin- gua no extremo do palato duro :							
a).....	$\left\{ \begin{array}{l} qu \\ gu \\ gu \end{array} \right.$			n			
b).....	$\left\{ \begin{array}{l} ç \\ c \\ g \end{array} \right.$			n			

Vogaes

44. As vogaes portuguezas são oraes ou nasaes.

As vogaes oraes do centro do reino são as seguintes :

Abertas:	â, a, ê, i, ô,	como em pá, sal, pé, mil, pó.
Fechadas:	á, é, ê, í, ó, u,	como em ramo, seja, dê, lí, eór, tu.
Reduzidas:	q, l, ç, ç,	como em cada, vislumbre, de, aro.
Semivogaes:	í, ú,	como em fiar, ceaz, pai, suar, soar, pau.

45. Estas vogaes distribuídas por órgãos dão o resultado seguinte :

Gutturaes:	a á â	q ç	i	} = {	a á a ç
Palataes:	ê é ê í í i	i	i		ê é i í i i
Labiaes:	ô ó u ç	ã	ã		ô ó u ç ã

porque á, ê são iguaes a q tónico, á.

46. As vogaes i, í, ç, ã são iguaes em timbre a i e u, e consequentemente o número total das vogaes oraes portuguezas normaes no centro do reino é de 11: a, â, q, ê, ç, ô, q, l, í, u, ç, independentemente da sua maior ou menor sonoridade, determinada pela presença ou ausencia do accento tónico, e pelos sons contiguos.

47. As vogaes oraes antes de t na mesma syllaba modificam-se, constituindo mais 7 vogaes, porque as duas reduzidas q, ç não formam syllaba com esse t. Os valores das 7 vogaes seguidas de t são os seguintes: qt, çt, qt, qt, mais fechadas que as normaes; sendo q análogo ao a francês de *lâche*; çl, çl, çl, vogaes mais abertas e análogas, respectivamente, ao è aperto italiano de *gêlo*, all inglês de *call*, e ill inglês de *bill*. O timbre especial de qualquer vogal antes do l da mesma syllaba coincide com o que lhe cabe quando forma ditongo com ú; exceptúa-se porém o ê, que conserva o seu valor ê antes de ã, sem a modificação que o affecta antes de t. Há dialectos em que çu, çt tem o ê idêntico = ê.

48. Com as vogaes oraes â ê ç, ô, o, u e a semivogal i formam-se os seguintes ditongos oraes, cuja dominante é a primeira: âi, escrito ai ou ae, como em pai, dae, análogo ao ai allemão de *bei*, *Mai*.

çí, escrito çí, sempre tónico, em *féis*, *reís*, análogo ao ij holandês de *wija*, *eil* do francês do norte em *soleil*.

ēi, escrito *ei*, como em *feis*, *reis*, *leis*, análogo, mas não idêntico, ao *ay* inglês de *day*.

ōi, escrito *ói* ou *óe*, como em *bóia*, *sóca*, *róes*, análogo ao *oy* inglês de *boy*, ou *eu*, *du* allemão de *treu*, *bdume*¹.

ōi, escrito *oi*, como em *sois*, *bois*, *foi*, análogo ao *ooi* hollandês de *nooit*.

ui, escrito *uí* ou *ue*, como em *fui*, *azues*, *suez*, análogo ao *ui* allemão de *pfui*, *oci* hollandês de *bloei*, *ouil* do francês do norte.

Com as vogaes oraes *α*, *ε*, *ι*, (*ρ*), modificadas como antes de *t*, e com *è* formam-se os ditongos de subjuntiva *ã*, que teem também a primeira vogal dominante:

ã, escrito *au*, *ao*, como em *pau*, *mau*, *Macao*, análogo ao *au* allemão de *fran*.

õ, escrito *eu*, *éo*, como *rêu*, *céo*, sempre tónico.

õ, escrito *eu*, como *brenu*, análogo ao *een* hollandês de *zweent*.

ou, escrito *ou*, como *dou*, *son*, que no centro e sul do reino vale por *o*, e do norte para o sul, até a Beira Baixa, *od*, *õ* (sua pronuncia antiga) *õd*, *õ*, *õ* (com o *ö* allemão de *hölle* ou o de *schön*), valores estes últimos que lhe cabem em parte da Beira-Baixa e nos Açores. O seu valor em Lisboa era, ainda há quarenta annos, *o*.

id, escrito *iu*, como em *riu*, *fugiu*, que só figura, sempre tónico, nas terceiras pessoas do singular do perfeito indicativo dos verbos em *-ir*; assim, elle *fiu* é differente de *eu fui*, o *fiu*.

49. As vogaes nasaes portuguezas normaes são as seguintes:

ã, *ẽ*, *ĩ*, *õ*, *ũ*. (Vejam-se 41 e 42).

ã, escrito *ã*, *an-*, como em *lã*, *cansar*.

ẽ, escrito *en-* como em *reent*.

ĩ, escrito *im*, *in-*, como em *fim*, *fin*.

õ, escrito *om*, *on-*, como em *som*, *son*.

ũ, escrito *um*, *un-*, como em *um*, *un*.

Todas estas vogaes são formadas com as vogaes fechadas, *â*, *ɛ*, *ĩ*, *õ*, *u*. No centro do reino a única vogal nasal aberta é *ã*, resultante de crase *g*, *à* + *ã* átono, como em *via andar* = *viãndar*, *via-a a andar* = *viããndar*, mais prolongada.

Quando a uma vogal nasal se segue consoante explosiva, além dessa vogal nasal, ouve-se attenuada, reduzida, uma consoante

¹ Refiro-me ao seu valor considerado normal por W. Vietor (*Die Aussprache der in dem Wörterverzeichnis für die deutsche Rechtschreibung zum Gebrauch in den preussischen Schulen enthaltenen Wörter*, Heilbronn, 1885), o de *oi*, e não aos de *õ*, *õ*, *õ*, etc., que em outras pronuncias allemãs também são attribuidos aos digrammas *ou*, *du*, differenciados, ou não, um do outro.

nasal, homorgânica com essa explosiva; assim, *campa, canta, manda, tranca, manga*, pronunciam-se *cãmpa, cânta, mãnda, trãncã, mãnga*.

A nasalidade portuguesa é mais fraca do que a francesa, pelo menos no centro e sul do reino: é de 1.º grau (26).

50. Com as vogaes nasaes *ã, ê, ô, û* formam-se, mediante a semivogal *i* também nasalizada, quatro ditongos nasaes:

ãi, escrito *ãe*, como em *mãe, mães*.

ẽi, escrito *em, en*, como em *bem, bens*.

õi, escrito *õe*, como em *põe, pões*.

ũi, escrito *ui*, sómente em *mui, muito*. No norte, porém, *ruim* pronuncia-se *rũi*.

Com a semivogal *ã*, nasalizada, precedida de *ã* forma-se o ditongo *ãã*, escrito *ão* como em *mão, ourégão, e am* nas terminações átonas de verbos, como *amam, amaram*, e assim também nos monossyllabos átonos, *tam, quam*, e algum outro.

Qualquer vogal ou ditongo nasal permanece assim ainda quando se lhe siga vocábulo iniciado por vogal, mesmo que não haja pausa intermedia; dêste modo as phrases seguintes — *em agua, com a espada, sem alma, vão ali, lá azul* — pronunciam-se (*ã*) *ãgã, kã a ãpãdã, eã ãlmã, vã ãll, lã azãt*, com hiato entre a vogal ou ditongo nasal e a vogal inicial do vocábulo seguinte, ainda que seja também nasal, como — *com ansia, cõ ãsiã* —, sem intercalação de qualquer consoante nasal que forme som de transição, ou da aspiração *h*, ou da explosiva pharyngea *ɣ*, inicial dos vocábulos allemães que começam por vogal tónica, consoante que não existe em português, senão como defeito individual, substituindo *c, qu (= k)*.

Note-se, porém, que a subjunctiva de ditongo nasal, em taes casos, tem carácter de semivogal nasal, que poderia escrever-se *ĩ, ûĩ*, por exemplo.

Êstes ditongos não teem correspondentes nas linguas cultas europeias.

O ditongo *em*, (*ẽe* como dantes se escrevia *e bem*) é, de Lisboa a Coimbra, igual em valor a *ãe*, isto é, profere-se *ãi*; no norte, em geral, e em parte do sul do reino, do mesmo modo que no Brasil, vale *ẽi*, e em alguns pontos do Alentejo simplesmente *ẽ*, que era talvez o seu valor primitivo. O til (*˜*) só se usa para indicar a nasalidade de *ã* (que também se escrevia *ãa*) e a das prepositivas dominantes dos três ditongos *ão, ãe* e *õe*. Nas outras vogaes nasaes expressa-se por *m* quando final e antes de *l, p, m*, e por *n* em todos os mais casos; assim, escreve-se: *pão, pães, põe, pões, lâ, lãs; fim, som, algum, limpo*; porém *fius, sons, alguns, vence, rancho, enfiar, enciar*, etc.

51. As vogaes portuguezas são plenas ou reduzidas. As vogaes plenas são, além das nasaes *ã, ê, í, õ, ù*, as abertas *â, ê, ô* e as fechadas *á, é, ê, ó, í, u*; as reduzidas são *q, ç, z, z* e as duas semivogaes, labial *u* e palatal *i*.

As duas especies correspondem-se dêste modo :

Plenas :	<i>ã, ê, í, õ, ù</i> ;	<u><i>â á</i></u>	<u><i>è é</i></u>	<u><i>ê ê</i></u>	<u><i>ô ó u</i></u>
Reduzidas :	(<i>i</i>)	<i>q</i>	<i>ç, i</i>	<i>z (ç), i</i>	<i>z, u</i>

Segundo esta correspondencia, que se verá com os seus accidentes na tabella seguinte, as vogaes e ditongos são alteráveis, ou inalteráveis, ao passarem de tónicos a átonos.

São inalteráveis : 1.º as vogaes nasaes menos *ê* inicial ; 2.º os ditongos nasaes ; 3.º os ditongos oracs, com excepção de *ái, éi, êi, ói* antes de vogal, e a vogal fechada *á*.

São alteráveis : *â, ê, ô, é, ê, ó, í, u*, que em perdendo o accento tónico se attenuam nas reduzidas que lhes correspondem.

Dizemos que *á* é inalterável porque *q* lhe corresponde em timbre no sul ; no norte, porém, onde, principalmente no Minho e Douro, o *a* tónico antes de consoante nasal é também *ã*, quando terminando syllaba passa a átono torna-se em *q*, como qualquer outro *a*.

Semelhantemente, são no Minho e Douro também alteráveis as nasaes, conforme são :

tónicas	<u><i>ã</i></u>	<u><i>êã, éã</i></u>	<u><i>õã, óã</i></u>
ou			
átonas	<i>qã</i>	<i>çã</i>	<i>ũ</i>

em que *ã* indica a nasalidade das vogaes, que ahí se assemelha á das francesas, isto é, *ã, ê, õ*, etc. (26).

Referindo-nos todavia aquí em especial ao dialecto culto, a única vogal nasal alterável é *ê* inicial e a preposição *em* que, átonas, se pronunciam *i*, valor que também tem no norte.

No norte existem igualmente os ditongos nasaes seguintes : *ãó, êú, óú*, nos quaes as prepositivas são *á, é, ó* nasaes.

52. No dialecto culto a correspondencia entre as vogaes plenas e ditongos alteráveis, que pertencem ás syllabas tónicas, e as suas reduções átonas é a que se vê da tabella seguinte :

Tabella da correspondencia entre as vogaes tónicas e as átonas

Vogaes e ditongos tónicos.		á	ái ²	á ¹	é	ê	ẽ	ẽ	ei ⁴ (ei)	i	ó	ól	oi	o	ói	u	
Reduções em syllabas átonas:																	
Iniciais	antes de vogal.....	g	gi		i	i			i	i	ú	ol	oi	ú	oi	ú	
	antes de consoante palatal, <i>ç, ã, j, ã, lh, nh, s, z, s</i> (= <i>z, z</i>).....	g	ò[i] ³		z	z	z		ei, i ⁴	i ⁴	z	ol	o[i]	z	oi, z ⁶	z	
	antes de outra consoante.....	g	ái	g	i	i		z	ei	i	z	ol	oi	z	oi	z	
Mediaes	antes de vogal.....	g	gi		i	i			i	i	ú	ol	oi	u	oi	ú	
	antes de consoante palatal, <i>ç, ã, j, ã, lh, nh, s, z, s</i> (= <i>z, z</i>).....	g	ò[i] ³		z	z	z		ei, i ⁴	i ⁴	z	ol	o[i]	z	oi, z ⁶	z	
	antes de outra consoante.....	g	ái	g	z	z		z	ei	i, z ⁵	z	ol	oi	z	oi	z	
Finaes	depois de vogal.....	g ²			i	i			ei	i	ú	ól		ú		ú	
	depois de consoante palatal, <i>ç, ã, j, ã, lh, nh, s, z, s</i> (= <i>z, z</i>).....	g			z	z			ei	i	z	ól		z		z	
	depois de outra consoante.....	g		g	z ⁷	z ⁷			ei	i	z	ól		z ⁷		z ⁷	
					escritos com e					escritos com i				escritos com o		escritos com u	

Observações

1.ª *i* tónico só existe antes de consoante nasal *m*, *n*, *nh*, e é peculiar do centro e sul.

2.ª *a* final, depois de *e* ou *ê* do mesmo vocábulo, intercala *i* na pronuncia ainda que não se escreva; por exemplo, *idéa* = *idéig*, *europa*(*i*)*a* = *européig*. É considerado grande defeito interpor-se *i* na união de um com outro vocábulo, dizendo, como fazem no Minho e Beiras, *a água* em vez de *água* (a agua).

3.ª É facultativo pronunciar *ai* tónico antes de *ê* como simples *á*, que é talvez a pronuniação primitiva; *ai* átono em tal posição, também pode ser proferido *ai* ou *á*.

4.ª *Ei* antes de *ê*, *j*, pode, quando tónico, proferir-se simplesmente *ê*; átono é sempre *Ei*, com excepção de alguns poucos vocábulos em que se reduz a *i*, como em *peixinho*, *peixeiro*, de *pe(i)de*, que em Lisboa são pronunciados *peçinho*, *peçeiro*; mas de *be(i)jo*, *beijár*, de *fre(i)go*, *Fréiziál*, *deiza*, *deizár*.

5.ª Numa série consecutiva de syllabas cuja vogal seja sempre *i*, só o da última é assim proferido, se a consoante que se segue aos outros não é palatal; êsses *ii* átonos, não seguidos ou precedidos de palatal, proferem-se como *e*; assim, *ministro*, *dividir*, *ridicularia*, lêem-se *minístro*, *dççdir*; *rdicularia*. São excepções principaes á redução de *i* átono a *e*, as seguintes:

a) O *i* da terminação do infinito dos verbos em *-ir* conserva-se inalterável no seu derivado, o condicional; ex.: *dividir*, *dividiria*; *unir*, *uniria*, (= *dççdir*, *dççdiria*, *unir*, *uniria*).

b) O *i* do radical nos derivados e diminutivos é também inalterável; ex.: de *rico*, *riquíssimo* e não *riquissimo*; de *fita*, *fitinha* e não *fitinha*; e por maioria de razão, nos diminutivos formados com o infixo *z*, os quaes tem dois accentos, *fitazinha*, sendo o último delles o predominante, e o primeiro o subordinado.

6.ª O *i* e o *e* átonos antes ou depois de palatal, em que se inclue o *s* final de syllaba (= *ê*, *j* atenuados), valem ambos *i*, isto é, *i* atenuado; assim *mares*, *estar*, *historia*, *desdem*, *desdenhar*, *chegar*, *sejamos* pronunciam-se, no centro e sul do reino principalmente, *marê*, *êstar*, *êstória*, *dççdêi*, *dççdenhar*, *êjgar*, *ejamosê*. Se, porém, são precedidos ou seguidos de *l*, *r*, o *e* e o *i* conservam o seu valor especial em conjunção com *ê*, *j*, *lh*, *nh*; dêste modo — geral profere-se *jerál*, e não *jêrál*; *girar*, *jirár* e não *jêrar*; *gelar*, *jêlar* e não *jêlar*; *legista*, *lejístá* e não *lejístá*. Antes de *s* seguido de consoante (= *ê*, *j*) modificam-se sempre; assim, *restar*, *alistar*, *deslindar* = *rêstár*, *glêstár*, *dççllndár*.

7.ª *oi* tónico antes de palatal pode na pronuncia perder o *i*, que de facto se suprime no fallar usual, suppressão antiqúissima, como

o prova a escrita -ox- por -oix- (Cf. *ai* seguido do *ê*, observação 3); átono, em tal caso, reduz-se a *o*; assim em vez de *rôixo*, *grroixáda*, *rôio*, *grroixáda*¹.

8.ª *o*, *i*, finais precedidos de consoante surda (*f*, *s*, *z*, *ch*, *p*, *t*, *c*, *qu*) são proferidos em segrêdo, ciciados; assim se pronunciam *bafo*, *paço*, *acho*; e a consoante, se é explosiva, aspira-se (32, 5.ª): *tapo*, *pato*, *patio*, *fico* (*fió*) *fique-o* (*fióio*). Em tal caso *ç* suprime-se, ficando sómente a aspiração da consoante se é explosiva; assim *bofo*, *passo*, *tape*, *sete*, *fique*, lêem-se *bóf*, *pác*, *táp*, *sét*, *fió*. Nos incrementos d'estes vocábulos formados com *s* (= *ô* atenuado) o *ç* passa a *z*, também proferido em segrêdo *z*; ex.: *bofes*, *passes*, *tapes*, *fretes*, *fiques* pronunciam-se *bófz*, *pász*, *tápz*, *sétz*, *fióiz*, com *z* ciciado, e sem aspiração as explosivas *p*, *t*, *qu*. Se ôse *ç* final é precedido de palatal, vale por *z* sonoro se a palatal é sonora, por *z* ciciado se a palatal é surda; ex.: *raxe*; *foge*, *desenhe*, *trabalhe* pronunciam-se: *ráz* com *z* ciciado; *fióiz*, *dezênhz*, *trabáhhz*, com *z* sonoro. Mas na ligação syntáctica de um a outro vocábulo o incremento *es* profero-se *ez*, se o segundo começa por vogal; assim: *quero que fiques ahí* = *kéro kç fikçezá*.

Influencia de vogaes postónicas nas accentuadas

53. Há vogaes finais átonas que exercem influencia nas tónicas *e*, *o*, fazendo que estas se proferam abertas *é*, *ó*, ou fechadas *ê*, *ô*, conforme o valor dessas vogaes finais. Esta influencia dá-se:

a) Nos verbos da conjugação em *-er*, do seguinte modo: terminações que contenham *e*, convém saber, *-e*, *-es*, *-em*, pedem nas vogaes *e*, *o* tónicas abertas, *deçer*, *déce*, *déces*, *décem*, *teçer*, *téce*, *téces*, *técem*; *çorrer*, *córre*, *córres*, *córrem*; *çomer*, *cóme*, *cómes*, *cómem*; terminações que contenham *a*, *o*, isto é, *-a*, *-as*, *-am*, *-o*, pedem nas fechadas, *dêco*, *dêca*, *dêcas*, *dêcam*; *têno*, *têna*, *tênas*, *tênam*; *córro*, *córra*, *córras*, *córram*; *cómo*, *cóma*, *cómas*, *cómam*.

b) Nos adjectivos, principalmente se a tónica é *o*: terminações que contenham *o* pedem a vogal fechada, *tórto*, *formôso*; terminações que contenham *os*, *a*, *as*, pedem-na aberta, *tórtosá*, *tórtosá*, *tórtosá*, *formósosá*, *formósosá*, *formósosá*. Assim também *êlle*, *êllêz*, *êllz*, *êllz*; *êsse*, *êssêz*, *êssz*, *êssz*; *êste*, *êstrêz*, *êstz*, *êstz*.

¹ Seria de presumir que a pronuncia *ôix*, *ôix*, em vez de *ôz*, *ôz*, fosse artificial, devida à graphia *ix*, na qual o *i* servisse como expediente graphico para fixar no *o* o valor de *ê*, se não fossem tam vulgares as pronuncias *ôix*, *ôix*, no Minho, posto que quasi desusadas, e por nenhum modo populares, no sul.

Em conformidade também com esta metaphonia, os seguintes substantivos tem o tónico fechado no singular, e aberto no plural: abrolho, almôço, caroço, chôco, chôro, corcovo, corno, côro, corpo, corvo, despôjo, escolho, esforço, espôso, estôrvo, fogo, fôrno, fôro, fosso, meolo, ôlho, osso, ovo, pescoço, poço, porco, rôgo, soro, soccôrro, tejo, tojo, tordo, tôrno, tremoço, trêco, trôço, e assim os seus derivados e compostos, em todos os quaes só se marca o accento circumflexo quando há outro vocabulo que escrito com as mesmas letras tenha o *o* aberto. (V. Accentuação gráphica. 62). Estes nomes nos derivados femininos teem o *o* aberto; exemplo *pôço, pôça, ovo, óva*, como o teem no plural.

Comparável também com esta metaphonia é a que se dá nos verbos da conjugação em *-ar* correspondendo a nomes affins; por exemplo, eu *trôco*, o *trôco*, eu *gêlo*, o *gêlo*, nos quaes o verbo tem *ê, ó* abertos e o nome *ê, ó* fechados. Excepções principaes são: *o* antes de nasal, ou de vogal, que é em geral fechado, no nome e verbo; e antes de palatal, *ch, x, j, lh, nh*, que se conserva fechado, *ê*; ex.: vergonha, envergonha; *vão*, escolha, *fêcho, deolho*, nomes e verbos.

Nos verbos em *-ir* a metaphonia aparece já na escrita: as vozes terminadas em *o, a*, ou cuja última syllaba contenha estas vogaes, teem a vogal do radical *i* ou *u*; as que terminam em *e, es, em* exigem *ê, ó*. Nos verbos que conteem *z(n)* no radical, este passa a *i(n)* quando a syllaba seguinte tem qualquer das vogaes *o* ou *a*; ex.: acudo, acuda; frijo, frija; minto, minta; porém *acóde, frêge, mēte*. Raros são os verbos em *-ir*, como fingir, zumbir, zunir, punir, luzir, mesmo os de introdução moderna, que escapam á metaphonia, a qual todavia não abrange todos os dialectos.

Conjugações e flexões dos verbos

54. As variações da vogal radical são sobretudo importantes nos verbos, e dominam toda a flexão delles; as que são occasionadas pela moção do accento tónico acham-se compendiadas na tabella (52), e nessa parte a conjugação exemplifica-as.

A flexão dos verbos portuguezes, phonologicamente das mais complexas que se conhecem, pode ser classificada por dois aspectos, tomando respectivamente como característica o pretérito perfeito do indicativo, ou o infinito.

Pela primeira destas características dividem-se os verbos nas duas seguintes flexões: 1.^a Flexão forte, 2.^a Flexão fraca.

Na flexão forte o pretérito perfeito do indicativo é accentuado sôbre o radical, na 1.^a e 3.^a pessoas do singular, e a vogal radical

dessa 1.^a pessoa apparece no aoristo¹, no imperfeito do subjuntivo e no futuro d'este modo; que assim é sempre differente do infinito; além d'isto, nas terminações pessoais tónicas destas quatro linguagens a vogal tónica é o e aberto; ex.: *fiz, fizeste, fizésse, fizera, fizêr*, do verbo *fazêr*. Estes verbos fortes são considerados irregulares.

Na flexão fraca o pretérito perfeito é formado por terminações accentuadas, acrescentadas ao radical em todas as pessoas; o futuro do subjuntivo é igual ao infinito; a vogal da terminação temporal do aoristo e do imperfeito do subjuntivo é igual á da terminação modal do infinito, ex.: *amei, amou, amár, amára, amásse; venci, vencêu, vencêr, vencêra, vencêsa; puni, puniu, punir, punira, punisse*.

Pela segunda característica os verbos repartem-se em três conjugações, differenciadas e indicadas pelo infinito: 1.^a conjugação, em *-ár*, 2.^a em *-êr*, 3.^a em *-ír*; podem porém sê-lo também pela 3.^a pessoa do singular do perfeito, *-ôu, -ôa, -iu*.

Estes verbos, quasi todos, denominam-se regulares, comquanto o seu radical soffra varias alterações na vogal da sua última syllaba, quer em razão de ser, ou não, tónica, quer na 2.^a e 3.^a conjugações pela metaphonia a que acima nos referimos, quando a vogal radical é e ou o, i ou u. A 1.^a conjugação é a mais simples, e é por ella que todos os verbos novos, com excepção dos inchoativos em *-çêr*, se flexionam. A 2.^a e a 3.^a perderam a vitalidade.

A conjugação em *-ôr* comprehende o verbo *pôr*, antigo *pôer*, *poer*, irregular, e os seus derivados.

Vamos apresentar systematicamente essas modificações, precedendo-as de um quadro das três conjugações completas, exemplificadas por verbos de radical inalterável. Por elles pode ser estudada a pronuncia das flexões pessoais (terminaes), que não varia.

Para melhor comprehensão, pois, de todas as alterações que pode soffrer um radical de verbo, principiaremos por apresentar os paradigmas das três conjugações regulares, 1.^a em *-ár*, 2.^a em *-êr*, 3.^a em *-ír*, dando em seguimento as formas que exemplificam successivamente todas as alterações que nos occorrerem de taes radicacs. Chamamos á vogal da base vogal radical, ainda quando seja ditongo. As vogaes radicaes inalteráveis na 1.^a conjugação e na 2.^a são *i, u*, vogaes nascaes, ditongos (excepto *ai, ei, oi*, antes de vogal) e qualquer vogal antes de *l* da mesma syllaba; na 3.^a estas mesmas, com excepções, porém, para *i, u* e *ca*. A syllaba *ai* tónica, todavia, converte-se em *çi*, isto é, *çt* átono, quando passa a átona. (V. 52).

¹ Chamo aoristo, por exercer differentes funções na oração, ao denominado *ma i e que perfeito*, que equivale também ao condicional e ao pretérito do subjuntivo.

Verbos de radical invariável

Formas de radical tónico

		1.ª conj. em -ar: tirar		2.ª em -er: viver		3.ª em -ir unir	
IMPERATIVO.....	Sing. 2.ª	tira	<i>tira</i>	vive	<i>vive</i>	une	<i>une</i>
INDICATIVO PRESENTE.....	Sing. 1.ª	tiro	<i>tiro</i>	vivo	<i>vivo</i>	uno	<i>uno</i>
		2.ª	tiras	<i>tiras</i>	vives	<i>vives</i>	unes
	Pl. 3.ª	tira	<i>tira</i>	vive	<i>vive</i>	une	<i>une</i>
		tiram	<i>tiram</i>	vivem	<i>vivem</i>	unem	<i>unem</i>
SUBJUNTIVO PRESENTE.....	Sing. 1.ª	tire	<i>tire</i>	viva	<i>viva</i>	una	<i>una</i>
		2.ª	tires	<i>tires</i>	vivas	<i>vivas</i>	unas
	Pl. 3.ª	tire	<i>tire</i>	viva	<i>viva</i>	una	<i>una</i>
		tirem	<i>tirem</i>	vivam	<i>vivam</i>	unam	<i>unam</i>

Formas de radical átono

IMPERATIVO.....	Pl. 2.ª	tirai	<i>tirai</i>	vivei	<i>vivei</i>	uni	<i>uni</i>
INDICATIVO PRESENTE.....	Pl. 1.ª	tiramos	<i>tiramos</i>	vivemos	<i>vivemos</i>	unimos	<i>unimos</i>
		2.ª	tirais	<i>tirais</i>	viveis	<i>viveis</i>	unis
SUBJUNTIVO PRESENTE.....	Pl. 1.ª	tiremos	<i>tiremos</i>	vivamos	<i>vivamos</i>	unamos	<i>unamos</i>
		2.ª	tireis	<i>tireis</i>	viveis	<i>viveis</i>	unais

INDICATIVO IMPERFECTO	Sing.	1. ^a	tirava	<i>tiráva</i>	vivia	<i>viviá</i>	unía	<i>uniá</i>
		2. ^a	tiravas	<i>tirávas</i>	vivias	<i>viviás</i>	unías	<i>uniás</i>
		3. ^a	tirava	<i>tiráva</i>	vivia	<i>viviá</i>	unía	<i>uniá</i>
	Pl.	1. ^a	tirávamos	<i>tirávamos</i>	vivíamos	<i>vivíamos</i>	uníamos	<i>uníamos</i>
		2. ^a	tiráveis	<i>tiráveis</i>	vivíeis	<i>vivíeis</i>	uníeis	<i>uníeis</i>
		3. ^a	tiravam	<i>tiravam</i>	viviam	<i>viviam</i>	uniam	<i>uniam</i>
INDICATIVO PRETERITO	Sing.	1. ^a	tirei	<i>tiréi</i>	vivi	<i>vivi</i>	uni	<i>uni</i>
		2. ^a	tiraste	<i>tiráste</i>	viveste	<i>vivéste</i>	uniste	<i>uníste</i>
		3. ^a	tirou	<i>tiró</i>	viveu	<i>viveu</i>	uniu	<i>uniu</i>
	Pl.	1. ^a	tirámos	<i>tirámos</i>	vivemos	<i>vivemos</i>	unimos	<i>unimos</i>
		2. ^a	tirastes	<i>tirásteis</i>	vivestes	<i>vivésteis</i>	unistes	<i>unístes</i>
		3. ^a	tiraram	<i>tiraram</i>	viveram	<i>viveram</i>	uniram	<i>uniram</i>
INDICATIVO FUTURO	Sing.	1. ^a	tirara	<i>tirára</i>	vivera	<i>viverá</i>	unira	<i>unirá</i>
		2. ^a	tiraras	<i>tiráras</i>	viveras	<i>viverás</i>	uniras	<i>unirás</i>
		3. ^a	tirara	<i>tirára</i>	vivera	<i>viverá</i>	unira	<i>unirá</i>
	Pl.	1. ^a	tiráramos	<i>tiráramos</i>	vivéramos	<i>viveremos</i>	uníramos	<i>uniramos</i>
		2. ^a	tiráreis	<i>tiráreis</i>	vivéreis	<i>viveréis</i>	uníreis	<i>uniréis</i>
		3. ^a	tiraram	<i>tiraram</i>	viveram	<i>viveram</i>	uniram	<i>uniram</i>
SUBJUNTIVO IMPERFECTO	Sing.	1. ^a	tirasse	<i>tirasse</i>	vivesse	<i>vivesse</i>	unisse	<i>unisse</i>
		2. ^a	tirasses	<i>tirasses</i>	vivesses	<i>vivesses</i>	unisses	<i>unisses</i>
		3. ^a	tirasse	<i>tirasse</i>	vivesse	<i>vivesse</i>	unisse	<i>unisse</i>
	Pl.	1. ^a	tirásemos	<i>tirásemos</i>	vivéssemos	<i>vivéssemos</i>	uníssemos	<i>uníssemos</i>
		2. ^a	tirásseis	<i>tirásseis</i>	vivésseis	<i>vivésseis</i>	unísseis	<i>unísseis</i>
		3. ^a	tirássem	<i>tirássem</i>	vivéssem	<i>vivéssem</i>	uníssem	<i>uníssem</i>

		1.º conj. em -ar: tirar	2.º em -er: viver	3.º em -ir unir
SUBJUNTIVO FUTURO, E INFINITO	Sing.	1.º tirar <i>tirár</i>	viver <i>viver</i>	unir <i>unir</i>
		2.º tirares <i>tirárzê</i>	viveres <i>viverzê</i>	unires <i>unirzê</i>
		3.º tirar <i>tirár</i>	viver <i>viver</i>	unir <i>unir</i>
	Pl.	1.º tirarmos <i>tirarmos</i>	vivermos <i>vivermos</i>	unirmos <i>unirmos</i>
		2.º tirardes <i>tirardzê</i>	viverdes <i>viverdzê</i>	unirdes <i>unirdzê</i>
		3.º tirarem <i>tirarã</i>	viverem <i>viverã</i>	unirem <i>unirã</i>
INDICATIVO FUTURO	Sing.	1.º tirarei <i>tirarã</i>	viverêi <i>viverã</i>	unirêi <i>unirã</i>
		2.º tirarás <i>tirarãzê</i>	viverêas <i>viverãzê</i>	unirêas <i>unirãzê</i>
		3.º tirará <i>tirará</i>	viverá <i>viverá</i>	unirá <i>unirá</i>
	Pl.	1.º tiraremos <i>tirarmos</i>	viveremos <i>vivermos</i>	uniremos <i>unirmos</i>
		2.º tirareis <i>tirardzê</i>	viverêis <i>viverdzê</i>	unirêis <i>unirdzê</i>
		3.º tirarão <i>tirarã</i>	viverão <i>viverã</i>	unirão <i>unirã</i>
CONDICIONAL	Sing.	1.º tiraria <i>tiraria</i>	viveria <i>viveria</i>	uniria <i>uniria</i>
		2.º tirarias <i>tirariazê</i>	viverias <i>viveriazê</i>	unirias <i>uniriazê</i>
		3.º tiraria <i>tiraria</i>	viveria <i>viveria</i>	uniria <i>uniria</i>
	Pl.	1.º tiraríamos <i>tiriamos</i>	viveríamos <i>vivermos</i>	uniríamos <i>unirmos</i>
		2.º tiraríeis <i>tirardzê</i>	viveríeis <i>viverdzê</i>	uniríeis <i>unirdzê</i>
		3.º tirariam <i>tirarã</i>	viveriam <i>viverã</i>	uniriam <i>unirã</i>
GERUNDIO.....	tirando <i>tirandzê</i>	vivendo <i>vivendzê</i>	unindo <i>unindzê</i>	
PARTICÍPIO PASSIVO.....	tirado, -a <i>tiradzê, -zê</i>	vivido, -a <i>vivendzê, -dzê</i>	unido, -a <i>unindzê, -dzê</i>	

A pronúncia marcada no itálico é a de Lisboa: é a minha.

55. É esta a flexão fraca nas três conjugações: as terminações pessoais que se seguem á vogal tónica são em regra estas, com raras modificações, que mencionaremos. O que é alterável é a vogal radical (isto é, os elementos vocálicos que entram na última syllaba do radical), conforme ella é átona ou tónica; e na 2.^a e 3.^a conjugações também conforme a syllaba da terminação que segue immediatamente a tónica contém *e* (*-es*, *-em*), ou *o*, *a* (*-as*, *-am*), se essa syllaba radical é formada com *e* ou *o* na 2.^a conjugação, e com *e*, *i*, *o*, *u* na 3.^a. As syllabas que precedem a última do radical são invariáveis em toda a conjugação, qualquer que seja o número dellas, porque, ao contrario do que acontece em italiano, nunca qualquer dellas pode ser a predominante.

Na indicação de todas as variantes servirá de typo para a vogal radical átona o infinito; para a vogal radical tónica o singular do imperativo. Para exemplificar a metaphonia na 2.^a e 3.^a conjugações servirá este mesmo singular do imperativo, porque termina em *e*, e por elle pois se regula a vogal radical da 2.^a e 3.^a pessoas do singular e 3.^a plural do presente do indicativo; a 1.^a do singular deste tempo e modo, que termina em *o*, servirá portanto de norma á 1.^a, 2.^a e 3.^a do singular e 3.^a do plural do subjuntivo presente, que contém *a* na terminação; são estas linguagens as únicas em que há metaphonia, por serem as únicas de radical accentuado.

Verbos com vogaes alteráveis no radical

São estas: na 1.^a conjugação, *a*, *ai*, *e*, *ei*, *o*, *oi*, *ol*; na 2.^a, *a*, *e*, *o*; na 3.^a, *a*, *e*, *i*, *o*, *u*.

I. *a*: no radical tónico é *á*, no átono *a*; ex.: lavar *lavar*, lava *lava*; bater *bater*, bate *bate*; partir *partir*, parte *parte*; acabar *acabar*, acaba *acaba*, etc.

Observações. — 1.^a Se a vogal *a* se segue consoante nasal, *m*, *n*, *ñ*, fica ella inalterável, porque é *â* quando accentuada.

2.^a Se o radical contém o ditongo *ai*, seguido logo da vogal da terminação, esse *ai* quando tónico é *ái*, quando átono é *ai*; ex.: cair *cair*, caia *caia*.

3.^a Semelhantemente, se o radical acaba em *a* seguido logo da terminação, quando tónico intercala *i*; ex.: attrahir *attrahir*, attrahe *attrahe*, attraia *attraia*; sair *sair*, saia *saia*.

II. Radical *e*, *o*. 1.^a Conjugação: no radical tónico é *é*, *ó*, no átono *e*, *o*; ex.: levar *levar*, leva *leva*; morar *morar*, mora *mora*.

Observações. — 1.^a Os substantivos derivados de verbos, sem ser por meio de suffixo, tem no seu radical tónico *ê*, *ô* se a termina-

ção é *q*; *i*, *ó* se ella é *q*, *ç*; ex.: trocar *trçóir*, troca *tróçq*, verbo: troca, *tróçq*, *tróço*, nomes; encerrar, *isçrrár*, encerro, *isçrrq*, verbo; encôrro, *isçrrq*, nome; entregar *intregár*, verbo, entrega, *intregq*, nome e verbo. Dão-se estas alterações, qualquer que seja o valor das vogaes *e*, *o* nos nomes que deram origem aos verbos derivados, do que procedem êsses substantivos verbaes; ex.: substantivo *eêra* *sêrq*, verbo encerrar *isçrrár*, nome derivado encerra *isçrrq*; *sêco*, *sêca* adjectivos, verbo secar *sççár*, substantivo verbal seca *sççq*; substantivo *escôva*, verbo derivado escovar *isçççár*, substantivo verbal escova *isçççq*; substantivo *fólgo*, verbo folgar, *folçár*, com o fechado átono, substantivo verbal folga *folçq*; verbo tocar, *toço*, *tóçq*, substantivo verbal toque, *tóçq*.

2.º Quando a *e*, *o* se segue consoante palatal, o radical tónico é *ç* (= *ç*), *ó*, tanto no verbo como no nome, primitivo ou derivado, e no radical átono o *e* pronuncia-se *i*; e o *o* vale *q*; ex.: telhar *itçhár*, telha *itçhq*; fechar *isççár*, fecho *isççq*; desejar *desççár*, deseja *desççq*, desejo *desççq*, desenhar *desççhár*, desenha *desççhã*, desenho *desççhãq*; escolher *isçççhár*, escolha *isçççhãq*; mas invejar, *elle* *invççq*, a *invççq*.

3.º Se a *e*, *o* se segue nasal, o radical tónico tem o *e* ou o fechados no nome e no verbo também; ex.: penar *penár*, pena *penãq*; remar *remár*, rema *remãq*; envergonhar *isççççhár*, envergonha, vergonha, *isççççhãq*, *isççççhãq*; abonar *abonár*, abona *abonãq*, abono *abonãq*.

Todavia, tomar, sommar, tem, em Lisboa, no radical tónico *ó*, *tóma*, *sómãq*, quer no verbo, quer no nome.

4.º Se o radical termina em *o*, quando átono é *ç*, quando tónico *ó*; ex.: coar *coár*, cõa *cõãq*.

5.º Se o radical termina em *e*, quando tónico intercala *i* entre este e a terminação; ex.: cear *ciár*, ceia *ciãq*, verbo e nome; e semelhantemente o radical átono suprime esse *i* se pertencia ao radical tónico, e o *e* átono vale por *i*, como de regra por se lhe seguir vogal; ex.: passeio, *pasççq*, passear *pasççár*; receio, *reçççq*, recear, *reçççár*.

6.º Por confusão com êstes verbos, que são de origem popular, conjugam-se do mesmo modo muitos dos que, de origem artificial, tem o radical terminado em *i*, como odiar, de odio, negociar, de negocio, commerciar, de commercio, que fazem no radical tónico *odeia*, *negoeia*, *commerceia*, como se o radical átono terminasse em *e*.

7.º Não porém assim os de radical *i* que são de origem popular, e se derivam de nomes com *i* tónico, como fiar, *fia*, de fio, avaliar, *avalia*, de *valia*, estiar, *estia* *istãq*, de estio *istãq*.

8.º Nos casos da observação 6.ª o substantivo verbal intercala *e* para fazer o radical tónico *ei*; assim: ansiar, *ãsiár*, anseia *ãsiq*, verbo, ansio *ãsiq*, nome, como se o verbo fosse escrito *ansear*; presenciar, presença, *presẽsiq*.

Vae-se manifestando, entre a gente culta, certa reacção contra esta analogia, nos verbos novamente derivados; pronuncia-se e escreve-se *evidencia* de evidenciar, o êste de *evidência*.

9.º Do latim *perdonare* proveiu o verbo (**perdōar*) *perdoar* *perduár*, com a queda normal do *n* medial, e dêste verbo derivou-se o substantivo *perdão* *perdão* mediante um thema *perdon*, *perdō*. A imitação dêste facto, quando de um substantivo acabado em *-ão* se deriva um verbo, termina elle de ordinario em *oar* (e não em *-onar*), sendo o radical tónico *o*, e o átono *o* (= *o*); ex.: razão, thema *razō*, verbo derivado *arrazoar* *arrazoár*, arrazoa *arrazoq*; assim também de *meção*, por ex., *meçoar*, de *faleção* *faleçoar*, em nomes derivados de outros nomes.

2.ª Conjugação, radical *e*, *o*: tónico *e*, *o*; ê, *o*; átono *e*, *o*; ex.: dever *dever*, deve *deve*, devo *devo*; cozer *cozer*, coze *coze*, cozo *cozo*; temer *temer*, teme *teme*, temo *temo*; comer *comer*, come *come*, como *como*.

OBSERVAÇÃO.—Se a consoante que se segue á vogal radical é palatal, o *e* do radical tónico é *ê* (= *ê* em Lisboa), e o radical átono tem *e* = *ê*, se a consoante que o precede não é *l* ou *r*; ex.: mexer *mexer*, mexe *mexe*, mexo *mexo*; proteger *protejer*, protege *proteje*, protejo *protejo*; mas, reger *rejer*, reger *reje*, reje *reje*, elege *elejer*, elege *eleje*, elejo *elejo*. (Cf. 52, Obs. 6.ª)

3.ª Conjugação, *o*, *u*; *e*, *i*: radical tónico *u*, *i*, se a terminação contém *o*, *a*; *ó*, *é* se contém *e*; o átono é o proprio radical, com as modificações que a sua atonia e as consoantes contiguas lhe imprimem; ex.: ferir *ferir*, fere *fere*, firo *firo*; frigidir *frigidir*, fregue, *frige*, frijo *frijo*; dormir *dormir*, dorme *dorme*, durmo *durmo*; sumir *sumir*, some *some*, sumo *sumo*; repetir *repetir*, repete *repete*, repito *repito*.

OBSERVAÇÕES.—1.ª Os verbos em que *e* é seguido de *n* + outra consoante, flexionam-se como os seguintes exemplos: sentir *sentir*, sente *sente*, sinto *sinto*; mentir *mentir*, mento *mento*.

2.ª Muitos verbos da 3.ª conjugação escaparam á metaphonia: assim, entupir faz entupe, entupo; dirigir, dirige, dirijo; construir *construir*, construe, *constrói* ou *constróe* *constrói*; zumbir, zumbe; punir, pune; *lugar*, *luga*; *dicir*, *dice*, *dice*, *dice*, *dice*.

3.ª Os verbos da conjugação forte cuja vogal radical é seguida de *r* não tem *e* terminal na 3.ª pessoa do singular, ainda quando sejam regulares no resto da conjugação; assim *luzir*, conjugá-se: *luzo*, *luzes*, *luz*, e não *luzo*, *luzes*, *luze*; esta última forma, litteraria mas não popular, é considerada como singular do imperativo, ao passo que *luz* é considerada 3.ª do singular do presente do indicativo. O povo não observa tal distinção, a qual é artificial¹.

As formas anteriores, porém, eram *luze*, *produze*, tanto no imperativo como no indicativo; ao passo que verbos como *acudir* se conjugavam do modo seguinte: no indicativo *acudo*, *acode*, e no imperativo *acude*.

A 2.ª pessoa do imperativo tanto na 3.ª como na 2.ª conjugação terminava no português medieval em *-i*, que por metaphonia exigia *-i-*, *-u-* no radical tónico².

Os verbos da flexão forte são considerados como irregulares; em muitos delles, porém, a irregularidade consiste apenas em que tem radical tónico o pretérito-perfeito do indicativo, permanecendo a vogal radical dessa linguagem nas suas derivadas, aoristo, imperfeito e futuro do subjuntivo, nos quaes, como já dissemos, a vogal da flexão pessoal é *e* aberto, em vez de coincidir com a do infinito. Nesta flexão, cada uma de taes formas constitúe vocábulo differente, resultante da forma latina de que provém, não sendo essas linguagens, como as da flexão fraca, devidas a analogia, a não ser entre uns e outros d'estes verbos, o que, por exemplo, se observa comparando *tive* com *estive*, *quis* com *fiz* etc. Taes são os seguintes, alguns dos quaes são verdadeiramente irregulares, como se pode ver nas grammáticas:

¹ É manifesto erro de orthographia o reduzir a este typo a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *querer*, escrevendo *quer* em vez de *quere*; basta acrescentar-se-lhe o accusativo do pronome da 3.ª pessoa, (*o*, *os*, *as*) para se tornar evidente que a verdadeira escrita é *quere*, pois que no dialecto culto ninguém dirá de certo *quê-lo*, mas sim *quere-o*, como *ante-o*, *daure-o*, *bre-o*, etc. A conjugação, porém, nenhum inconveniente há em que se escreva *quer*, differenciando-se assim do verbo, como a conjunção-adverbio *ora* se differença do substantivo *hora*, o adverbio *cia* da linguagem *hoje* por *havais*; se é que isto tem essa origem, como presumo, visto que a sua derivação do latim *ecce* offerece difficuldades insuperáveis, e lhe não encontro nenhuma tão accetável como a que proponho.

² Veja-se sobre isto, como sobre muitos outros pontos da phonologia histórica do português, *Die Portugiesische Sprache* do dr. Julio Corvus, in «Grundriss der Romanischen Philologie», Estrashurgo, 1888.

INFINITO	PRETERITO		AORISTO	IMPERS. SUBJ.	FUT. SUBJ.
	1. ^a pessoa	2. ^a pessoa			
dar <i>dár</i> estar <i>stár</i>	dei <i>dêi</i> estive <i>stive</i>	deste <i>dête</i> estiveste	dera <i>dérq</i> estivera	desse <i>dêsq</i> estivesse	der <i>dér</i> estiver
ter	tivo	tiveste	tivera	tivesse	tiver
querer <i>krér</i>	quis	quiseste	quisera	quisesse	quiser
fazer	fiz	fizeste	fizera	fizesse	fizer
dizer	disse	disseste	dissera	disseste	disser
caber	coube	coubeste	coubera	coubesse	couber
saber	soube	soubeste	soubera	soubesse	souber
haver	houve	houveste	houvera	houvesse	houver
[a]prazer	[a]prouve	[a]prouveste	[a]prouvera	[a]prouvesse	[a]prouver
jazer	*jouvo	*jouveste	*jouvera	*jouvesse	*jouver
trazer	trouxe <i>trôsq</i>	trouxeste	trouxera	trouxesse	trouzer
podér	pude	pudeste	pudera	pudesse	puder
vir	vim	vieste	viera	viesses	vier
pôr	pus	puseste	pusera	pusesse	puser

Recapitulação

56. Compendiando o que fica dito, indicaremos, conforme a pronuncia de Lisboa, o valor de cada letra, modificada ou não.

a: tem quatro valores, *â*, *a*, *ã*, *ã*.

1.º *â*, tónico: a) Se se lhe segue consoante, que não seja nasal ou *l*; ex.: caso, casem, furar, goraz, Isaac, etc., e bem assim no ditongo *ai*, como pai, geraes, e no nome da letra *a*.

b) átono: na última syllaba, seguido de *r*; ex.: César, alcáçar, açúcar (pop. *açúcar*).

c) átono: nos nomes proprios Camões, Sabor, e outros, e em alguns appellativos, em que é crase de dois *aa*; ex.: padreiro, caveira, sadio.

d) átono: em crase de outro *â* ou de *a*; ex.: casa-a (= *cizã*), a abadessa (= *abadessa*).

e) átono: antes de *r* da primeira syllaba, ex.: largura, harpejo; nem sempre, porém: factura (= *fartura*); momento, comtudo, se provém de *â* tónico, em derivados conscientes.

f) átono: antes de *c*, *p* ou outra consoante explosiva da mesma syllaba, ou ellas se pronunciem, ou sejam nullas; ex.: adaptar, facção, acção (= *ação*); mesmo, ás vezes, quando inicial, ex.: absurdo, absoluto, também pronunciados *absurdo*, *absoluto*.

g) No ditongo *ai* átono, ex.: painel, pairar, se é seguido de consoante, e também no radical do verbo ganhar (*ganhar*).

2.º *a*, átono ou tónico, sómente antes de *l* da mesma syllaba, e no ditongo *au*; ex.: falta, faltar, pau, paulada (*falta*, *faltar*, *pau*, *paulada*). Quando tónico, muitos pronunciam *a* todo o *a* antes de *l*, mesmo da syllaba seguinte; ex.: *solá*, *falá*, e em Lisboa é esta a pronunciação dominante, mas não a mais aprovada entre os cultos.

3.º *a*, tónico: a) antes de consoante nasal; ex.: ramo, romano, lanho (exceptúa-se o radical de *ganhar*, *ganho*) louvamos, temamos, sintamos.

b) átono, todo o *a* que não está comprehendido nas regras 2.ª a 7.ª de *â*; ex.: *a* (preposição, artigo e accusativo enclítico do pronome ella) cova, fabricou, túbara, partir, apartar, satisfação, arrebatou.

4.º *ã*, tónico ou átono antes de consoante nasal seguida de outra que o não seja, ou aquella se pronuncie, como em pranto, campo, jantar, ou seja nulla, como em cansa, cansar, rancho, arranchejar, granjear, anfião, etc.

á: quatro valores, *à, ç, á, ã*, tónicos.

1.º *á* tónico em antepenúltima syllaba; em última, final ou seguido de *s*; em penúltima, quando a última termina em *i, u*, ditongo ou consoante, que não seja *s* precedido de *a, e, o*; ex.: sátyra, fará, farás, carácter, quási, sável, sáveis, alcáçar (*alkásár*); e na terminação -ámos dos pretéritos; ex.: louvámos. Átono em *á* (*à*) contracção da preposição *a* e do artigo *a* (qualquer dos dois = *a*).

2.º *ç* antes de *l* da mesma syllaba; ex.: cálculo.

3.º *á* tónico, isto é, *ç*, antes de consoante nasal, inicial da syllaba seguinte, em vocábulos esdrúxulos ou inteiros que tenham de ser accentuados gráphicamente; ex.: cânave, câmara.

4.º *ã* tónico, antes de consoante nasal da mesma syllaba, ou ella se profira, ou não, em esdrúxulos ou inteiros que tenham de ser accentuados gráphicamente; ex.: sândalo, gândara, trânsito (*sândalo, âsiq, trázit*).

ã: vale sempre *ã*, isto é, *ç* nasal; ex.: lã, irmã, irmãzinha, christãmente; e no ditongo *ãe* (= *ãi*); ex.: mãe, pães, capitães, Guimarães.

b: dois valores, *b* explosivo, e *β* fricativo, ou é nullo.

1.º *b*, inicial ou medial, depois de consoante, que não seja *s* (= *z, z*); ex.: balde, ambos, teorba, absolvição.

2.º *β*, medial, entre vogaes, final quando não é nullo, e depois de *s* (= *z, z*); ex.: abanar, abbade, cobrir, sob, Jacob (ou Jacó) os bois (= *zē bōis*), Lisboa (= *Liçtôq*), esbirro (= *çbírro*).

Às vezes é nullo; ex.: subtil, ant. sotil.

O grupo *bb* vale *b* singello.

c: três valores, *k, kv, ç*, ou é nullo.

1.º *k*, quando, final de syllaba, se pronuncia; inicial de syllaba antes de *a, o, u* ou consoante; ex.: facção (= *faksão*), cá, côr, cru, claro, faca.

2.º *ç*, (*kv* ou *k* aspirado), final de vocábulo e antes de *o* átono final; ex.: fico (= *fiç*), Habacue (= *çbqçúç*); Isaac (= *Isáç*), melhor escrito dantes Isaque).

3.º *ç*, antes de *e, i, y*; ex.: céu, cirio, cylindro, pendencia, tencionar, receber (= *reçêder*); merecer (= *merçêr*).

Antes de *ç, t*, é muitas vezes nullo; ex.: acção, acto, nocturno, accoder (= *açção, açç, nôiturno, aççêr*).

O grupo *cc* antes de *a, o, u* ou consoante vale *k* singello.

c) nos femininos *esta, essa, ella, aquella, cadella*; *cella* e poucos masculinos, como *Barcellos, Vasconcellos, vitello, farelo, flagello*; enquanto os masculinos tem em geral *ê*. [V. c) na p. anterior].

f) no radical accentuado dos verbos em *-er, -ir*, quando a terminação tem *e*; ex.: *deve, devem, feres, ferem* (de *dever, ferir*).

g) quando a última syllaba contém *e*, ainda que o *e* tónico esteja antes de nasal, comtanto que não pertença a verbo da 1.ª conjugação; ex.: *prece, entregue, solemne, leme*.

h) em geral, quando provém de *ĕ, ae, oe* latinos, se alguma regra da phonologia portugueza se lhe não oppõe; ex.: *cego, terno, evangelho* (*ivãjella*).

i) em vocábulos eruditos tirados de latim e grego, quando se lhe não segue consoante nasal + *a, o*, mormente se são esdrúxulos; ex.: *recto* (*rèto*), *serio, secreto, célere, Ceres, réplica, cérebro, Cérbero* (*sérçbrɔ, sérçbrɔ*).

j) na syllaba *ei*; ex.: *fei, xairei, guelras, acelgas*; neste caso é mais aberto (*ê*).

k) nos ditongos *éu, éi*, que na maioria dos vocábulos proveem da queda ou mudança de *l*, casos em que os escrevemos sempre *éu, éi*; ex.: *céu, vergéu, chapéu, xairéis, painéis, vergéis, réis* (pl. de *real*, moéda nominal de conto).

l) Quando provém da crase de duas vogaes; ex.: *queda, mestre* (ant. *queeda, meestro*); *aqueço, esqueço*.

2.ª *ê*: a) nas terminações dos verbos fracos da 2.ª conjugação; ex.: *devêr, devêra, devêsse*.

b) na tónica de nomes masculinos derivados de verbos da 1.ª conjugação; ex.: *comêço*, (mas, *eu comêço*, de *comêçar*), *encêrro* (mas, *eu encêrro*, de *encêrrar*), *rêgo*.

c) bem assim em substantivos masculinos, como *canêllo, cancêllo*, a par dos femininos *canêlla, cancêlla*.

d) em certos masculinos, cujo feminino tem *e* aberto; ex.: *elle, aquelle, êste, êsse*.

e) antes da consoante nasal da syllaba seguinte, se a ella se segue *o* ou *a* (*ɔ, ɔ*); ex.: *Helena, remo, diadema; scena, pena, penna* (= *pênɔ*), *feno*; mas, *Vénus, Rheno, Magdalena*, com *e* aberto.

f) no radical tónico dos verbos da 2.ª conjugação, quando a terminação contém igualmente *ɔ* ou *ɔ*; ex.: *dévo, deva, devas, devam* (de *dçrêr*), *temo, tema, temas, temam* (de *tçmér*).

g) nos suffixos *ez, esa, esa, esso, essa*; ex.: *sordidez, defesa, avareza, condessa*; nas flexões singular feminina e plural dos nomes em *ês*, que também se escrevem com *z*; ex.: (português, cortês) *portugueses, portuguesa, cor-*

teses, e bem assim nas desinências dos verbos em *-er* da flexão fraca; ex.: *valera, valeste, valemos, valesse, valer*; e no infinito da forte na 2.^a conjugação; ex.: *saber*.

h) no ditongo *eu* (que não provém de supressão de *l*); ex.: *meu, judeu, neutro, Viseu*.

i) em raros vocábulos em *el*, sendo neste caso mais fechado o *ç*; ex.: *felpa, feltro*.

j) em geral são fechados os *ee* procedentes de *ē, ī* latinos, este último sobretudo antes de consoante da mesma syllaba; ex.: *segrêdo, cera, pera, cesta, greda, sêco*, adjectivo, quando regras phonológicas portuguezas se lhe não oppõem, como em *seco*, verbo, *seca*, verbo e nome, *segredo, segreda*, (com *é*) verbo, de *segrêdo*, nome.

3.^o *ē* (= *é*), *e* originariamente fechado ou medio de outros dialectos, antes de consoante palatal, e no ditongo *ei* não resultante de supressão de *l*; ex.: *cereja, fecho, lenha, abelha, reixa, lei, beijo, faxoia, rei, reis* (= *serája, fáxo, lánha, abélha, ráixa, lói, bóiyo, faxáia, rái, ráiá*).

4.^o *ē* antes de consoante nasal na mesma syllaba, ou ella se pronuncie, ou não; ex.: *gente, tempo, dengue, lenço, genro*, (= *jēnte, tēmpo, dēnguē, lēço, jēro*).

5.^o *āi*, escrito *em* quando final, e *em* seguido de *s*; ex.: *bem, bens* (= *bāi, bāia*) e na 3.^a pessoa plural presente indicativo dos verbos *ter* e *ver*, *teem, veem* (= *tāia, vāia*, com o accentto na 1.^a syllaba) que também se podem ler *tāi, vāi*, como é geral na conversação, não se differenciando do singular.

6.^o *ēi*, quando tónico é seguido immediatamente de *a*, ex.: *idéa* (= *idēia*), *platéa* (= *platēia*).

e átono, onze valores: *è, ç, q, z, ãi, i, í, j, l, i nasal, ç*; ou é nullo.

1.^o *è*: a) em syllabas que terminem em *c, p*, pretónicas, quer o *c* ou *p* se profira quer não, e em *r*, átonas finais; ex.: *secção, direcção, accepção, excepção; carácter, cadáver* (= *sékção, dirékção, aképção, isékção; qaráctér, cadáver*); porém *caractères, cadáveres*; ou na syllaba *el*, sendo então mais aberto; ex.: *relvoso, amável, sável, nível*.

b) em raros vocábulos latinos e gregos, inicial e antes de vogal, ex.: *echoar* (*ecóar*) *Eólo* (*éolo*); ou final, ex.: *ave, salve, inclusive* (= *ávè, sálvè, inkluzívè*).

c) em alguns, ainda que poucos, vocábulos em que é crase de duas vogaes anteriores, antes separadas por consoante; ex.: *sediço, esquecer, aquecer, seteira, mestria, vedor* (= *sédicço, isquécér, aquécér, sétéira, mētria, vedór*).

d) em alguns derivados de *e* tónico aberto, antes das pal. *j, lh*; ex.: *sejeiro, de seje; velhice, envelhecer* (= *vélhicç, envelhécç*).

toðlhœr) de *elho*; ou de *r, s* como *hervanario, empestar, Guilhermina* (*êrevadriq, impiâtár, Guilhêrmína*); mas *perder, perdão, herdar, etc.*, (*pêrdêr, pêrdão, îrdár*), e mesmo *certíssimo, certeza, etc.*, (*êrtlôimz, êrtlêzq*), comquanto derivados immediatos e conscientes de certo (*êrtlô*).

2.º ç: postônico na terminação *em* de vocábulos latinos e gregos; ex.: *abdómen, gêrnem, hýphem* (pl. *abdómênes, etc.*).

3.º ž: não inicial antes de consoante nasal na mesma syllaba, quer ella se pronuncie, quer não, excepto nas terminações *em, ems*; ex.: *defender, lembrar, pensar, benjoim* (= *defêndêr, lêmbôr, pêsâr, bêjúi*).

4.º g: no ditongo *ei* átono (= *qî*); ex.: *feitor, amáveis, exame* (*qitômg*).

5.º ãi: nas terminações *em, ems*; ex.: *viagem, viagens, devem*.

6.º i: inicial átono antes de consoante nasal, quer ella se profira, quer não; ex.: *entrar, entender, exame, ensinar* (= *intrâr, intêndêr, itôimg, isinâr*).

7.º i: a) inicial antes de consoante; ex.: *elogio, e* (conjunção), *heróe* (= *itôjliq, i, êrói*), mesmo quando provenha de *é* ou *ê*; ex.: *errar* (substantivo *êrro*, verbo *êrro*).

b) depois das vogaes *a, o, u* quando com ellas não forme ditongo; ex.: *ajaezar, poemeto, duellista, pronunciados* (*ajâizâr, pômêto, duellîta*, derivados de *jaez, pôema, duellô*).

8.º ç: antes ou depois de consoante palatal, incluindo *s* (= *š, ž, ž, ž*); ex.: *despir, estar, espelhar, desenhar, chegar, saudades, ennesgado, feixe, tejoio* (= *dišpîr, štâr, štêphâr, deçinhâr, xigâr, saudádiz, inçgâr, fêixê, têtjôio*). Se ambas as consoantes com as quaes está em contacto, ou a única, são surdas, o ç é proferido em segrêdo, ciciado; ex.: *pestana* (= *pištânq*). Se a *e* se segue *l, r, s, z* (mas não *ž, ž*), ou se o precedem *l, r, o* e vale ç; ex.: *gelar, geral, Jesus, legião, reger* (= *şelâr, şerâl, şezúê, leçião, řer*).

9.º i: átono antes de vogal tónica ou átona, e na subjuntiva dos ditongos *ae, oe, ue* (*âi, ôi, uî*); ex.: *cear, arceiro, area, pae, roe, azues* (= *ciâr, qriçîr, âriq, pai, rui, azúiz*).

10.º i nasal, na subjuntiva dos ditongos *âe, ôe*; ex.: *mães, escrevães, põe* (= *mâiz, şericiâiz, pôi*).

11.º ç: é o valor mais geral de todo o *e* átono entre duas consoantes, nenhuma das quaes seja palatal, quer no interior da palavra, quer final, se não está nas condições anteriores do *e* átono; ex.: *pelo, pela, pelos, pelas* (contração da prep. *pêr*, e do art. *lô, lq*), *ceder, deverá; de, que, se, me, te, lhe* (mesmo apesar de palatal, por ser final), se o vocábulo seguinte não faz que fique submettido a qualquer das regras precedentes,

como por exemplo em: diasseste-lhe hontem que ellos não vinham (= *diásetelhióntái kiléž nāš vinkāo*).

12.º Este *ç* é muitas vezes nullo, se fica entre duas consoantes, ambas surdas, ou ambas sonoras, quer no vocábulo, quer de um para outro vocábulo. Se é final precedido de consoante surda que não seja palatal, mormente explosiva, é nullo também, e esta consoante aspira-se; ex.: desse, Fafe; tape, sete (= *dés, faf; táp, sét*).

É também em geral nullo entre *f*, *v* ou consoante explosiva, e *r*, excepto no futuro e condicional dos verbos; assim, verão, substantivo, perigo, feroz (= *vrāo, prágo, fráis*); mas *verão* (do verbo *ver*), *terço* (do verbo *ter*), *ferocidade*.

É freqüentemente nullo também antes de *r*, ou entre *r* e a fricativa *s*; ex.: querer, parecer, que usualmente se pronunciam *krêr, parêr*. Em razão desta supressão de *ç* em contacto com *r*, o prefixo *per* confunde-se na pronuncia com o prefixo *prç*; assim perdição e predicção, pertinho e pretinho na elocução usual pronunciam-se ambos valendo o *r* por vogal, *prdisão*, como *prtinho*.

ò: è átono, como *prêgar, crêdor, pégada*.

é: dois valores, *è, ê*.

1.º *è* tónico, ex.: *pê, péla, gélido, médico, zéphyro* (= *zéfiro*), *éther*; *cêu, batéia, painéis*. Estes ditongos também se escrevem com *e* sem accento; representam o resultado da supressão de *l* originario, e o *e* em tal caso é sempre aberto.

2.º *ê*, antes de consoante nasal da mesma syllaba, ou ella se profira, ou não; ex.: *têmpera, pénsil* (= *pêsil*), *bênção*, que no norte se pronuncia *benção*, oxytono, em maior conformidade com a etymologia.

ê: sempre è tónico; ex.: *mercê, mercês* (= *mêrsê, mêrsês*), *pêssego* (= *pêssgo*).

f: um único valor, o de *f*, ainda quando se escreva *ff*, ex.: *fraco, bofe, afagar, affeição*.

g: três valores, *g, j, ã*.

1.º *g*: antes de *a, o, u*, ou consoante, e quando final; ex.: *gado, gola, gume, arguir, arguo, grave, gloria, resignar, persignar-se, Gog o Magog*. Às vezes nullo, como em *augmentar, Magdalena, Ignacio, signal, assignar*.

2.º *j* antes de *e* (= *ç*), como geral, *golar* (= *jerál, jêlar*).

3.º *ã* antes *è, ê, i (y)*; ex.: *gênero, gôssao, gia, gyro*.

2.º *i*, antes de consoante nasal da mesma syllaba, quer ella se profira, quer não; ex.: interior, insular (= *intrior, isular*).

3.º *i*, em conjunção com consoante palatal, e sempre antes de *z*, *z* ex.: distância, sismar, bisnaga, bilhar, Lisboa, colligir (= *distância, sismar, bisnaga, lizbôa, kolligir*). Se o *i* fica assim entre duas consoantes surdas, é proferido em segrêdo, ciciado; ex.: pistola (cf. pestana = *pistana*). Em razão desta pronuncia *i*, o prefixo *dis* — confunde-se com *des* — antes de consoante; ex.: dispor, destoar (= *dispor, distoar*) descripção e discrição pronunciam-se ambos *discriçãõ*.

4.º *i*, antes de vogal, tónica ou átona, e nas subjuntivas dos ditongos; ex.: fiar, fiador, labio; pai, sei, foi, fui (= *fiar, fiador, labio, pai, sei, foi, fui*). Se, postónico, é precedido de consoante forte e seguido de *z*, profere-se em segrêdo, ciciado; ex.: patio, palacio.

5.º *i* nasal, só nos vocábulos mui, muito (*mui, muito*), porque os ditongos *ai*, *ei*, *oi* se escrevem com *e*: *ae, em, oe*.

6.º *j* = *ç*: numa serie de syllabas, contendo todas *i*, não seguido de consoante palatal, incluindo *s* (= *z, z*), só o *i* da última, átono ou tónico, assim se profero; os das outras que estão antes della são como *ç*, pronuncia que as orthographias archaicas comprovam ser antiquíssima; ex.: ministro, militar, diçidit, çista, çistat, limite, limitat, Philippe, ridiculo, em que o symbolo *j*, representa *ç*.

Se porém qualquer *i* átono, nestas circumstancias, provém de *i* tónico de vocabulo primitivo na lingua, a tendencia é conservar-lhe o valor de *i*; assim difficilimo, diçiditria, fitinha, peritissimo, risivel, de difficil, diçidit, fita, perito, riso. [Veja-se *i* átono 1.º c) e d) e 3.º]

i, que se poderá accentuar *i*, por ser fechado: dois valores, *i* e *i* tónicos.

1.º *i* tónico, em todos os casos em que não está seguido de consoante nasal; ex.: liquido, nivel, lidimo, legitimo, etc.

2.º *i* tónico, seguido de consoante nasal na mesma syllaba, ou ella se profira, ou sirva sómente para indicar a nasalidade do *i*; ex.: intimo, ingreme, improbo, infimo (= *intimz, ingremz, improbz, ifimz*).

j: dois valores, *j*, *õ*.

1.º *j*, em conjunção com as vogaes *a*, *o*, *u*, *ç*; ex.: já, jôgo, jugo, haja, Jesus.

2.º *õ*, em conjunção com vogaes palataes, *ê*, *ê*, *ê*, *í*, *í*; ex.: franjinha, laranjeira. É raro, porque em seu lugar se

fã, fããz, frãjq, lãã, ãfiãõ); ennastrar (= *inqãtrãr*). (Cf. m, 2.º)

3.º *~n*, isto é, nasalidade da vogal precedente seguida de *n*, antes de *t, d*; ex.: tanto, lindo (= *tãntõ, lĩndõ*).

4.º *~n*, isto é, nasalidade da vogal precedente seguida de *n*, antes de *c* (= *k*) *qu, g, gu*; ex.: manco, renque, longo, enguia (= *mãncõ, rãnqõ, lõngõ, ĩngũã*).

5.º *~i*, isto é, nasalidade da vogal precedente seguida de *i* nasal, na syllaba *-ens* (= *ẽi*); ex.: beua, vintẽna, viagẽna (= *bãũ, vintãũ, viãjãũ*).

O grupo *na*, a não ser o da observação 2.º, vale *n* singello.

o: seis valores, *ò, ô, (õ) õ, õ, ù, ú* nasal.

o tónico: três valores, *ò, ô, õ*.

1.º *ò*: a) quando procede de *õ* latino, ou de *õ, õ* em vocábulos eruditos; ex.: forma, aurora, atroz, copia, prosa; e bem assim nos seguintes comparativos maior (mor), menor, melhor, peor; e no nome da letra *o*.

b) no plural e feminino do sufixo *-oso*, isto é, *-osos, -osa, -osas*, e no radical de muitos substantivos e adjectivos femininos, que teem *õ* no masculino; ex.: formosos, formosa, formosas; tortos, torta, tortas; maçaroca, ova, poça, revolta (subst.).

c) no plural de varios substantivos, que teem *õ* no singular; ex.: ovos (*õvo*), almoços (*almõço*), fogos (*fõgo*). (V. 53.)

d) no radical de verbos da primeira conjugação, que teem *õ* nos substantivos correspondentes derivados, ou que lhes dão origem; ex.: escova (substantivo *escõva*), torno (*tõrno*), ensopa (*sõpa*), olha, olho (= *õlhã, õlhõ*; mas o subst. *õlho*).

e) no radical dos verbos da 2.º e 3.º conjugação, quando na terminação átona há *e* ou *em*; ex.: corre, correm, foge, fogem (de *corrẽr, fugĩr*).

f) antes de *l* final, sendo então mais aberto, e em alguns vocábulos em que *-ol* é medial; ex.: sol, arrebol, solfa.

g) no ditongo *ói* (escrito *õe* quando provém de *ole*, ou é desinencia verbal da 2.º ou 3.º conjugação); ex.: combóio, bóia, lóio; faróes, dóe.

2.º *õ*: a) quando procede de *õ* ou *ũ* latinos, sobretudo se este último está antes de consoante explosiva ou fricativa da mesma syllaba; ex.: cõr, amor, pastor, devedor, lobo, loba, boca, roto, mosto (buccam, ruptum, mustum).

b) no masculino dos adjectivos e substantivos em *-oso*, e no radical de muitos adjectivos masculinos que teem *õ* no plural e feminino; ex.: formoso, torto, maçaroco, ovo, poço; e nos dois vocábulos femininos esposa[s], raposa[s]; mas *espõsas*, «os dois cônjuges».

c) no singular de muitos substantivos e adjectivos que tem *ó* no plural; ex.: poço, ovo, almôço, rôgo, osso, fólgo, ôlho, carôço, fogo.

d) em muitos substantivos e adjectivos, cujos verbos correspondentes da 1.^a conjugação tem *ó* no radical; ex.: ôlho, escôva, tórno, adôrno, accôrdo, [as]sôpro. Mais fechado se está antes de *l*, ex.: sôlto, sôlta; revôlto, revôlta (adj.).

e) no radical dos verbos da 2.^a conjugação quando a terminação tem *o*, *a*, *am*; ex.: soffro, soffra, soffram, rôo, rôa, rôam (de *soffrêr*, *rôer*).

f) nas terminações *oa*, *oo*; ex.: Lisbôa, gambôas, lóa, tóa, bôa (pop. *bôg*), e quando pertence a verbos da 1.^a conj.: dôa, sôa, dôo, sôo, em que é usual não escrever o circumflexo.

g) no digramma *ou*, com *u* nullo; ex.: amou, noute, pouco.

h) no ditongo *oi*, ex.: boi, foi, foice, toiro. Este ditongo alterna indifferentemente com *ou*, mormente antes de *-r-* e *-te*; ex.: noite, noute; moiro, mouro.

ô: antes de *m*, *n*, seguidos ou não de consoante, ou esta se pronuncie, ou não; ex.: som, Solon, rompo, fonte, onça, concha (= *sô*, *Sôlô*, *rômpo*, *fônt*, *ônc*, *cônc*).

o átono: sete valores, *ô*, *o*, *o*, *o*, *ô*, *ô*, *ô* nasal.

1.^a *ô*: a) nas terminações átonas acabadas em consoante que não seja *s* ou nasal; ex.: sôror, álcool (*âlcôol*).

b) inicial ou medial seguido na mesma syllaba de consoante, que não seja *s*, *r*, *l* ou nasal; ex.: optar, cocção, (*ôptár*, *kôccão*); mesmo quando seja nulla essa consoante; ex.: adoptar, adopção (*ôdôtar*, *ôdôção*).

c) inicial em vocábulos eruditos; ex.: orar, orador, oráculo.

2.^a *o*: nos ditongos *oi*, *ou*, e na última syllaba seguido de *n*; ex.: boiar, doutor, côlon, (= *bôiar*, *dôtor*, *côlon*). Antes, ou soava em Lisbôa *o*; assim, osso = *ôso*, mas ouço = *oço*.

3.^a *o*, na syllaba medial átona *ol*, mesmo quando lhe corresponda *ôl* tónico, e em poucos mais casos, não havendo *ôl* átono senão final; ex.: *vôltár* (a par de *vôlta*).

3.^a *o*: é o valor, em regra, do *o* átono seguido de consoante, quando não faça excepção, qualquer que seja o do *o* tónico que lhe corresponda, se não está antes de *l* ou nasal, pertencentes á mesma syllaba; ex.: *fôrmoso*, *informár* (de *fôrma*), *enfôrmar* (de *fôrma*), *portão* (de *pôrta*), *portinho* (de *pôrta*), *postar* (de *pôsta*), *patal* (de *pôsta*), *commôdidadê*, *commôdár commôdo*, (de *cômmôdo*).

4.^a *ô*, seguido de *m* ou *n*, e êstes de consoante; ex.: romper, mondar, onzena (= *rômpêr*, *môndar*, *ôzcênç*).

5.^a *ô*: antes de vogal, ou como subjuntiva de ditongo segundo uma orthographia já pouco usada; ex.: voar, voador; páo, Macáo (= *vôár*, *vôádôr*; *paú*, *maçau*).

6.º ã nasal: no ditongo ão; ex.: pão, coração, órfão (= pãñ, corãññ, órfãñ).

ó: dois valores, ò e õ, tónicos.

1.º ó: antes de consoante, que não seja nasal seguida de outra consoante; ex.: sólido, avó, sótão.

2.º õ: antes de m, ou n seguidos de consoante; ex.: Ómphale, vergóntea (= òfale, vergóntiq).

ô: sempre o valor de ò tónico, segundo as regras da accentuação gráphica; ex.: avô, lôbrego, cômore, rôgo, vôo.

õ: dois valores, õ e õi tónicos.

1.º õ: no ditongo õe (= õi); ex.: põe, corações.

2.º õi: na forma põem, do verbo pôr, e seus derivados (= põiñ, com i nasal); não porém em sõem, tõem, perdõem, que se proferem sõñ, tõñ, perdõñ (pop. pẽrdõññ).

õ: em alguns vocábulos como dôinha (= dôinhq), diferente de doninha (dõinhã), diminutivo de dôna, para designar que o o aberto é átono.

p: dois valores, p̃, p, ou nullo. O grupo pp é igual a p.

1.º p̃: antes de ç, ç, i, ç finais; ex.: tape, tapo, tape-o (= tap̃, tap̃q, tápiq).

2.º p: em todos os mais casos. É nullo ás vezes antes de ç, t; ex.: adopção, adoptar, corrupto.

ph vale f; ex.: philosophia, Pharisca (= filozofiq, fqrizéd).

qu: cinco valores, k, q̃u, qu, kñ, k.

1.º k: antes de ç final; ex.: fique (= fik).

2.º q̃u: antes de i, e final; ex.: terraqueo (= tẽrãq̃iq), colloquio (kplóq̃iq).

3.º qu: antes de è, ê, i, ç; ex.: queda, quê, quite.

4.º kñ: antes de a, (raras vezes e, i); ex.: quatro, frequente (= kñãtrq, frẽkñẽte).

5.º k: antes de a, o, em poucos vocábulos; ex.: quatorze, quociente (= kãtrẽ, kõiẽntẽ), e antes de ç não final; ex.: pequenez, que, querer (pẽkñẽã, kq, kvẽr).

qã: kñ; ex.: seqüencia, liquidar (= seqñẽã, likñidãr).

r: quatro valores, r, r, r̃, rr (= r̃r̃).

1.º r: a) final; ex.: côr, dar, ler.

b) medial entre vogaes, não sendo a 1.^a nasal; *morar, dará, ferira, parede.*

c) depois de consoante explosiva, ou das fricativas *f, v*; ex.: *prato, grato, branco, pedra, fraco, palavra.*

e) antes de explosiva ou fricativa, sonoras; ex.: *arder, largo, arguir; cirzir, margem, herva.*

2.^o *r* (surdo): antes de explosiva ou fricativa, surdas; ex.: *harpa, arte, arco; força, arfar, archote, cor sombria (kôr sômbriq).*

3.^o *r*: a) depois de vogal nasal; ex.: *honra, encenrada, genro (ôrg, bôrcádq, jêrrq).*

b) depois de *l, s, z* (= *z, z*); ex.: *abalroar, Israel (qôqârrâar, zrrqêl),* nos quaes *r* pode pronunciar-se fricativo, *r* (sonoro = *z*).

c) antes de *m, n, l*; ex.: *arma, carne, Carlos.*

4.^o *rr*: inicial, como *rei, rato, rapar.*

rr medial = *rr*; *carro, ferro, curro.*

s: seis valores; *s, z, z, z, z, z.*

1.^o *s*: inicial de vocábulo, ou de syllaba depois de consoante; ex.: *ser, bolsa, causa, balsa, verso*; ou em derivados, como *presuppor*, quando há consciencia da derivação.

2.^o *z*: a) entre vogaes oraes, *casa, rosa, os homens (qômâi).*

b) entre vogaes, nasal e oral, no prefixo *trans*; ex.: *trânsito.*

c) depois de *b*, em alguns vocábulos; ex.: *obsequio (= ôdq-zéqûq),* no qual verdadeiramente está entre vogaes, conquanto o *e* se não escreva.

3.^o *z*: depois de *a, o, u*: a) final de vocábulo na pausa; ex.: *farás, capas.*

b) antes de consoante surda; ex.: *lasca, os tiros, os sacos.*

4.^o *z*: depois de *e, i*: a) final de vocábulo na pausa; ex.: *fretes.*

b) antes de consoante surda; ex.: *peste, chispa, lista.*

5.^o *z*: depois de *a, o, u*, antes de consoante sonora; ex.: *osga, os bois (qê bôii).*

6.^o *z*: depois de *e, i*, antes de consoante sonora; ex.: *fisga, nesga, Lisboa, esmo, cysne, Venceslau, Israel, éa mau (ê mqu), fazes bem (fâzê bii).*

sz, vale por *s*, quando medial, porque *s* singello entre vogaes vale quasi sempre por *z*.

t: dois valores, *t, t.*

1.^o *t*, seguido de *e, o, i* em finais de vocábulos; ex.: *bate, bato, bate-o.*

2.º *t*, em qualquer outra circumstancia.

Os grupos *tt*, *th* valem *t* singello.

u: cinco valores, *u*, *u*, *u*, *ū*, *ū*.

1.º *u*: quando é tónico; ex.: tu, lucto; antes de *l* da mesma syllaba é mais fechado, quer tónico, *ū*, quer átono, *u*; ex.: culto, multar, (= *cūlto*, *multār*).

2.º *u*: quando é átono; ex.: buraco, aluguer, tribu.

3.º *ū*, átono antes de vogal; ex.: agua, mingua, qual, quatro.

4.º *ū*: seguido de consoante nasal na mesma syllaba, ou ella se profira, ou não; ex.: unto, meunçalha, uns, um (= *ūnto*, *mūnçalha*, *ūns*, *ū*).

u é nullo no ditongo *ou*, mas conserva-lhe sempre o valor de *u*; ex.: louvou (= *lōvō*).

â = *á* depois de *g*, *q*, antes de *e*, *i*; ex.: frequente, agüentar.

á: *a* tónico, em antepenúltima; ex.: cúmulo, fúnebre.

v: só um valor, o de fricativa branda labio-dental; ex.: valle, herua, chave.

x: oito valores, *ḡ*, *ḡ*, *ḡ*, *g[ī]s*, *g[ī]s*, *g[ī]s*, *ks*, *s*.

1.º *ḡ*: a) inicial, como xadrez, xairel, xarope, Xenophonte (= *xadrez*, *xairel*).

b) medial depois de consoante, ou entre vogaes, *a*, *o*, *u* em vocábulos de origem popular; ex.: faxa, taxa, roixo (= *rōḡa*), buxo, cartuxo.

2.º *ḡ*: nos mesmos casos seguido ou precedido de *e*, *i*; ex.: Xerxes, Xisto, lixa, fixe, caixa, roixo (= *kāḡs*, *rōḡs*, ou *kāḡs*, *rōḡs*).

3.º *ḡ*: no fim de syllaba, precedido de *e*, *i*; ex.: córtex, mixto, Félix.

4.º *g[ī]s*: na syllaba inicial *ex* antes de vogal; ex.: exame, exemplo, que se pronunciam *g[ī]s*, *g[ī]s*, e mais usualmente *izame*, *izempls*.

5.º *g[ī]s*: na syllaba *ex* antes de consoante surda; ex.: excepto, que se pronuncia *g[ī]s*, ou mais communmente *isectō*.

6.º *g[ī]s*: id. antes de consoante sonora; ex.: ex-ministro.

7.º *ks*: medial em vocábulos doutos; ex.: fixo, anexo (= *fixō*, *anexo*).

8.º *ss*: em vocábulos doutos que há muito se tornaram populares, e nos perfectos e aoristo do verbo trazer; ex.: esdrúxulo, próximo, auxilio, trouxe, trouxera, trouxesse (= *esdrúxulo*, *próximo*, *quáillō*, *trōs*, *trōsēg*, *trōsēs*).

y vale o mesmo que *i*, sendo actualmente apenas um símbolo de orthographia etymológica, ex.: *typo*, *phýsica*; dantes valia *î* ou *í*; *mayor*, *Mandovy* (*máior*, *mândoci*).

z cinco valores, *z*, *z̄*, *ẑ*, *z̃*, *z̄*.

1.º *z*, inicial de syllaba, como *zêlo*, *fazer*, *cirzir*.

Os outros valores são os que correspondem ao *z* final de syllaba, isto é, *z̄*, *ẑ*, *z̃*, *z̄*, *z̄* antes de consoante, *z* antes de vogal, do vocábulo seguinte.

Quantidade prosódica

57. Nas consoantes, se exceptuarmos *r* inicial e *rr* medial, o alongamento só se dá por supressão de *ç* final de vocábulo, seguido de outro vocábulo começado por consoante homorgânica com a que precede o *ç*; em taes casos a primeira consoante explosiva da geminação passa a imploriva; ex.: *veste-te*, pronunciado *vêstetç* em enunciação lenta, mas *vêstetç* na falla usual e descuidada; assim também, por causa de *ti* = *pyroquytí*; a vontade de Deus, pronuncia-se *godatáddêti*; tome-me este conselho = *tómmitkôsólhç*; desce-se = *dêscç*.

A quantidade decididamente longa nas vogaes é igualmente resultado da crase de duas vogaes homorgânicas da mesma serie, ordinariamente de um a outro vocábulo, podendo dar-se como preceito que ella se produz logo que não haja qualquer pausa intermedia. Nestes termos:

$g + g = \grave{a}$; mas $g + \grave{a}$, ou $\grave{a} + g$, ou $\grave{a} + \grave{a} = \bar{a}$, isto é \grave{a} longo.

$\grave{e} + \grave{e} = \grave{e}$ longo; $\grave{e} + \grave{e} = \grave{e}$ longo.

$\grave{e}i + ç = \grave{e}i$ longo; assim, *passaie* = *pasçei*, imper. sing. de *passar*, differente de *passai* = *pasçei*, 1.º do perf. de *passar*; *tornei* = *tørnçi*, mas *torneie* = *tørnçi*.

$i + i$, $i + ç = \bar{i}$; ex.: *fie*, *fi*.

$\grave{o} + \grave{o} = \grave{o}$ longo; $\grave{o} + \grave{o} = \grave{o}$ longo.

$u + u$ ou $u + u$ ou $u + ç = \bar{u}$.

Porém, sendo *e* ou *i* átonos antes de vogal iguaes a *i*, e *o* ou *u* nas mesmas condições iguaes a *u*, não se dá a crase, e portanto não há alongamento.

Pode ainda dizer-se que a vogal tónica é sempre mais longa, a pretónica mais breve, e brevissima a postónica que não seja nasal, não resulte de crase, não constitua ditongo, ou não pertença a syllaba fechada por *r* ou *l*.

Accentuação

58. Accentuação tónica.

Chama-se **accento tónico**, ou **ictu**, a entoação especial de uma syllaba, em geral, em cada vocábulo, que a destaca das mais que o constituem. Nos vocábulos em que há mais de um ictu, ou **accento tónico**, o mais forte, que em português é sempre o último, denomina-se **principal** ou **predominante**, (allemão *hauptton*) e o outro ou outros subordinados ou **secundários** (allemão *nebenton*).

Esta entoação é sobretudo perceptível na vogal única ou na principal dessa syllaba, e em português normal consiste particularmente na elevação da voz e energia maior da sua emissão. (28).

As vogaes que podem ser tónicas ouvem-se nos vocábulos seguintes: (cada), dá, sé, sê, si, só, cõr, tu, lã, venço, sim, som, um; podem igualmente ser tónicas todos os ditongos, e o são na maioria dos vocábulos, quando finais.

As vogaes de *me*, *de* nunca podem ser tónicas na phrase, a não ser ao citarem-se os vocábulos em que ellas entram, por exemplo: «a preposição *de*, a contracção *de*»; nem tam pouco o *s* de *dupor* ou o *g* de *cabog*; porém o *e*, originariamente *ê* fechado antes de palatal, *ê*, *j*, *lh*, *nh*, *ch*, e o *a* antes de nasal (*m*, *n*, *nh*) podem ser tónicos, comquanto em Lisboa qualquer delles valha por *â*, isto é, *â*, (*a* accentuado.)

Accentuação pronunciada

59. Os vocábulos portugueses, com relação a accentuação tónica, dividem-se em quatro espécies.

1.º **Agudos**, ou **oxytonos**, com a última syllaba accentuada ou predominante, como *faltar*, *faltará*, *batel*, *batéis*, *fugi*, *barril*, *moveis*, *contém*.

2.º **Inteiros**, **graves** ou **paroxytonos**, com a penúltima syllaba dominante, como *falta*, *faltava*, *sável*, *móveis*, *cóntem*, *davam*.

3.º **Esdrúxulos**, **dáctylos** ou **proparoxytonos**, com a antepenúltima syllaba dominante: *faltávamos*, *árvore*, *médico*.

4.º **Bis-esdrúxulos**, tendo dominante qualquer syllaba antes da antepenúltima, como *louvávamos-to*, *louvávamo-vo-lo*; estes, porém, só por inclinação, ou adjunção dos pronomes pessoais, complementos átonos, após o verbo. Neste caso mesmo, o **accento** nunca retrocede mais de quatro syllabas, isto é, não pode haver mais de quatro syllabas átonas depois da tónica, por não

haver linguagem verbal que possa ser por si bis-esdrúxula, e porque taes pronomes complementos átonos são todos monosyllábicos, não podendo formar por acumulação mais de duas syllabas, pois que *me*, por exemplo, seguido de *o* contrahe-se em *mo*, *lho*, *lhes*, seguidos de *o*, *a*, em *lho*, *lha*.

60. Pela ordem da sua frequência, tendo-se em attenção a constituição da syllaba final, a accentuação vocabular é a seguinte:

a) São em geral agudos os vocábulos terminados:

1.º em *i*, *u*, seguidos, ou não, de *s* ou outra consoante; ex.: fugi, fugis; bambu, bambus. São raríssimos os terminados em *i* átono, e nos que toem *u* attenuado como final, é esse *u*, com pouquíssimas excepções, escrito com *o* = *u*.

2.º em vogal nasal, seguida ou não de *s*; ex.: irmã, irmãs; maçã, maçãs; setim, setinas; vagom, vagons; Meom; atum, atuns.

3.º em *a*, *e*, *o* seguidos de consoante que não seja *s*; ex.: casal, casar, talher, saber, pavor, farol, Jacob, feroz, capaz.

4.º em ditongo oral, seguido ou não de *s*; ex.: casai, casais; sabei, sabeis; painéis; destróe, destróes; inflúe; azues; sarau, saraus; judeu, judeus; chapéu, chapéus; casou.

5.º em ditongo nasal, seguido ou não de *s*; ex.: aldeão, aldeãos; compõe; salões; capitães; vintém, vinténs (ou vintêe, vintêes, segundo a antiga orthographia, que conviria restabelecer).

Os monosyllabos que não são átonos são evidentemente agudos; ex.: tu, li; lâ, lãs, som, sons, fim, fins, um, uns; pá, pás, pé, pés, dô, dôs, pó, pós; dar, côr, ser; sal, fel, sol; pai, pais, pau, pans, rei, reis, réis, teu, cên, céus, rõe, rões, boi, bois, sou; pão, pães, mãos, põe, pões; bem, bens.

b) São em geral inteiros os vocábulos terminados em *a*, *e*, *o* (*o*, *e*, *i*, *u*) seguidos, ou não, de *s*, em *am*, *em*, *es*; ex.: casa, casas, case, cases, caso, casos, casam, casem; viagem, viagens, (melhor: viágêe, viágêes; mas levem, tomem, em concordância com levam, tomam; *êe*, *êes*, seria melhor orthographia, á maneira dos escritores antigos, e em harmonia com *ão*, *ãe*, *õe*, guardando-se *em* para a terminação átona dos verbos, também em harmonia com *am*, que só neste caso se emprega).

São mais raros os agudos da categoria b) e os inteiros da categoria a).

c) **Esdrúxulos**, que se dividem em duas espécies:

1.ª Com a última syllaba começada por vogal que não faça ditongo com a que precede, e que se contam em geral por inteiros no meio do verso; ex.: *gloria*, *area*, *tabua*, *magoa*, que poderiam ser marcados como inteiros, *gloria*, *arêa*, *tabúa*, *magôa*, pois que em taes casos *e*, *i*, *o* *u*, valem pelas semivogaes *i*, *ú*.

2.ª Com a última syllaba começada por consoante, sendo estes os verdadeiros esdrúxulos; ex.: *cúmulo*, *límpido*, *crédito*, *lôbrego*, *amávamos*, etc., que fora da conjugação muito raros são na lingua popular, sendo quasi todos artificiaes.

Effectivamente, aos três vocábulos *cúmulo*, *crédito*, *límpido*, etc., correspondem outros de origem popular, que são *combro*, *creto*, *limpo* e *lindo*, etc.

É conveniente advertir também que não há vocábulos esdrúxulos em portugûes, nos quaes a penúltima syllaba termine em consoante, em vogal nasal ou em ditongo, a não ser por inclinação dos pronomes monosyllábicos átonos, como *dávam-to*, *dávas-mo*. Dêste modo, vocábulos taes como os inglezes *sinister*, *Washington*, os allemães *ámeiec*, *árbeiten*, os italianos (raros) *Ótranto*, *Táranto*, não existem em portugûes.

d) **Bis-esdrúxulos**, também de duas espécies.

1.ª Terminados em três syllabas átonas, como *louvávamos-to*.

2.ª Terminados em quatro syllabas átonas, como *louvávamo-vo-lo*, sómente possíveis na syntaxe de forma esdrúxula do verbo com o dativo dos pronomes da 1.ª ou 2.ª pessoa do plural, seguido do accusativo da 3.ª

Assim, repetimos, os bis-esdrúxulos só podem apparecer em portugûes em virtude da adjução dos pronomes átonos a uma lingua-gem inteira ou esdrúxula de verbo.

61. A accentuação mais antiga da lingua portuguesa é evidentemente a de última e penúltima; nessa conformidade foram contrahidas as palavras que do latim herdou, e assim é a da maioria dos seus vocábulos, com excepção das linguagens proparoxytónicas dos verbos. Mais tarde estabeleceu-se a accentuação dos esdrúxulos da 1.ª especie; sendo quasi todos os esdrúxulos da 2.ª especie, fora da flexão verbal, de origem artificial, eruditos, copiados dos dactyllicos latinos e gregos, e ainda hoje em pequeno número, comparados aos agudos e inteiros, como já dissemos. Os bis-esdrúxulos devem ser de origem muito antiga na lingua, visto que pertencem á flexão verbal, em que não influíu artificio erudito.

A accentuação vocabular procura-se nos dictionários, que são quasi todos accentuados: basta que citemos, pela ordem das datas das suas publicações, os modernos mais conhecidos e autorizados.

Dictionnaire Portugais-Français de J.-I. Roquette. Paris, Allaud, 1855, que tem a vantagem de ser muito copioso e conter nomes próprios, até geográficos.

Diccionario contemporaneo da lingua portugueza. Lisboa, 1881.

João Felix Pereira, *Vocabulario sonico*. Lisboa, Lucas Evangelista Torres, 1888.

Diccionario Manual Etymologico, por F. Adolpho Coelho. Lisboa, Plantier.

Os três últimos indicam a pronunciação de cada vocábulo, e assim também o de João de Deus (*Diccionario prosodico*); este porém representa a pronuncia culta algarvia, e não o dialecto commum.

Como generalidade, diremos apenas que em português a syllaba dominante é a mesma que a do vocábulo latino original, com as excepções que existem em outras linguas románicas, e a já citada de, nos verbos, o accento não poder recuar além da última syllaba do radical e de se deslocar para a vogal radical por analogia. como, por exemplo, éramos, latim erāmus, por analogia com o singular (V. 54).

Accentuação gráphica

62. Em geral accentúa-se pouco na escrita e impressão usual, sendo a regra de accentuação mais seguida a de marcar a tónica dos vocábulos agudos terminados em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*, e consequentemente os monosyllabos de taes terminações.

Neste trabalho, a accentuação gráphica é próximamente a que foi adoptada nas *Bases da Orthografia Portuguesa*, publicadas por mim e pelo sr. G. de Vasconcellos-Abreu (Lisboa, Imprensa Nacional, 1885), com as excepções de não accentuarmos os esdrúxulos da 1.ª especie, e de marcarmos a tónica dos inteiros, cuja última syllaba comece por vogal.

Estes principios são, em resumo, os seguintes:

I. Os signaes de accentuação gráphica são: *accento agudo* (´), *accento circumflexo* (ˆ), *accento grave* (˘) e *til* (˘). Nesta exposição empregamos também o signal (˘) sobre o *e*, para figurarmos a sua pronunciação varia, e a dominante no dialecto do centro do reino igual a *ê* (ê).

II. Como principio geral accentúam-se gráphicamente só as excepções, sendo (´) o signal por excellencia da syllaba tónica, e servindo o circumflexo apenas para differenciar *ê* de *é*, e *ô* de *ó*.

III. Nesta conformidade não marcamos a vogal tónica dos agudos designados em a) de 23, nem a dos inteiros apontados em b) do mesmo numero, nem a dos esdrúxulos da 1.ª especie, isto é, cuja última syllaba principie por vogal, a não ser para differenciar *ê* de *é* e *ô* de *ó*, como dissemos. Com o mesmo fim de diferencia-

ção marcámos com o agudo os ditongos, sempre tónicos, *éi*, *éu* com *é* aberto, e *ói*, *óe* (= *ói*), para os distinguir de *ei*, *eu*, *oi* (= *ei*, *éi*, *ói*), que vão sem accento, entendendo-se em tal caso que são igualmente tónicos quando finais; assim *fiéis*, *seu*, *sois* pronunciam-se *fiéiã*, *seú*, *sóiã*, em quanto que *fiéis*, *céu*, *sóes*, se pronunciam *fiéiã*, *seú*, *sóiã*.

IV. Os esdrúxulos da 2.^a especie teem sempre marcada a vogal tónica; os bis-esdrúxulos igualmente; e os vocábulos compostos tantos accentos quantos os que pedirem os seus componentes, comtanto que a composição seja consciente. O mesmo preceito se teve em attenção nos derivados com mais de um accento, e que são:

a) os formados com o suffixo *-mente*; ex.: *fácilmente*, *cortêsmemente*, *verídicamente*, etc.

b) os deminutivos ou augmentativos formados com infixos, como *órfão-zinho*, pronunciado *órfãuziãhõ*, e escrito usualmente *órfãozinho*, *homemzarrão*, pronunciado *homẽizgrãõ*.

Ao contrário da accentuação germânica, a última syllaba accentuada é sempre a predominante, qualquer que seja o número e natureza dos accentos secundários que a precedam.

63. Entendido isto, diremos o emprêgo dos accentos gráphicos.

Marcamos com o agudo ('):

a) A vogal tónica dos esdrúxulos da 2.^a especie.

1.^o Quando é *à*, *è*, *ò*, *i* *u*; ex.: *ábito*, *débito*, *lícito*, *flórido*, *lúgubre*.

2.^o *a*, *è*, *ò*, *i*, *u*, antes de consoante nasal da syllaba seguinte; ex.: *lámína*, *ingénito*, *clínica*, *verónica*, *túnica*.

3.^o *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, antes da consoante nasal da mesma syllaba, que os nasaliza; ex.: *ámbito*, *témpora*, *límpido*, *cómputo*.

b) 4.^o Os inteiros cuja vogal tónica seja *a*, *è*, *ò*, *i*, *u*, se a última syllaba não terminar em *a*, *e*, *o* (= *g*, *ç*, *z*, *2*), seguidos, ou não, de *s*, ou em *am*, *em*, *ens*; ex.: *carácter*, *débil*, *débeis*, *crível*, *criveis*, *móvel*, *móveis*, *tribú*, *quási*, *órfão*, *órfãos*, *éxul* (= *éxul*), etc.

5.^o Os inteiros nas mesmas circumstancias quando a vogal tónica for *a*, *e*, *i*, *o*, *u* nasces, por precederem consoante nasal da mesma syllaba (Cf. a) 2.^o e 3.^o); ex.: *cónsul*, *pénsil*, etc.

6.^o O *à* de *-ámos* 1.^a pessoa do plural no perfeito do indicativo dos verbos da conjugação em *-ar*, para a differencar da do presente, que no centro do reino se pronuncia *-ámos*; ex.: *louvámos*, *amámos*, pretérito perfeito; *louvamos*, *amamos*, presente.

7.^o O *u* dos grupos *gue*, *gui*, quando é tónico; ex.: *argúe*.

8.^o Os três vocábulos, *pára*, *póio*, *pólo*, para os differencar de *para*, *pelo*, *polo* (= *para*, *pelo*, *polo*).

9.º As vogaes tónicas *i*, *u*, *e* e *o* (abertos) de vocábulos inteiros não dissyllábicos, quando não formem ditongo com a vogal precedente, ou com a seguinte; ex.: oénte, charrúa, valia, saúdo, roído; porém via, lua (= *vía*, *lua*) por isso que *viã*, *luã*, teriam de ser accentuados *viã*, *luã*, por serem oxytonos.

c) 10.º O *i*, *u* dos agudos quando não formam ditongo com a vogal precedente; ex.: argúí (= *arguí*), ruím (= *ruí*), roí (= *ruí*), Esaú (= *isau*).

11.º Os agudos terminados em *à*, *ê*, *ô*, seguidos, ou não, de *s*, e no ditongo nasal *oa*, *osa* (que melhor se escreveria *œ*) que não pertença a monosyllabos; ou em *éis*, *eu*, *eus*, *ói* (*ôc*) *óis* (*ôca*); ex.: vintém, vinténs; fará, farás; galé, galés; cipó, cipós; batéis; chapéu, chapéus; arrebóes; mesmo quando sejam monosyllabos; ex.: pá, pás, pé, pés, pó, pós, réis, réu, réus; mas tem, tens, bem, bens.

64. Marcam-se com o circumflexo na vogal tónica, quando ella seja *e*, *o*, fechados.

a) 1.º Os esdrúxulos da 2.ª especie ex.: Zêzere, pêssego, lôbrego, cômoro.

b) Os inteiros:

2.º Quando não terminarem em *a*, *as*, *e*, *es*, *o*, *os*, *am*, *em*, *eus*; ex.: Estêvão.

3.º Quando *e* e *o* fechados não formem ditongo com a vogal precedente ou seguinte; ex.: Amôêdo, bôa, vôo.

4.º Todas as vezes que a tónica seja *ê*, *ô*, quando haja outro vocábulo escrito com as mesmas letras, em que ella seja *é*, *ó*; ex.: gêlo, fôrça, sôem, a par de gelo, força, soem (*jêlo*, *fôrça*, *sôem*).

5.º O *ê* dos verbos monosyllábicos em *-êr*, na 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo, e do verbo *dar* do presente do subjuntivo: erêem, vêem, lêem, dêem; porém veem, teem (*ceêem*, *teêem*) dos verbos *vir* e *ter*, diferentes dos singulares *tem*, *vem* (*têi*, *vêi*), distinção moderna, mas que se tornou geral na pronuncia culta.

c) 6.º Os agudos em que a tónica seja *ê*, *ô*, seguidos, ou não, de *s*, mesmo os monosyllabos; ex.: avô, avôs, mercê, mercês, portugêes, vê, vês, pós.

7.º Os agudos terminados em qualquer consoante que não seja *s*, em que a vogal tónica seja *ê*, *ô*, quando houver outro vocábulo escrito com as mesmas letras que tenha *e*, *o*, com outra pronunciação, mesmo que sejam monosyllabos; ex.: côr, pôr, fêz, quê, a par de cor (*côr*), por (*pôr*) fez (*fêz*), que (*quê*, *qui*, *quí*), colhêr, a par de colher (*colhêr*).

65. O accento grave emprega-se nos seguintes casos :

1.º Para marcar *â, ê, ô* (abertos) átonos, quando haja outro vocábulo escrito com as mesmas letras, em que elles tenham outro valor; ex.: *prêgar, pâulada, môlhinho*, a par de *pregar, paulada, molhinho* (= *pregár, pãulada, mólhinho*), *Sâbor* (= *sâbôr*), nome do rio, a par de *sabor* (*eqbôr*).

2.º Para indicar, em caso de necessidade, o som de uma vogal aberta, *â, ê, ô*, etc., sem referencia a ser tónica; ex.: *sâdio, arrêdio, còrar, desâbar*.

3.º No *u* dos grupos *que, qui, gue, gui*, quando, sem ser tónico, se profere; ex.: *frequênte, argúirei* (= *frêquêntê, argúirêi*).

4.º O *i, u*, átonos, que não façam ditongo com a vogal precedente, quando seja necessario indicar esse facto; ex.: *saúdade, valdade, reúnir* (= *riunír*), *viúvez* (*viuvêz*).

66. O til (*˘*) vale como accento da vogal nasal *ã*, e dos ditongos *ão, ãe, ãe*, quando não houver outra syllaba gráphicamente accentuada no vocábulo; ex.: *farão, escrivães, compõe, irmã*; mas *órfão, órfã, Estêvão*, que são inteiros.

67. Os bis-esdrúxulos tem marcada a accentuação dos verbos de que procedem; ex.: *dávamos-to, comprávamo-vo-lo*, e assim também os inteiros e esdrúxulos do mesmo modo provenientes de inclinação dos pronomes átonos; ex.: *dá-to, dava-to, damos-to, davam-to, deram-nos, vê-o* (= *dát₂, dávat₂, dámat₂, dêram₂, vê₂*).

Considerações sôbre a pronuncia do português do centro do reino no tempo de Camões

68. Comquanto seja pouco provável que em Portugal se adopte uma leitura rigorosa dos *Insuladas*, que represente aproximadamente aquella que o proprio poeta lhes daria, não é ocioso, todavia, dar aqui algumas indicações das differenças entre essa pronuncia de há três séculos e a actual, as quaes serão sem reluctancia aproveitadas por estrangeiros, a quem hábito adquirido não dá o preconceito de que só a sua pronunciação é legítima, como acontece aos portuguezes com respeito ás suas, individuaes ou dialectaes. Serão esses preceitos suggeridos dogmáticamente, porque a demonstração e justificação delles tomaria espaço descabido nesta publicação. Sabem os estudiosos estrangeiros que essa leitura rigorosa é hoje considerada uma necessidade absoluta em philologia, e cremos que lhes serão gratas as considerações que vamos apresentar, porque lhes pouparão trabalho improbo e talvez sem fructo.

69. Em primeiro lugar, e porqua em qualquer modo de pronun-
ciação o preceito é de igual fôrça, seja para que verso for, os *ce*
âtonos nunca devem ser elididos, quando o poeta não contou com
essa elisão para a sua feitura: desta maneira, logo na Estancia I
do poema, no 3.º e 5.º versos

*Por mares nunca de antes navegados
E em perigos e guerras esforçados,*

cumpra que o *e* de *mares* e o de *perigos* sõe distintamente, como
sõa em *terás*, differente de *trás*, monosyllabo.

Esta regra não é geralmente observada pelos portuguezes, nem
mesmo no theatro normal, a não ser por um ou outro actor mais
consciencioso e sabedor, o que faz que ali se recitam errados taes
versos. Em um soneto de Camões, o mais afamado de todos, é usual
errar-se o 1.º verso do 1.º terceto, pela elisão, feita duas vezes, do
e surdo, tirando-lhe duas syllabas!

E se vires que pode merecer-te

que lêem:

E se vir's que pode mer'cer-te

em vez da leitura correctã:

E se virs que pode merçer-te

A suppressão, pois, do *e* surdo em conjunção com *r*, tam vulgar,
e perfeitamente admissível e admittida na conversação usual, tole-
rável mesmo na leitura ou declamação de prosa, é um erro gros-
seiro nas do verso, todas as vezes que ella não esteja indicada;
ler-se há, portanto: *esperança*, *florçs*, como se lê *terá*, *verá*; *ver-
rão*, substantivo, como *verão*, futuro do verbo *ver*, e não *esperança*,
flora, *vrão*, pronunciações correntes na falla trivial.

70. Parece averiguado que há três séculos a pronuncia do por-
tuguês de Lisboa differia da actual nos seguintes pontos, que deve-
riam ser tidos em attenção numa leitura rigorosa do poema.

I. O *s* inicial e *ss* mediaes (*saber*, *passo*) differencavam-se de
ç ou *c* antes de *e*, *i*, em que, como ainda hoje em Trás-os-Montes
e parte do Minho e Beiras, eram proferidos com a superficie anterior
do ápice da lingua, aproximando esse ápice, assim côncavo, das gen-
givas dos incisivos superiores, posição que denominámos reversa, e
que indicámos pelo symbolo *ç* (isto é, *f*). Este valor do *s* manti-
nha-se-lhe depois de consoante, quando final na pausa, e antes das

consoantes surdas *p, t, c, qu, ç, f, x*. Portanto o vocábulo *passo* era diferente de *paço*, êstes pronunciava-se *éstçç* (V. 42).

II. Semelhantemente, *z* inicial ou medial diferenciava-se de *s* sonoro entre vogaes, em que êste era, como é em Trás-os-Montes e parte do Minho, um *z* proferido com os órgãos na mesma posição que fica descrita para o *s* inicial (V. p. 47), distinguindo-se consequentemente o vocábulo *coser* (*cozér*) do vocábulo *cozer*. Esta pronuncia do *z* pode designar-se por *ç* ou *z* (= *ç*). Êste som tinha igualmente o *s* antes de consoante sonora, *b, d, g, gu, z, j, v, m, n, nh, r, l, lh*, quer dentro de um vocábulo, quer de um para outro vocábulo, e do mesmo modo o *s* final na junção com a vogal inicial seguinte: *azarouçç*, e não *azarmaç* = *as armas*.

O *z* final, porém, assim como o *z* interno, muito raro, antes de consoante surda, proferia-se, o que acontece actualmente em Trás-os-Montes, como *ç*: assim *paz*, *luz pallida*, *luz azul*, *luz verde* pronunciavam-se respectivamente: *paç*, *luzpálidç*, *luzazúl*, *luz(z)verdç*.

III. O *ch* era explosivo, quasi *îç*, como o é em quasi todo o norte do reino, distinguindo-se de *ç*. É, porém, duvidoso se *ge, gi* e o *j* valiam também por *dj*, ou se tinham o seu valor actual.

IV. É muito de presumir que as vogaes finais de syllaba tónica antes da consoante inicial nasal da syllaba seguinte fossem nasaes, como o são na Beira Alta e Algarve; assim, *cama*, *pena*, *sanha*, *lenho*, *cimo*, *dono*, *fumo* deviam proferir-se *câma*, *pêna*, *sânha*, *lênho*, *cîmo*, *dônno*, *fîmo*.

V. O *e*, que quer dizer, o *e* theóricamente fechado antes de consoante palatal, *ch, x, j, lh, nh*, e bem assim o do ditongo *ei* (não o de *éi*) diferenciava-se de *a*, como ainda acontece em uma grande parte do reino, em ter provavelmente o valor de *ê*, que no principio dêste século conservava em Lisboa; dêste modo *sêja*, *fêcho*, *fêixe*, *lênha*, *abêlha*, *rêi*, e não *sêja*, *fácho*, *fâixe*, *lânha*, *abêlha*, *râi*. Análogamente o ditongo *êe* (em da orthographia actual) era diferente de *âe*, e por consequente bem (= *bêi*) não rimava com *mêe*; *têe*, *vêe* liam-se *têi*, *vêi*.

VI. Deviam existir os ditongos *îi*, *ûû*, *ôô* (*ôû*), que precederam as nasaes finais de vocábulo, taes como *um*, *fim*, *dom*, do que dá testemunho Duarte Nunes do Leão.

VII. O ditongo *ou* era diferente de *ô*, em que se condensou no sul, do Mondego para baixo, e devia proferir-se *ou*.

VIII. A syllaba inicial *em*, *en* átona devia pronunciar-se *z(m)*, *z(n)* e não *i*, *in* ou *en*, como acontece actualmente, com excepção do Alentejo e Algarve; e portanto a primeira syllaba do vocábulo *entender*, por exemplo, pronunciava-se *ên* e não *in*, *êntêndêr*, não *intênder*.

IX. O ditongo *ui* de *mui*(to) não era nasal; assim pronunciava-se *múi*(to) e não *mūi*(to).

X. As formas femininas *esta*, *essa*, *aquella* e *ella*, e seus pluraes tinham provavelmente o *e* fechado, como as masculinas, e conforme ainda hoje é uso em Trás-os-Montes e outros pontos do reino: *éta*, *éla*, e não *ésta*, *éla*, etc.

XI. O *ç* antes de palatal é natural que se achasse confundido com *i* quando átono, no valor de *ɨ* commum aos dois, o que acontece actualmente em quasi todos os falares do reino; antes, porém, de *s* seguido de consoante ou *s* final, tal confusão não se dava, porque, como dissemos em I e II, o *s* não era palatal, mas sim reverso.

Concluiremos por uma justificação.

Parecerá não haver fundamentos para se attribuir ao português central do século XVI a existencia dos sons *ç*, *ç* que actualmente assumem *e*, *o* átonos de syllabas abertas, fechadas por *s*, ou por *r* antes da tónica, e o de *ɨ* que adquirem *e*, *i* átonos, em conjunção com palatal.

Os nossos argumentos para manter essas transcrições, confessamo-lo, são de carácter negativo.

O dr. Julio Cornu, no número 68 da obra que citamos em nota a pág. 66, expressa-se d'este modo a tal respeito: «Este enfraquecimento das vogues *e*, *o*, que foi prejudicial para a euphonia da lingua, não é antigo, pois na primeira metade do século XVII ainda ellas se pronunciavam *ç*, *ç*». E confirma esta doutrina no número 298 com relação ao *e*.

Esta affirmação é terminante, quasi preceptiva, proferida por um romanista de tamanha autoridade, e cuja sudez, perspicacia, erudição e segurança de método se patenteiam em todo aquelle escrito, como antes delle já se achavam demonstradas por outros muitos, quer referentes ao português, quer a outros idiomas neo-latinos.

As nossas objecções a este ponto de doutrina são as seguintes:

1.º Para apreciarmos rigorosamente os valores das graphias do português archaico e o das indicações ou omissões dos nossos grammaticos coevos falta-nos a contraprova de documentos preciosos, como os que auxiliaram, por exemplo, Ellis¹ e Sweet² nas investigações sobre as pronuncias inglesas anteriores ao século actual e na sua determinação, contraprova ministrada pelas descrições e comparações feitas por autores e grammaticos estrangeiros, também coevos, com relação a essas pronuncias.

¹ *Early English pronunciation*.

² *A history of English sounds*. 1.º ed. 1874, e subtítulo 2.º ed. 1888.

2.^a Em nenhum dialecto continental ou insular português, nem mesmo daquelles que, como os trasmontanos, conservam particularidades phonéticas mais archaicas, perdurou o mais pequeno vestigio de que *e* e *o* átonos tivessem outra pronunção, differente da que se lhes dá presentemente no centro do reino; antes alguns factos parecem confirmar a doutrina opposta, taes como o valor de *ç* antes de *s* final de syllaba, a pronuncia açoreana *mülhêr*, e a escrita camoneana *fofuro*.

Só no Brasil se dão as excepções á regra geral; mas, ainda assim, os fallares do Brasil estão bem longe de enumerados e conhecidos todos, quanto mais estudados. Só no Brasil, dizemos, se observa que aquellas vogaes teem, respectivamente, os valores de *ê* (e também *i*, note-se), e de *ó*, mais ou menos fechados.

Ora, os fallares brasileiros, ao contrario do que poderia suppor-se e já se tem dito, não representam, em grande maioria de casos, na sua pronuncia, um português archaico do continente, que ahí persista em estado de boa conservação; mas esse português, modificado na bôca de estrangeiros no sentido de menor complexidade da syllaba e da sua mais clara enunção e delimitação, adquiridas essas qualidades á custa da rapidex e da fluencia da loquela, tam peculiares, hoje pelo menos, do português fallado na Europa. Ganhou ou perdeu o brasileiro? Os estrangeiros o dirão!

É por estas razões que nos pareceu preferível a interpretação que adoptámos para o português quinhentista, com referencia a essas duas vogaes átonas. Com effeito, conforme o nosso modo de ver, *ê* (*i*), e *ó* átonos no Brasil não são reliquias do português continental de outras eras, mas sim um producto crioulo, um defeito de pronuncia estrangeira, como outras particularidades que lá se nos offerecem, e cujos dominios respectivos estão por determinar.

Taes são: um *ç* final tónico que deve ter-se originado em hábitos de pronuncia indigena, *abancheenga*; o *ã* ou melhor *ã* pretónico em lugar de *ç*; o *ř* fricativo sonoro (2) inicial;

¹ Cabe aquí citar duas opiniões contradictorias: uma de autor inglés, que há cinquenta annos declarava ser o português «as a conversational language, superior to the Spanish»; a outra de um phoneticista e glottólogo eminente, o professor Frederico Wulff, da Universidade de Upsala, e que é um primor de observação insuspeita e imparcial. Exprime-se assim a pág. 6 do seu opúsculo intitulado *Un chapitre de Phonétique avec transcription d'un texte andalou*, Estocolmo, 1889: «Il est curieux, du reste, de comparer le castillan, ou le latin prononcé à la castillane, d'un côté avec la prononciation portugaise et de l'autre avec l'andalouse. Le portugais affecte souvent quelque chose d'étranglé, de palatalisé, il tend à faire de l' a un æ ou a (= ä), de l' o un u (ou), de l'e un i, et de supprimer autant de voyelles átones que possible, tandis qu'il nasalise nombre de voyelles et abonde en chuintantes... Le parler portugais peut avoir des effets agréables et beaux, je le sais bien, mais en venant d'Andalousie on le trouve rude à l'oreille».

çr, fricativo surdo (τ) final, commum no Rio de Janeiro e cremos que também no Maranhão; o alongamento das vogaes pretónicas, que, destacando-as como na medição do verso, transmitta á elocução aquelle carácter preguiçoso e lento de dicção arrastada, que é sem dâvida grato aos ouvidos, mas que contrasta singularmente com a energia do fallar português, e que denuncia immediatamente o brasileiro, seja qual for a terra da sua naturalidade, e o differença do individuo nascido e criado em Portugal.

Os dialectos do Brasil, pouco estudados, é verdade, scientificamente ou em qualquer modo, por escrito, são familiares, comquanto indiscriminadamente, aos ouvidos portuguezes, sobretudo em Lisboa. Revelam, de certo, muitos factos de interêsse a respeito do léxico archaico, pouquissimos que elucidem a phonologia ou a syntaxe dos tempos do descobrimento e escassa colonização europeia das Terras de Santa Cruz. Portanto êsses phenomenos especiaes interessam á phonologia geral e á psychologia da linguagem em absoluto; pouco, muito pouco, ao estudo grammatical do português da idade aurea da nossa literatura.

Um facto há que os estrangeiros geralmente desconhecem. O português adquire rápidamente os maes dos hábitos da pronuncia brasileira, se para o Brasil emigra em idade juvenil e lá se demora; ao voltar á patria trá-los encarnados em si, e difficilmente os vem a perder de todo. Mais ainda: mesmo sem sair de Portugal fácilmente os imita por mofa, quasi instinctivamente, se lida com brasileiros. Êstes, pelo contrario, a custo se afazem ás pronuncias portuguezas, por muito tempo que em Portugal residam, se para cá não vieram em novos, e se não conservaram sequestrados dos seus conterraneos. E ás vezes nem assim. Posso citar um exemplo notável de teimosa, espontanea e inconsciente persistencia de typo brasileiro de pronuncia: uma senhora, vinda para Portugal aos onze annos, e educada em um convento nas immedições de Lisboa por mestras portuguezas e estrangeiras, conservava aos dezoito annos ainda o ditongo *çi*, substituindo *ai* (*em*), não obstante os motejos que esse brasileirismo provocava da parte das pessoas que com ella conviviam, e isto apesar de haver adquirido menos má pronunciação inglesa e franceza. Êsse valor dado a *-em* é um dos poucos restos de archaismo português que teem perdurado no Brasil.

Discussão mais longa seria fora de propósito aqui; e reccio que, mesmo superficial como foi, tomasse já logar demasiado. Encetei-a como justificação da doutrina que segui em opposição á expressada pelo douto professor da Universidade de Praga. Principalmente o fiz porque a obra indicada, pela sua especialidade e pela perfeição com que foi levada a cabo, está, ou deve estar, nas mãos de todos os que fora, ou mesmo dentro de Portugal, se consagram ao estudo do português; e uma contradicção tácita a preceitos alli

formulados poderia ser considerada como desconhecimento ou menosprezo desse livro, que, sem vislumbre de dúvida, faz época como instrumento de ensino histórico do português, e avulta preeminente na collecção de que faz parte, pelo que respeita á phonologia, morphologia e etymologia dos vocábulos, únicos pontos que teve em vista o seu autor.

Diremos ainda algumas palavras sôbre a orthographia que aqui adoptámos.

Como o leitor terá visto, pertence ella ás que se denominam etymológicas; com a differença, porém, de outras muitas assim chamadas, pretende sê-lo rigorosamente. Adoptámo-la, para não trazer-mos mais uma novidade em opposição ás usanças patrias, quando já no systema de transcrição havia tantas, e de modo nenhum porque respeitemos as etymologias, fora do português, como norma de escrita portuguesa.

Para nós a melhor orthographia será aquella que, attendendo á evolução do nosso idioma, mais conforme estiver com o padrão medio da pronuncia, como o estão a italiana e a hispanhola.

Para este effeito, entendemos de necessidade fazerem-se quanto antes as seguintes simplificações, que enumeraremos pela ordem da sua urgencia:

I. Proscrição absoluta e incondicional de todos os symbolos de etymologia grega, *th*, *ph*, *ch* (= *k*), *y*.

II. Redacção das consoantes dobradas a singellas, com excepção de *rr*, *ss*, mediaes, que tem valores peculiares.

III. Eliminação de consoantes nullas, quando não influem na pronuncia da vogal que as preceda.

IV. Regularização da accentuação gráfica. Esta última deixamo-la exemplificada em todo este escrito.

Se o leitor quizer sôbre esse objecto mais ampla informação, pode consultar as *Bases da Orthographia Portuguesa*, que citámos a páginas 87 do presente opúsculo.

TRANSCRIÇÕES PHONÉTICAS

DAS

TRÊS PRIMEIRAS ESTANCIAS DOS LUSÍADAS

CONFORME A

PRONÚNCIA ACTUAL DE LISBOA

E A

PRESUMÍVEL NO TEMPO DE LUÍS DE CAMÕES

Os vocábulos átonos são transcritos reunidos áquelles a quo se prendem
e de cuja accentuação foram dependentes.

Edição de 1892

I

As armas e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram;

II

E também as memorias gloriosas
Daquelles Reis que foram dilatando
A Fée, o Imperio, e as terras viciosas
De África e de Asia andaram devastando;
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando —
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte!

III

Cessem do sabio Grego e do Troiano
As navegações grandes, que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das victorias que tiveram:
Que eu canto o peito illustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram;
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

Pronuncia actual

I

qzáfmgz iqiðgrðiz qsiqláðqð,
 kçðqðsidðntát práiq lqzítqng,
 pçrmárix nūnkq dāntix nqvçgáðqð,
 pqsárād qindālāin dqtqprqðqng;
 iðimpçriçqz iguðfřqz iðfçraðqð,
 māl dçkç prçmçtiā fçrsq ðmqng,
 çntre jçntç řçmóiq idçřkárād
 nõvç řqñç kçtðntç sublimárād;

II

itāmōāi aizmçmōriāz glçriōçqz
 dqquðlix řqñ kçfçrādūn dilçtāndç
 qfç, ðimpçriç, igðtðfřqz viziōçqz
 diáfriçq idiāzi ðndárādūn devçitāndç;
 igquðlix kçpçróðrçqz vçlçróçqz
 çvādūn dçlçi dçmórtç libçrtāndç;
 kāntāndā iðpçlçqçřqð pçrtōðç pāri,
 siçtāntç miçjudār ðljçnhç iāri.

III

sçsāin dçsāðiq grçgū idçtroiqng
 çtngvçççsðix grāndix kçfivçrād;
 kálççç diçlixāndrū idçtroçjçng
 çfçmq dçivitóriçq kçtivçrād;
 quidā kānt ūpçitā ilāstre lqzítqng,
 çkāi nètānū imāri ððçðçsðrād:
 sðçç tūðūquiqmāz āntiqç kāntç,
 quidçtrç vçlçr mālççltç siçlçvāntç

Edição de 1572

I

As armas, & os barões affinalados,
Que da Occidental praya Lusitana,
Por mares, nunca de antes nauegados,
Passaram, ainda alem da Taprobana,
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana:
Entre gente remota edificaram
Nouo Reino, que tanto sublimáram.

II

E tambem as memorias gloriofas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas
De Africa, & de Asia, andaram deuaftado
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da ley da Morte libertando.
Cantando espalharey por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

III

Ceffem do fabio Grego & do Troyano,
As nauegações grandes que fizeram:
Callese de Alexandro, & de Trajano
A fama das victorias que tiueram,
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,
A quem Neptuno, & Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se aleuanta.

Pronuncia do seculo XVI

I

qzãrmaz iqzbrðiz qzinqldãdzs,
 kçdqðsidẽntãt prãiq luzitãnz,
 pçrmãrçz nũnkq diãntçz nqvcgãdçz,
 pççãrãũ qindãlðin dçtçpççbãnz;
 ðimpççrigçz iguẽççrçz ççççrsãdçz,
 mãizdqkẽ pççmçtiã fõrsq ãmãnz,
 çntçz jẽntç ççmõtq idifikãrãũ
 nõvq ççinq kçtãntq çublimãrãũ:

II

itãmbõiz açmçmõriqz glçriõzçz
 dqquðlçz ççiz kççrãũ dilçtãndq
 ççç, ãimpççriq; iqçtççççz viçiõzçz
 diãfrikq idiãzi ãudãrãũn dççççtãndq;
 iqquẽlçz kççççrõbrqz vçlççrõzçz
 ççvãũn dqçlçi dqmõrtç libççrtãndq;
 kãntãndũ ççççlçççrçi pççtõdq pãrtç,
 çççtãntq miqjudãr ãjççnhq iãrtç.

III

sãçðin dqçãbçz grççũ idçtrçiãnz
 ççççççççççççz grãndçz kççççççãũ;
 kãlççç diçliçãndrã idççtrççãnz
 ççãmq dqççvitõriqz kççivçrãũ;
 quidũ kãnt ãpçitũ ilũççtrç luzitãnz,
 çquçði nẽtũnũ imãrti ðbççççççãũ:
 sãçç tãdũquigãmãz ãntigũq kãntq
 quidũtrç vçlõr mãizçççççç çççççãntq

INDICE

Parte I.— Noções preliminares :

Nomenclatura.....	1
Pyramide das vogaes.....	10
Das vogaes em especial.....	11
Systema orgânico das vogaes.....	13
Vogaes nasaes.....	14
Accidentes intrinsecos das vogaes.....	15
Pyramide monogrammatica das vogaes.....	17
Vogaes combinadas.....	18
Accidentes extrinsecos das vogaes.....	18
Accidentes intrinsecos e extrinsecos das consoantes.....	20
Permutações.....	24
Syllaba, vocábulo e pausa.....	24
Transcrição e notações.....	26
Quadro synoptico das consoantes.....	29
Exemplificação das consoantes.....	31

Parte II.— Pronuncia normal portugueza :

Sons e sua escrita.....	43
Consoantes portuguezas.....	49
Vogaes.....	51
Correspondencia entre as vogaes tónicas e as átonas.....	55
Influencia de vogaes postónicas nas accentuadas.....	57
Conjugações e flexões dos verbos.....	58
Verbos de radical invariável.....	60
Verbos com vogaes alteráveis no radical.....	63
Recapitulação.....	68
Quantidade prosódica.....	83
Accentuação.....	84
Considerações sobre a pronuncia do portuguez do centro do reino no tempo de Camões.....	90
Transcrições das três primeiras estancias dos <i>Insuladas</i>	97

ERRATAS

Pag.	Linh.	Onde se lê	Leia-se
6	15	ancípites, eiciadas :	ancípites, eiciadas
23	36	padiola;	padiola,
26	9	sóbria	sobria
32	22	arabe.	árabe.
37	1	l.	l.
42	24	conhecidas, φ :	conhecidas : φ ,
42	26	o . inicial	o \dot{h} inicial
46	42	aínda; (δ)	aínda (δ)
64	32	semelhantemente	semelhantemente,
65	42	construe,	construe
76	24	sýmbolo f .	sýmbolo f

À bibliographia indicada a p. 1-2 devemos acrescentar :

Paul Passy : *Les sons du français*, 1892 : livrinho de aspecto modesto, mas de subido valor, e que deve estar nas mãos de todos os professores de francês.

Johan Storm : *Englische Philologie. Anleitung zum wissenschaftlichen Studium der Englischen Sprache. I. Die lebende Sprache. I. Abteilung: Phonetik und Aussprache*. 1892.

É a Parte I da 3.^a edição (2.^a allemã) do livro citado a p. 2. Mal o pudemos percorrer por enquanto; examinámo-lo comtudo já o sufficiente para reconhecermos que é digno do abalisado professor de philologia românica e inglesa na Universidade de Christiania. Escripto em allemão, está assim mais ao alcance dos estudiosos; é de sentir, porém, que o illustre glossólogo o não tivesse de preferencia editado em francês, para que o conhecimento e aprêço delle se diffundissem ainda mais, tam manifesta é a sua utilidade, e tamanho o seu merecimento.

Folgamos em ver que o competentíssimo phoneticista (p. 70) tem agora por bôa a distinção que fizemos entre o *s* normal e o *s* (*ʃ*) castelhano, objecto sôbre o qual tivemos larga discussão em 1889, fallando ambos em hispanhol, idioma em que se expressa com muita facilidade.

Acôrca das vogaes nasaes portuguezas seguidas de consoante explosiva (p. 64), confessei já que não tinha eu razão. Leia-se neste opúsculo o que digo a p. 52-53: *canta* é effectivamente *cãtã*, e não *cãtã*; já o reconhecera no *Maître Phonétique*, 1892, p. 54.

Repetimos: o livro, tal qual se apresenta, é o mais completo e perfeito tratado de phonética applicada de que temos noticia, e certissimamente aquelle cuja leitura é mais agradável e instructiva, mesmo para os que o consultem por mera curiosidade. A grande copia de observações pessoais e autorizadas dá-lhe um realce, que é raro encontrar em trabalhos desta natureza. Com muito encarecimento pois o recommendamos a todos os que sôbre este objecto queiram ampla informação, dada num estilo ameníssimo e pittoresco. Ansiosamente esperamos o seguimento de publicação tam valiosa, não só para o conhecimento em especial do inglês, mas igualmente para o estudo da glossologia em geral.